



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS MESTRADO EM  
LETRAS/ESTUDOS LITERÁRIOS

Andreza dos Santos Flexa

***REVISTA MODERNA (1897-1899): Um Correio Ilustrado por uma  
Rede de Relações***

Belém – PA

2019

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a)  
autor(a)**

---

F619r Flexa, Andreza dos Santos  
Revista Moderna(1897-1899): : Um Correio Ilustrado por  
uma Rede de Relações / Andreza dos Santos Flexa. — 2019.  
112 f. : il.

Orientador(a): Prof<sup>a</sup>. Dra. Germana Maria Araújo Sales  
Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em  
Letras, Instituto de Letras e Comunicação, Universidade  
Federal do Pará, Belém, 2019.

1. Revista Moderna. 2. Rede de relações. 3.  
Colaborações. I. Título.

CDD 090

---

Andreza dos Santos Flexa

**REVISTA MODERNA(1897-1899): Um Correio Ilustrado por uma Rede de  
Relações**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (Estudos Literários) da Universidade Federal do Pará, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Estudos Literários  
Orientadora: Profa. Dra. Germana Maria Araújo Sales.

Belém – PA  
2019

## FOLHA DE APROVAÇÃO

Andreza dos Santos Flexa

*REVISTA MODERNA* (1897-1899): Um Correio Ilustrado por uma Rede de  
Relações

Banca Examinadora

---

Profa. Dra. Germana Maria Araújo Sales (Orientadora)

---

Profa. Dra. Valéria Augusti (UFPA)

---

Profa. Dra. Simone Cristina Mendonça de Souza (UNIFESSPA)

Avaliado em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Parecer: \_\_\_\_\_

*Dedico esta dissertação, de modo especial, àquela que esteve comigo na caminhada das CEB's e da vida, que é parte da minha história e tem parte na minha formação acadêmica, religiosa e humana, que me fez de catequizanda à amiga, de afilhada à irmã e sempre me cuidou como a sua própria filha... Aldebaran Moura (in memoriam).*

*E aos que acreditaram que, mesmo na infertilidade dos muitos momentos, eu poderia gerar mais este "fruto acadêmico".*

## AGRADECIMENTOS

A Deus que me trouxe até aqui, quando muitos chegaram a acreditar que eu não viveria para isto. Por me surpreender em tudo, e mostrar seus cuidados e proteção mesmo quando não compreendo seus desígnios.

À minha família, a qual tem como suporte os meus queridos e amados pais, os meus exemplos de luta e humildade, para quem eu decidi viver mais uma vez, na tentativa de retribuir, quiçá o mínimo, tudo o que fizeram (fazem) por mim, sobremaneira, o amor sem medidas que a mim devotam, e, principalmente, por compreenderem minhas muitas faltas e apoiarem os meus projetos.

À minha orientadora, Profa. Dra. Germana Maria Araújo Sales, por sempre se mostrar crente no meu trabalho, desde a Iniciação Científica; por ver em mim mais do que pensei que poderia oferecer à pesquisa; por me deixar livre para ser quem sou na escrita acadêmica, mas segurar as minhas mãos quando necessito de apoio para seguir; por olhar com confiança para os caminhos que trilhei e conduzir-me em muitos deles, apontando novos horizontes; principalmente por seu zelo, cuidado e compreensão com as situações que vivi durante o curso de Mestrado, não me deixando desistir, como tantas vezes eu quis.

À professora Dra. Maria de Fátima do Nascimento, que sempre me incentivou a estudar, desde quando nos conhecemos na tutoria em EAD da UFPA, mostrou-me a importância de não desistir, mesmo quando tantas idas e vindas semanais (Belém-Marabá, Marabá-Belém) começaram a pesar no meu físico, emocional e financeiro. Acima de tudo, por se mostrar extremamente humana diante do grave problema que afetou minha saúde e me impediu de finalizar a disciplina junto à turma; por compreender o quão delicado foi o meu processo cirúrgico e dificultoso o pós-operatório, e, por ainda hoje, dar um jeitinho de perguntar como estou, quase sempre por mensagem.

À Profa. Dra. Simone Cristina Mendonça; por me acolher com carinho na turma de Mestrado em Letras da UNIFESSPA, com a disciplina Historiografia Literária, cujos textos elencados e discussões levantadas nas aulas me permitiram os passos iniciais dessa construção que hoje se apresenta.

À Michele Freitas Gomes de Vargas, por sua amizade que ampara e apoia em muitos momentos; por ser essa pessoa linda de alma e coração, que me faz ver o bem e o bom das coisas; por suas orações e olhar de confiança; por alimentar a minha fé, que insiste em esmorecer na primeira dificuldade. Quando tu acreditas, eu também acredito...

Mas escuta! Onze horas! Onze horas ligeiras estão dançando, no meu velho relógio, o minuete de Gluck. Ora esta carta já vai, como a de Tibério, muito tremenda e verbosa, *verbosa et tremenda epístola*: — e eu tenho pressa de a findar, para ir, ainda antes do almoço, ler os meus jornais, com delícias.

Eça de Queirós.

## RESUMO

Este trabalho consiste na apresentação e análise de uma rede de relações que se formou em torno da grande empresa jornalística e artístico-literária de luxo, a *Revista Moderna* (1897-1899). O estudo, no entanto, restringe-se à identificação de quem eram os principais intelectuais do final do século XIX envolvidos com a publicação da referida revista em Paris e quais foram as contribuições à literatura Oitocentista por essas personagens naquelas páginas luxuosas e repletas de ilustrações. A pesquisa foi realizada nas fontes de primárias, tendo a *Revista Moderna* como o principal fonte de pesquisa. Para tanto, recorreu-se às edições da mencionada revista, disponíveis no Grêmio Literário Português da cidade de Belém e na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Concluiu-se, entre outras coisas, que a *Revista Moderna* serviu como instrumento difusor de cultura, viabilizando a propagação de ideias críticas, políticas e literárias Oitocentistas, possibilitando a difusão da moda europeia no Brasil e em Portugal, bem como a circulação dos textos de diversos autores antes mesmo de terem sido impressos em livros.

**Palavras – chave:** *Revista Moderna*. Rede de relações. Colaborações.

## ABSTRACT

This work consists of the presentation and analysis of a network of relationships that was formed around the large luxury journalistic and artistic-literary company, the *Revista Moderna* (1897-1899). The study, however, is restricted to the identification of who were the main intellectuals of the late XIX century involved with the publication of this magazine in Paris and what were the contributions to the eighteenth-century literature by these characters in those luxurious pages full of illustrations. The research was carried out in the primary sources, having the *Revista Moderna* as the main source of research. To this end, we resorted to the editions of the mentioned magazine, available in the Portuguese Literary Association of the city of Belém and in the Digital Hemeroteca of the National Library. It was concluded, among other things, that the *Revista Moderna* served as an instrument of culture diffuser, enabling the propagation of critical ideas, politics and eighteenth-century literature, enabling the diffusion of European fashion in Brazil and Portugal, as well as the circulation of the texts of several authors even before they were printed in books.

**Key-words:** *Revista Moderna*. Relationship network. Collaborations.

## TABELAS E ILUSTRAÇÕES

Tabela 1 - As Seções mais frequentes, considerando o primeiro volume da revista.....	34
Tabela 2 – Principais colaboradores .....	43
Tabela 3 – Tabela dos preços por assinatura.....	49
Tabela 4 – Casas e agências onde se vendia a Revista Moderna.....	45
Tabela 5 – Textos de crítica à arte literária.....	75
Tabela 6 – Identificação do local onde a crítica era publicada no periódico.....	76
Ilustração 1 - Suplemento <i>Elegância e Moda</i> .....	30
Ilustração 2 - Um Braseiro Humano.....	35
Ilustração 3 - Machado de Assis como matéria de capa da revista.....	36
Ilustração 4 - Primeira capa da <i>Revista Moderna</i> .....	38
Ilustração 5 - Anúncio da publicação de “A Ilustre casa de Ramires” na <i>Revista Moderna</i> .....	41
Ilustração 6 - Martinho Botelho.....	52
Ilustração 7 - A Família Arruda Botelho.....	53
Ilustração 8 - Anúncio do casamento de Martinho Botelho.....	54
Ilustração 9 - Eça de Queirós .....	55
Ilustração 10 - Flores da primavera.....	59
Ilustração 11 - Capa de nº2.....	60
Ilustração 12 - Capa de nº4.....	60
Ilustração 13 - Arnaldo Fonseca .....	61
Ilustração 14 - Capa da Revista Moderna com a fotografia de Eduardo Prado.....	63
Ilustração 15 - Retrato <i>hors texte</i> do Barão do Rio Branco.....	64
Ilustração 16 - Amizade entre Domício e Eça.....	65
Ilustração 17 - Capa da <i>Revista Moderna</i> com a fotografia de Magalhães de Azeredo.....	67
Ilustração 18 - “A perfeição”: .....	86

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
<b>CAPÍTULO I - HISTÓRIA CULTURAL IMPRESSA .....</b>	<b>13</b>
1.1 - O surgimento da imprensa no Brasil.....	13
1.2 – Revistas ilustradas no Brasil Oitocentista.....	19
<b>CAPÍTULO II – A REVISTA MODERNA (1897-1899) .....</b>	<b>29</b>
2.1- Correio Ilustrado: Considerações sobre a <i>Revista Moderna</i> .....	29
2.2 – Uma dispendiosa Edição de Luxo.....	37
<b>CAPÍTULO III – UMA REDE DE RELAÇÕES EM TORNO DA REVISTA MODERNA.....</b>	<b>51</b>
3.1 – Tecendo a rede: Intelectuais (re)unidos na publicação da <i>Revista Moderna</i> .....	51
3.2 – Os textos críticos, seus respectivos autores e os espaços da publicação na <i>Revista Moderna</i> .....	71
3.2 – As colaborações literárias.....	85
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>90</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>93</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>97</b>

## INTRODUÇÃO

A utilização de fontes primárias na pesquisa acadêmica brasileira, assim como em outros países, tem se tornando recorrente, isso por conta da garantia de ampla possibilidade de pesquisa e da existência de uma variedade considerável de impressos disponíveis por todo o país, seja no meio digital ou nos espaços físicos de leitura, como é o caso da biblioteca do Grêmio Literário Português, localizada na cidade de Belém, no Estado do Pará. Neste espaço surgiu a ideia deste trabalho, quando, na tentativa de recuperar os exemplares das revistas de origem lusitana existentes no Grêmio de Belém, em 2015, por meio do Programa de Iniciação Científica (PIBIC/UFGA), nos deparamos com a *Revista Moderna* (1897).

Diversos foram os motivos pelos quais a revista chamou atenção, mas o principal foi o fato de embora ter sido produzida em Paris com recursos próprios de um editor de origem brasileira e ter como principal colaborador um escritor português a revista enfatizar ter sido criada exclusivamente para o Brasil e ter como propósito “estreitar relações” entre o Brasil e Portugal e dar a conhecer a cultura de cada um desses dois países em páginas luxuosas e repletas de ilustrações feitas pelas técnicas mais modernas do período.

A problemática do presente trabalho está situada na rede de relações que se formou em torno da *Revista Moderna* e garantiu a circulação não apenas de ideias, mas também de textos críticos e literários entre o Brasil e Portugal, sobretudo na segunda metade do século XIX, momento em que a imprensa e o mercado editorial sofriam considerável incremento.

Grosso modo, o presente estudo focaliza questões pertinentes à característica material, as seções publicadas, aos principais colaboradores e aos gêneros textuais publicados na *Revista Moderna*, investigando e analisando, especificamente, a rede de relações que se formou em torno da revista. Isto posto, infere-se que o objetivo principal do estudo é a identificação de quem eram os principais intelectuais luso-brasileiros do final do século XIX envolvidos com a publicação da referida revista em Paris e quais foram as publicações críticas e literárias por essas personagens naquele “correio ilustrado” publicado na capital francesa, mas destinada à circulação em Portugal e no Brasil.

Do ponto de vista metodológico, procedeu-se primeiramente à identificação dos números da *Revista Moderna* disponíveis no Grêmio Literário Português da cidade de

Belém - PA. Constatou-se, no entanto, que por conta da ação do tempo, os exemplares disponíveis da revista se encontravam em mau estado, a ponto de correrem o risco de serem extintos das estantes do Grêmio de Belém.

Dadas as condições dos exemplares disponíveis no mencionado espaço de leitura, muitos deles em processo de decomposição e com ausência de muitas páginas, etc., o que aponta para a urgência da recuperação dessa e de outras importantes fontes de pesquisa, recorreu-se à Hemeroteca Digital, da Biblioteca Nacional, onde se encontram digitalizados 30 números da *Revista Moderna*. Na Hemeroteca realizou-se também o levantamento de outras fontes primárias contemporâneas ao periódico em estudo, por exemplo a revista *Brasil Portugal* (1899-1914), a qual apresentou em suas páginas informações acerca da circulação da *Revista Moderna* no Brasil.

Buscou-se ainda, no Banco de Teses e Dissertações da CAPES, as bibliografias que fizeram uso da referida revista como fonte de estudos; bem como as informações sobre a *Revista Moderna* nas histórias da imprensa. Foram localizadas três teses de doutorado, três dissertações de mestrado, quinze artigos acadêmicos e dois livros que fazem referência à *Revista Moderna*, porém, a maioria desses trabalhos não se dedica ao estudo da revista como objeto da pesquisa. Tendo isso em vista, a presente pesquisa desejava se diferenciar, no sentido de oferecer aos interessados em estudos com fontes primárias uma visão geral da publicação, através do reconhecimento dos seus principais colaboradores e dos gêneros textuais publicados, assim como demonstrar a importância dessas páginas para a promoção de obras e autores, portugueses e brasileiros, do final do século XIX.

Isso posto, infere-se que a prioridade neste texto é o trabalho desenvolvido com a fonte primária *Revista Moderna* (1897-1899), na tentativa de discutir a trajetória do periódico no século XIX e visualizar o complexo sistema de relações que envolvem a circulação, produção e divulgação dos impressos Oitocentistas.

A apresentação textual desta dissertação está organizada em três capítulos. No primeiro estão expostas algumas abordagens sobre a história da imprensa feitas a partir de levantamento bibliográfico dos estudos que tratam das relações sociais e culturais que envolveram a origem e o desenvolvimento dos impressos, especialmente no Brasil.

O segundo capítulo apresenta a *Revista Moderna* (1897-1899), de maneira que possam ser verificadas a característica material e a composição básica do impresso,

além da publicidade da revista no período em que circulou, visando perceber os esforços empreendidos pela direção do correio ilustrado, no sentido de possibilitar as trocas culturais além de conhecer os atores sociais envolvidos.

Por fim, o terceiro capítulo traz os resultados e análise sobre a rede de relações que se formou em torno da *Revista Moderna* e sobre quais foram as colaborações à arte-literária pelos intelectuais Oitocentistas luso-brasileiros (re)unidos na publicação da referida revista.

## CAPÍTULO I

### HISTÓRIA CULTURAL DA IMPRENSA BRASILEIRA

*Considera antes como foi incontestavelmente a Imprensa que, com a sua maneira superficial, leviana e atabalhoada de tudo afirmar, de tudo julgar, mais enraigou no nosso tempo o funesto habito dos juízos ligeiros.*

*(Revista Moderna, nº 01, 1897)*

Considerando a amplitude e complexidade das histórias atuais da imprensa, as quais em muito têm contribuído com as mais variadas pesquisas, sobremaneira as relacionadas aos impressos tipográficos, informa-se não ser pretensão deste capítulo abordá-las de maneira exaustiva e menos ainda criar uma nova história delas, mas apresentar de forma breve pontos que permitam a elucidação de um panorama da cultura dos impressos com vista a compreender a trajetória dos periódicos até chegar às revistas literárias ilustradas que circularam no Brasil no século XIX.

#### 1.1- O surgimento da imprensa no Brasil

Não é novidade que no Brasil a atividade impressa tenha começado de forma tardia em relação ao surgimento dos impressos na Europa<sup>1</sup>. As explicações para justificar o atraso de mais de três séculos para dispor de uma atividade de impressão no país variam, indo de fatores socioculturais aos econômicos. Entre os motivos da não implementação da imprensa no território brasileiro antes de 1808 está o atraso das populações indígenas, a predominância do analfabetismo e a censura por parte da metrópole, a qual queria evitar que no Brasil proliferasse uma revolução de ideias e opiniões, advindas dos princípios norteadores das revoluções francesa e norte-americana, que fizessem com que Portugal perdesse a estabilidade de seus domínios sobre a colônia.

---

<sup>1</sup> Ver em Martins e De Luca (2008)

A esse respeito, Laurence Hallewell (*apud* Molina, 2015) ressalta que “cedo os portugueses estabeleceram a impressão em suas possessões asiáticas e africanas, mas impediram sua implantação no Brasil colonial”. Para Wilson Martins (1957), a metrópole não queria consentir no estabelecimento de tipografias no Brasil pela necessidade de controle político, por isso, “até a transferência da corte para o rio de janeiro”, não consentiu a instalação.

Com isso tem-se que o marco histórico de referência ao exercício efetivo de uma atividade impressora no Brasil está no contexto do século XIX, mais precisamente no ano da chegada da Família Real portuguesa para o país, fuga de perseguições napoleônicas (Barbosa, 2010; Sodré, 1999; Bahia, 1990; Romancini e Lago, 2007; Martins e de Luca, 2008, *et al*).

Nesse período ocorreram importantes mudanças no significado e na prática dos impressos tais como: a instalação da *Imprensa Régia* e a publicação da *Gazeta do Rio de Janeiro*, primeiro periódico produzido pelo prelo oficial. Contudo, a circulação de impressos no país é anterior à inauguração de sua primeira casa impressora, conforme apontam historiadores e demais pesquisadores da história da imprensa brasileira.

Márcia Abreu (1998), ao analisar documentos que solicitam e/ou autorizam o envio de livros de Lisboa para o Rio de Janeiro, comprova a circulação de impressos no Brasil como sendo anterior à instalação da tipografia Régia. Segundo os dados da autora, a circulação de livros ocorre desde meados do século XVIII, conforme se pode observar a seguir:

No período anterior à vinda da Família Real (1769 - 1807), há 201 requisições solicitando autorização para envio de livros daquela natureza, perfazendo um conjunto de 1333 demandas de obras literárias. Naturalmente, há títulos que são objeto de vários pedidos; assim, agrupando-se as solicitações relativas a uma mesma obra, tem-se um total de 518 títulos de ficção enviados para o Rio de Janeiro. [...]. Verificando os dados um pouco mais de perto, percebe-se que um envio regular principia apenas em 1799. Anteriormente aportaram ao Rio de Janeiro 13 obras literárias em 1769, 14 em 1775 e 195 entre 1795 e 1796 (ABREU, 1998, p. 2, 3)

Considerando que a referida pesquisadora se ocupa na pesquisa supracitada da circulação de livros no país nos séculos XVIII e XIX, os dados apresentados mostram apenas a circulação e relações desse tipo de impresso, isto é, dos livros. Contudo, muitos outros tipos de impressos (jornais, folhas noticiosas, relações, etc.) circularam no país antes da mudança da Corte de Lisboa para o Brasil.

Os estudos de Carlos Rizzini (1945) e de Moraes (2005) mostram que ainda na década de 1740, Antonio Isidoro da Fonseca<sup>2</sup> deu início à atividade impressora no país ao instalar, no Rio de Janeiro, uma tipografia denominada *segunda oficina*, mas o impressor teria sido castigado pela Corte Portuguesa que o proibiu de tal feito, “após dar a lume quatro magros e mesquinhos trabalhos” (Rizzini, *op.cit*, p. 312). Destacase ainda a tentativa de instalação tipográfica no Recife, em 1706, tendo o governo português mandado “aboli-la e queimá-la, para não propagar ideias que podiam ser contrárias ao interesse do Estado” (Sodré, 1966, p. 20 e 21; Rizzini, *op.cit*. p. 220, 221 e 312).

Diante disso, conclui-se que foi frente à nova conjuntura do Brasil no século XIX, sobretudo por conta da transferência da família real portuguesa para o país, em 1808, que a imprensa periódica cresceu consideravelmente, assumindo-se como um dos principais meios de disseminação de ideias e críticas políticas e literárias, conquistando um importante espaço no cenário do momento.

A nobreza instalada na cidade Rio de Janeiro acabou por transformar a cidade carioca na nova capital luso-brasileira. Assim sendo, fundou-se no Brasil uma rede de órgãos ligados ao governo, como o Banco do Brasil, a Biblioteca Nacional e a Imprensa Régia. Esta, instalada em 13 de maio de 1808, e oficializada por D. João, teria nascido da necessidade de uma tipografia para fins administrativos, destinada à publicação de papéis oficiais do governo e outras obras de interesse da Corte (BRAGANÇA; ABREU, 2010, p. 42). Segundo Isabel Lutosa (2009, p.29), a Impressão Régia iniciou as atividades no país no mesmo dia de sua criação, com a publicação de um folheto com 27 páginas, no qual estampava a relação dos despachos.

A *Gazeta do Rio de Janeiro* e o *Correio Brasiliense* foram considerados os primeiros jornais impressos brasileiros, circulando entre os anos de 1808 a 1822. Enquanto o primeiro, publicado pela *Impressão Régia*, se tratava de um periódico de expressão da realidade, dos fatos e das informações as quais interessavam à corte, o segundo, publicado em Londres, operou como um instrumento em defesa de ideais liberais, como a da abolição da escravidão, evidenciando as falhas administrativas do país. (MARTINS; DE LUCA, 2008).

---

<sup>2</sup> De acordo com Moraes (2005), Isidoro da Fonseca foi um famoso impressor em Lisboa. Lá possuía uma casa impressora chamada de *Primeira Oficina* e teve a honra de publicar muitas obras de autores conhecidos por todos os cantos do país.

De acordo com Melo (1973), a *Gazeta do Rio de Janeiro* circulou pela primeira vez em 10 de setembro de 1808. Nos primórdios sua periodicidade teria sido semanal, depois passou a circular três vezes por semana, as terças, quintas e sábados. Dado seu caráter oficial, o jornal *Gazeta do Rio de Janeiro*, produzido e controlado por representantes da Corte Portuguesa, tratou de publicar, sobremaneira, notícias dos acontecimentos da invasão do exército Napoleônico na Espanha e em Portugal e teve como primeiro redator Tibúrcio José da Rocha, um frade de origem portuguesa.

Além da *Gazeta*, como já foi dito, o jornal *Correio Brasiliense*, produzido por Hipólito José da Costa, teve grande destaque no início da imprensa brasileira. O referido jornal circulou entre junho de 1808 e dezembro de 1822 (MELLO, 2009) e se tornou inspiração para impressão e circulação de periódicos no país. Molina (2015) afirma que o *Correio Brasiliense* é considerado por muitos historiadores como o primeiro periódico da imprensa brasileira.

De acordo com Farias et al (2012):

A diferença entre o *Correio* e a *Gazeta* seria que a *Gazeta* foi primeiro periódico a circular no Brasil, mas por ser um jornal da Corte não é considerado como o pioneiro da imprensa brasileira. Portanto, o *Correio Brasiliense* foi de suma importância para construção de uma sociedade mais crítica, tanto foi que até mesmo a Corte Portuguesa costumava lê-lo. (FARIAS; ET ALL, *Op. cit.*, p.07)

Entretanto, diferentemente da *Gazeta*, o *Correio Brasiliense* não agradou o governo imperial por conta do seu caráter crítico e da propagação de ideias revolucionárias, como a da independência. Esses teriam sido os principais motivos da sua circulação se tornar proibida no país. Porém, de acordo com Marcília Rosa Periotto (2012, 51), “a polícia real não conseguiu impedir a circulação do jornal entre os brasileiros e portugueses descontentes com a administração e nem que deixasse de espalhar as ideias liberais e conhecimentos que pregava como basilares ao progresso material”.

A publicação do *Correio Brasiliense* não teve continuidade após a independência. Dessa forma, a publicação desse impresso foi encerrada tão logo a liberdade de imprensa e a independência do Brasil se tornaram realidade e como houve a proliferação de inúmeros periódicos locais já não fazia sentido mandar publicar o jornal de Hipólito José da Costa em Lisboa.

O século XIX passou a viver um período de intensa circulação de impressos entre a Europa e o Brasil, marcado pelo aprimoramento da tecnologia gráfica, da

evolução dos meios de comunicação, de transporte e pela expansão do público leitor. (ABREU, 2011, p.121). Segundo Viseu (*Op. cit.*):

Durante o século XIX, a indústria jornalística adquiriu um aspecto crescente comercial, procurando aumentar a circulação como um meio de implementar a renda gerada das vendas de anúncios e comerciais. Sua rápida expansão se tornou possível pela melhoria dos métodos de produção e distribuição, bem como pelo crescimento da alfabetização e abolição dos impostos. (VISEU, *Op. cit.*, p. 30)

Temendo discursos “sediosos e incendiários”, que tentavam “perturbar a harmonia estabelecida em todas as ordens do Estado e introduzir a anarquia” (NEVES, 2000; BARBOSA, 2010, 39), D. João dividiu os responsáveis pela *Imprensa Régia* em censores e administradores. Aos primeiros foi dada a responsabilidade sobre os impressos, isto é, eles tinham o apoio total da coroa portuguesa para proibir a impressão de textos os quais fossem contra a moral, contra a igreja e, principalmente, contra o governo (BRAGANÇA; ABREU, 2010). Entre os censores estiveram Antônio Arrábida, Luís José de Carvalho e Melo, padre João Manzoni e José da Silva Lisboa<sup>3</sup>.

Com o aval da Corte, os referidos personagens impuseram enormes dificuldades às publicações na *Imprensa Régia*. Dessa maneira, quem quisesse uma edição impressa na tipografia oficial deveria obter uma autorização prévia, uma vez que apenas à administração colonial foi dado o direito de “imprimir e publicar gazetas e papéis periódicos de qualquer natureza” (SILVA, 1978, p. 23). Sendo assim, um documento só poderia ser impresso se possuísse as autorizações do Santo Ofício, do Ordinário e do Desembargo do Paço (MORAES, 1979).

A partir de 1821, com a criação do decreto de abolição da censura, ampliou-se o número de periódicos brasileiros editados no país e em outras províncias. Com isso, o número de impressos no Brasil aumentou e a circulação da cultura transatlântica se tornou uma prática regular se tornando acessível a um público mais amplo e ávido por informações.

---

<sup>3</sup>A censura no período Joanino procedia da seguinte forma: pequenos e grandes volumes de livros ficavam retidos na alfândega à espera de licença. O interessado enviava à Mesa do Desembargo do Paço uma listagem dos livros que desejava que fossem liberados. O escrivão da Câmara enviava as listas aos censores régios, que davam seus pareceres. Se favoráveis, eram liberadas; se proibidas ou suspeitas, eram negadas as licenças. Não se sabe o que se fazia com elas. No caso de haver alguma dúvida quanto à liberação, solicitava-se que outro censor fizesse uma nova avaliação, ou então o livro era enviado à Mesa para novas leituras. E, por fim, cabia ao Rei liberá-la ou não. (MARTINO E SAPATERRA, 2006, p.242)

Em janeiro de 1822, D. Pedro proíbe o anonimato das obras a fim de que houvesse um responsável pelo conteúdo. (BARBOSA, 2010, p.40). Em 1824, a constituição declara que toda a responsabilidade dos abusos cometidos nos impressos deveria ser penalizada de acordo com a lei. Tal dispositivo passa a ser integrado ao código criminal permanecendo até 1890. (NEVES, 2000; BARBOSA, 2010, p.41.).

De acordo com Rafael Cardoso (2009), o arrefecimento da censura na década de 1820 possibilitou não apenas a multiplicação dos periódicos disponíveis no Brasil como o aumento do número de oficinas tipográficas. Nesse período de transição e de profundas transformações sociais, o desenvolvimento de periódicos intensificou-se e os mais renomados jornais modificaram seu formato. As publicações aumentaram de tamanho e em quantidade de páginas, também foram se tornando mais elaboradas, com periodicidade mais longa e publicação de assuntos variados, como política, arte, literatura, história, humor, dentre outros, condensados numa mesma publicação.

Com os avanços da tecnologia gráfica, dentre outros observados no século XIX, tornava-se cada vez mais comum o consumo de impressos no Brasil, os quais estavam entre as mercadorias com maior crescimento<sup>4</sup>. Para Rafael Cardoso (2009, p.68), mesmo com o fim da censura “os principais avanços, em matéria de técnica e tecnologia, dependiam da intervenção oficial”, por isso, as prensas litográficas, por exemplo, foram, primeiramente, trazidas para o Arquivo Militar e para o próprio Imperador. O crescimento do número de oficinas litográficas e a contratação de litógrafos estrangeiros tornaram-se indicativos da expansão gradativa do mercado para impressos.

Nesse contexto, começaram a emergir, por exemplo, as revistas e os almanaques, dentre outros impressos. A circulação de revistas aumentou se tornando tão frequentes quanto os jornais, embora não fossem muito claras as diferenças entre jornais e revistas. Para Fernanda Muller (2011, p.30), revista se refere a “um tipo de publicação periódica que tem como objetivo principal o de *re-visar* e *re-examinar* determinados assuntos considerados relevantes pelo grupo editorial que a concebe.”

A publicação e circulação desse gênero revista se tornou frequente em todo o país, a começar pelo Rio de Janeiro com as edições d’ *O Patriota* (1813-1814), *O Beija-Flor* (1830-1831), a *Minerva Brasiliense* (1843-1845), o *Ostensor Brasileiro* (1845-

---

<sup>4</sup> FONSECA, Leticia Pedruzzi. Uma revolução gráfica: Julião Machado e as revistas ilustradas no Brasil, 1895-1898. São Paulo : Blucher, 2016.

1846), *O Americano* (1847-1851), *A Marmota* (1849-1861), a *Guanabara* (1849-1856), o *Jornal das Senhoras* (1852-1855), a *Revista Bibliográfica do Correio Mercantil*, fundada por Manuel Antonio de Almeida – em 1854 – a *Revista Popular* (1859-1862) ou os *Anais da Academia Filosófica* (1858), etc.

De acordo com Costa (2007, p. 55), para as revistas, principalmente as ilustradas, coube a publicação das informações mais aprofundadas, bem como as análises, as críticas e o entretenimento, tudo acompanhado pela profusão da imagem, realizada de acordo com as técnicas litográficas do período<sup>5</sup>. As ilustrações transformaram as revistas “em objetos atraentes e acessíveis até mesmo aos menos afeitos à leitura, que decifravam as mensagens através das imagens publicadas.” (MARTINS, 2008, *apud* Fonseca, Op. Cit, p.30).

Segundo Leticia Fonseca (2016), “as revistas ilustradas utilizavam uma linguagem acessível e desempenhavam o papel de auxiliar na compreensão da vida contemporânea”. O ilustrador, de acordo com Martins (2008, *apud* FONSECA), tornou-se “o *flâneur* a serviço da necessidade de materializar mensagens e interpretações do cotidiano com rapidez”.

Nesse sentido, as ilustrações publicadas em revistas foram essenciais para uma comunicação que se pretendia moderna (VELLOSO *apud* FONSECA, Op. Cit., p. 426), já que a imagem no século XIX representou um dos principais produtos da modernidade, que ganhou ímpeto graças a rápida evolução da linguagem visual.

## 1.2 – Revistas ilustradas no Brasil Oitocentista

Embora a revista intitulada *As Variedades ou Ensaios de Literatura*, publicada no ano de 1812, em Salvador, na Bahia, seja apontada como a primeira revista brasileira que se tem notícia (MOURA, 2011, p. 2), nela não foram publicadas fotografias ou ilustrações. Tratava-se de uma publicação não oficial, com direção de Diogo Soares da Silva de Bivar e do padre Ignácio José de Macedo, além da proteção do Conde dos Arcos.

---

<sup>5</sup> De acordo com Fonseca(idem), a impressão de imagens nas revistas brasileiras no século XIX era realizada por meio da técnica litográfica, que consistia na passagem do desenho, “invertido, para a pedra calcária apropriada com tinta, lápis litográfico ou papel de transporte.”(p.18)

A revista baiana era lançada pelo jornal *Idade d'Ouro do Brasil* e impressa na tipografia de Manuel Antônio da Silva Serva (MOURA, idem, p. 2). Publicada no formato de livro, *As Variedades ou Ensaios de Literatura* servia como suporte de divulgação e defesa de ideias conservadoras, tais como:

discursos sobre costumes e virtudes sociais, algumas novelas de escolhido gosto e moral, extratos de história antiga e moderna, nacional ou estrangeira, resumo de viagens, pedaços de autores clássicos portugueses – quer em prosa, quer em verso – cuja leitura tenda a formar gosto e pureza na linguagem, algumas anedotas e artigos que tenham relação com os estudos científicos propriamente ditos e que possam habilitar os leitores a fazer-lhes sentir importância das novas descobertas filosóficas. (SCALZO, 2003, p.27)

Nem o tipógrafo de *As Variedades ou Ensaios de Literatura* a teria considerado uma revista. Por este motivo o editorial de estreia a anunciou como um “folheto”, conforme se observa nas palavras de Werneck *et al* (2000, p.16):

Quem chamaria aquilo de revista? Nem mesmo seu editor, o tipógrafo e livreiro português Manoel Antônio da Silva Serva: ao colocá-la a venda, em Salvador, no mês de janeiro de 1812, Silva Serva apresentou como “folheto” – embora o termo – “ revista” já existisse desde 1704, quando Daniel Defoe, o autor de Robinson Crusoé, lançou em Londres A Weekly Review of the Affairs of France. Saíram só dois números, mas foi o que bastou para fazer de *As Variedades* a primeira revista brasileira – ainda que o rótulo só viesse a ser adotado em 1828, ano em que surgiu no Rio a Revista Semanaria dos Trabalhadores Legislativos da Câmara dos Senhores Deputados. (WERNECK *et al*, 2000, p.16)

Ainda de acordo com o autor, as primeiras revistas que apareceram no Brasil não se preocupavam muito com as ilustrações e menos ainda com os temas políticos, mas com a publicação de assuntos que pudessem interessar ao público erudito (assim como faziam os livros da época), como os discursos filosóficos, textos de cunho moral e religioso, resumo de viagens, etc.

Para Rafael Cardoso (2009) o *Museo Universal: Jornal das famílias brasileiras* (1838) foi um dos primeiros periódicos brasileiros a apresentar uma profusão de imagens em suas páginas, mas as ilustrações eram importadas, “sendo impressas a partir de clichês estrangeiros” (p.96). Logo no primeiro número, o referido periódico trouxe uma ilustração representativa de uma pintura de Raffaello Sanzio, assinada e datada de 1833, cinco anos antes da circulação do periódico no Brasil. Certamente, o ano que aparece na imagem é o mesmo em que fora confeccionada a pintura no estrangeiro. Para Cardoso (Idem), “embora tais ilustrações não fossem produzidas no

Brasil, sua circulação numa revista brasileira impactou o cenário local, aumentando a demanda por informação visual. ” (p.76)

Com o lançamento d’*A lanterna Mágica* (1844) demarca-se o início da publicação de revistas ilustradas brasileiras, mas o ímpeto à linguagem visual no Brasil só adquire força nas décadas que seguem, através de “uma profusão inédita na comercialização de imagens – em especial, as paisagísticas. ” (CARDOSO, *Op. Cit.*, p.76). No curso do desenvolvimento da informação visual, encontra-se uma longa lista de revistas ilustradas que marcaram os Oitocentos, mas, conforme Cardoso (*Idem*, p.77), o mercado ainda não era suficiente para sustentar a produção de imagens mais sofisticadas, por isso, as ilustrações continuavam a ser importados como acontecia com as estampas de moda publicadas no *Jornal das Senhoras* (1852-1855).

De acordo com Fonseca (2016, p.13), a produção de revistas com ilustrações predominou na imprensa brasileira a partir da segunda metade do século XIX com a evolução das técnicas de impressão em litografia e tais publicações continuaram a proliferar nas mais diversas províncias do Brasil, em especial a partir do início da década de 1860. Nesse período, as revistas ilustradas passaram a oferecer aos leitores tudo o que pudesse interessar, desde as notícias sociais em voga, sendo elas trágicas ou não, até as informações de viagens e moda no país, tudo ricamente ilustrado com desenhos, charges, fotografias e outras técnicas de ilustração.

Teixeira (2001, p.3) aponta que mais de 60 revistas ilustradas circularam no Rio de Janeiro entre os anos de 1860 a 1895. As que se mantiveram por mais tempo no mercado foram a *Semana Ilustrada* (1860-1876), *A Vida Fluminense* (1868-1875), *O Mosquito* (1869-1877), *O Mequetrefe* (1875-1893) e a *Revista Ilustrada* (1876-1898). Já as de menor tempo em circulação foram *O Diabo a Quatro* (1879-1878), *O Besouro* (1878-1879), *A Cigarra*(1895-1896) e *A Bruxa*(1896-1897).

Martins (2008, p. 40) assinala que na segunda metade do XIX a imprensa ilustrada logrou enorme sucesso no mercado periodístico brasileiro com papel fundamental na publicação, sobretudo de moda e literatura, mas também com caráter informativo, semelhante ao dos jornais, porém com uma configuração leve, combinando leitura e imagens, aparecendo como uma nova alternativa de sociabilidade e entretenimento no país.

Nesse contexto, a imprensa portuguesa, que desde o final da década de 1830 já produzia um número bastante significativo de impressos e “mantinha um diálogo profícuo com a intelectualidade brasileira, estabelecido, especialmente, através da

imprensa periódica” (MULLER, 2010, p. 257), passa a ver no novo empreendimento a oportunidade de conquistar o mercado para a publicação e venda dos periódicos lusitanos e se reaproximar da colônia Brasileira.

Considerando, entre outras coisas, a união linguística entre os países e o número de emigrantes portugueses instalados no Brasil, a imprensa periódica de Portugal queria aproveitar também o mercado editorial brasileiro que se expandia na segunda metade do Oitocentos. Assim, Portugal buscou, através da imprensa brasileira, estabelecer domínio cultural no Brasil, sustentado pelo discurso de reafirmação das relações entre as culturas luso-brasileiras da época e do reestabelecimento das relações diplomáticas, que havia sido rompida após o episódio da Revolta da Armada (1893).

A tentativa portuguesa de se reaproximar do Brasil e reestabelecer as relações entre os dois países já estava sendo anunciada pela imprensa brasileira, conforme se pode observar na nota que saiu no periódico *O Apostolo*:

Acham-se oficialmente reatadas as relações diplomáticas entre Brasil e Portugal, e foram nomeados ministros: para aqui, o Sr. Thomaz Ribeiro, e para Lisboa, o Sr. Assis Brasil. O restabelecimento das relações causou vivo regozijo em todas as classes e os portugueses aqui residentes promoveram uma digna manifestação ao novo ministro. (*O Apostolo*, 20/03/1895, ed. 00032, p. 2, col. 5)

A partir daquele momento, várias iniciativas são adotadas por Portugal como estratégia para se aproximar da sua antiga colônia, reestabelecer as relações com o Brasil e se firmar “como metrópole cultural e colonizadora eficiente frente aos seus concorrentes europeus”. (FERREIRA, 2007, p. 03). Houve, na verdade, um interesse, sobretudo comercial por parte de Portugal, o que fez com que os portugueses partissem para o Brasil e atuassem, por exemplo, na imprensa brasileira, dentre outros espaços em crescimento no país no século XIX.

Para reestabelecer as trocas políticas e culturais entre Portugal e Brasil, a ex - metrópole desenvolveu no Brasil uma rede associativa lusitana, como o *Real Gabinete Português de Leitura*, fundado em 10 de setembro de 1837. De acordo com Ferreira (Op. Cit.), o *Real Gabinete Português de Leitura* “tornou-se uma das mais importantes sociedades literárias do Império brasileiro, possuindo uma biblioteca que rivalizava, graças aos seus arquivos e às suas atividades, com a Biblioteca Nacional” (p. 04).

Convém informar que outras associações lusas também tiveram (tem) importância na vida social, cultural e desportiva da sociedade brasileira, por exemplo,

o Gabinete Português de Leitura e o Grêmio Literário, ambos fundados no Pará no século XIX. A Instituição *Grêmio Literário Português* da cidade de Belém, por exemplo, foi fundada no ano de 1867, possui uma biblioteca cujo acervo conta com mais de 36 mil volumes, além de uma expressiva coleção de obras raras.

O acervo do Grêmio de Belém comprova que na imprensa brasileira os portugueses desenvolveram periódicos voltados, especialmente para os portugueses que viviam no Brasil. Segundo Fidelino de Figueiredo “muitas penas portuguesas têm mantido a ligação espiritual do Brasil com Portugal por meio da imprensa brasileira, falando-lhe da velha metrópole, da sua cultura e de quanto do antigo mundo possa interessar aos seus longínquos leitores” (FIGUEIREDO *Apud* NEVES, 1992, p. 26).

De acordo com Miné (2006, p. 214), as publicações para circulação no Brasil e em Portugal permitem compreender como “os portugueses pensaram, perceberam e se ligaram ao Brasil”. A autora considera ainda que as imagens do nosso país, as quais eram representadas nas revistas literárias, por exemplo, podem confirmar as relações de amizade mantidas entre intelectuais e escritores dos dois países.

Contudo, o estudo “das/nas e por meio das” revistas auto-intituladas luso-brasileiras acaba por evidenciar que muitas dessas ilustradas e de variedades que circularam no século XIX, criadas para a divulgação da cultura e literatura de e para ambos os países, utilizavam-se de artigos/matérias e imagens para realizar a manutenção do *status quo* português, esclarecendo dessa maneira os reais propósitos da criação de empreendimentos para estreitar relações num período no qual o Brasil buscava defender seus valores e interesses nacionais e Portugal sofria com a crise do *ultimatum*<sup>6</sup>.

Dentre as revistas engajadas no estreitamento dessas relações pela imprensa periódica, surgiram importantes empreendimentos jornalísticos como os impressos periódicos luso-brasileiros como a revista *Brasil-Portugal*, que teve seu primeiro número publicado em Lisboa, em 01 de fevereiro de 1899, sob a direção de Augusto de Castilho, Lorjó Tavares e Victor Jayme.

Esse empreendimento não foi uma empreitada de aventureiros ou de jornalistas entusiastas da tendência modernista a qual começava a tomar conta do país. Os diretores da revista eram todos escritores e jornalistas com bastante experiência na imprensa portuguesa. Augusto Vidal de Castilho Barreto e Noronha (1841-1912) fora

---

<sup>6</sup> Ver em PINHEIRO, 2012, P.18.

colaborador na revista científica, literária e artística chamada *A imprensa* (1885-1891). Victor Jayme cooperou com o *Jornal do domingo* (1881-1888) – revista dirigida por Augusto de Sampaio Garrido – e com a revista *Perfis contemporâneos*. Já Lorjô Tavares contribuiu com *A Ilustração Portuguesa* (1884-1890) e com a supracitada *Perfis Contemporâneos*, além de ter sido sócio correspondente de várias associações literárias portuguesas e brasileiras.

A revista quinzenal ilustrada *Brasil-Portugal* foi editada por Luiz Antônio Sanches na tipografia da Companhia Nacional Editora e enviada para o Brasil, ilhas, África e estrangeiro, o que demonstra o interesse da revista por circular por diversos países onde Portugal teve ou tinha colônias. No programa editorial apresentado no primeiro número da revista é possível constatar a parceria que se pretendia estabelecer entre as culturas, especialmente o mercado brasileiro e o português por meio da publicação de textos de temática diversa, notadamente, história, literatura, arte, etnografia e sociedade.

De acordo com notas publicadas nos jornais brasileiros afirmava-se como um “elo” o qual surgia para estreitar as relações literárias entre Brasil e Portugal.

— *Brasil-Portugal*. É um novo elo que surge para mais estreitar as nossas relações literárias com Portugal e que surge galhardamente com uma promessa forte de um futuro prometedora e útil.

É uma magazine literária e ilustrada, contendo ótimas gravuras dos assuntos mais momentâneos, gravuras de diferentes processos e de uma grande nitidez.

São seus diretores os escritores portugueses Jayme Victor, Augusto de Castilho e Lorjô Tavares, nomes vantajosamente conhecidos no meio literário do Brasil e que são uma garantia do valor intelectual da nova revista.

Por estes quatro números do *Brasil-Portugal*, que também recebemos, assim podemos aquilatar o valor desta publicação que se ocupa de literatura, artes, modas, finanças, *sport*, tudo que inserem as melhores magazines deste gênero que se publicam no estrangeiro.

É seu diretor artístico Celso Hermínio, muito apreciado no Brasil num justo e elevado grau. Estamos certos de que o *Brasil-Portugal* encontrará no Pará, como nos outros Estados, uma merecida aceitação, justíssima porque a ela fazem jus os bem coroados esforços dos seus diretores. (*A República*, 09/04/1899, p. 2. Ed. 00044)

A proposta desse periódico era também dar ao público informações sobre Portugal demonstrando a grandeza do país e constituindo um “álbum de memórias visuais” e escritas. Até mesmo a campanha publicitária em torno do lançamento da revista foi grandiosa. Um dos diretores, Lorjô Tavares, percorreu cidades brasileiras como Belém, Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro e Recife para divulgar a revista e seu projeto editorial.

No caso da cidade de Belém, a divulgação da revista se justifica por conta de no século XIX habitar na província do Pará uma elite formada por portugueses, que se constituía na sétima maior população do Império no Brasil. Essa elite se beneficiava dos cargos públicos e lucrava com o comércio local, além de fazer parte dos espaços portugueses de leitura e ajudar na divulgação da cultura lusa no Estado por meio dos impressos.

Para Fernanda Muller, “as revistas produzidas pela intelectualidade portuguesa constituíram-se como verdadeiros locais privilegiados de discussão acerca da escrita da História, da situação política, social, cultural e econômica de Portugal e das relações com outros países”. (MULLER, *Op. Cit.*).

Nesse sentido, vendo no Brasil um país importante para concretizar os objetivos literários e financeiros do empreendimento, a *Brasil-Portugal* editou um número extraordinário para a celebração do IV aniversário de descobrimento do Brasil.

#### **Centenário do descobrimento do Brasil – número extraordinário do Brasil-Portugal**

Uma revista nacional, que tem o título da nossa, e o excepcional acolhimento com que a têm favorecido os dois países irmãos, não pode deixar de celebrar num **número extraordinário** o acontecimento por excelência do reinado de D. Manoel.

Nesse número, que constará de mais de cem páginas, virão colaborar em prosa, verso e desenhos alegóricos os maiores escritores e artistas de que se ufanam as duas nações que falam a mesma língua.

Numerosas são já as adesões, que de Portugal e do Brasil tem chegado a esta redação, e antes de mais, os diretores do Brasil-Portugal manifestam em público o seu reconhecimento a quantos, d'aquém e d'além do Atlântico, se tem já associado à ideia de consagrarmos um grande, um suntuoso, um Número-livro, excepcional, único, ao descobrimento do Brasil.

Aos grandes órgãos da imprensa fluminense muito penhoradamente agradecem os diretores do *Brasil-Portugal* o gentil incitamento, as palavras generosas e tocantes com que tão bizarramente tem contribuído para a realização desta ideia, a que nos entregamos de coração e alma.

É nosso intento, arrojado talvez, mas nem por isso menos, patriótico, fixar, registrar num livro o centenário do grande feito marítimo, que, durante séculos deu a este pequeno reino ocidental a posse do mais vasto domínio da América do Sul. É, portanto, o nosso desideratum não só agrupar nesse Número extraordinário os nomes dos artistas e dos escritores aos quais mais deve a ideia, o sentimento e a língua portuguesa, mas também fazer desse livro um verdadeiro repositório histórico e documental, em que pelo desenho e pela fotogravura se reprográficas do Brasil, quanto enfim se ligue ao extraordinário acontecimento.

E ainda como incitamento às letras e à arte portuguesa, resolveu a empresa do Brasil-Portugal abrir um concurso literário e artístico. (*Brasil-Portugal*, ed. 023, 01/01/1900)

O número especial para as comemorações do aniversário de descoberta do Brasil aponta claramente a atenção destinada a essas relações luso-brasileiras, as

quais sustentavam as secções da revista, como: *Relações comerciais de Portugal*, assinada por F. Matoso Santos; *Questões atuais*, a cargo de Anselmo de Andrade; *Cartas de Paris*, de Silva Lisboa.

Os Portugueses viam o Brasil como uma ex-colônia economicamente rica, o que aumentava os interesses comerciais deles por aqui, por isso a ênfase na economia e na política, fazendo da *Brasil-Portugal* uma galeria de informações de interesse sobretudo financeiro.

Destaca-se também a seção *Galeria de imprensa*, na qual se vislumbram artigos sobre atualidade da imprensa dos dois lados do oceano. Ao lado de toda essa divulgação do que acontecia nos dois lados do atlântico, sobressaíam-se as críticas ao que se encenava nos teatros do Ginásio, D. Amélia e D. Maria, publicadas na seção *Teatros*, escrita por Abel Botelho

No primeiro ano, a revista exhibe, sobretudo artigos úteis aos interesses arrolados acima, isto é, política e economia. A partir de 1900, a quantidade de textos de prosa e crítica literária nas páginas da revista aumentam. Além disso, a revista passa a trazer seções permanentes e já bem definidas com algumas pequenas mudanças: *Crônicas quinzenais*, por Ramalho Ortigão; *Crônicas financeiras*, de Anselmo d'Andrade e Adrião de Seixas; *Crônicas mundanas*, de Alberto Braga; *Crônicas de Outros tempos*, de Pinto de Carvalho; *Crônica do Porto*; *Relações comerciais de Portugal*, de Matoso Santos; *Artes, Letras, Personalidades, Festas e Monumentos religiosos*, por Antonio José Boavida e Padre Manuel Damaso Antunes; *Instituições portuguesas no Brasil*, pelo Visconde Faro e Oliveira; *Salões, interiores e ateliers*; *Teatro Escandinavo*, por Freitas Branco; *Poetisas brasileiras da atualidade*, por Alberto Pimentel.

Embora predominasse a participação de colaboradores de nacionalidade portuguesa, a revista *Brasil-Portugal* também contou com a colaboração de brasileiros. Os primeiros escritores brasileiros que participaram das publicações da revista foram Valentim Magalhães e Julia Lopes de Almeida, depois outros se juntaram ao empreendimento, como o poeta Olavo Bilac e o romancista Machado de Assis. Também há a participação de duas ilustres figuras paraenses do século XIX, Paes de Carvalho e Barão do Marajó.

A participação de brasileiros na revista *Brasil-Portugal*, assim como a abordagem de conteúdos relativos ao Brasil, partia do anseio dos diretores por atrair

o público brasileiro, ampliando, assim, o número de leitores da revista, o que garantiria a permanência do periódico no mercado editorial Oitocentista.

Enquanto a revista *Brasil-Portugal* era muito mais variada, no sentido de oferecer diversos assuntos, como atualidades, ciência, viagens, biografias de homens ilustres, política, literatura, teatro, finanças, matérias direcionadas a mulheres, viagens e relações internacionais, outras revistas com o mesmo caráter luso-brasileiro almejavam ser apenas publicações literárias, sem que suas páginas servissem de cenário para discussões políticas ou econômicas.

A *Revista Moderna* (1897-1899), por exemplo, desde sua primeira aparição deixou claro que as questões políticas seriam “rigorosamente banidas do seu programa”, pois o principal objetivo da revista era “criar um novo tipo de publicação, satisfazendo, ao mesmo tempo, a educação artística do meio a que se destina e a necessidade de uma informação completa e ilustrada, sobre tudo o que, atualmente, interessa o espírito público”. (*Revista Moderna*, editorial, 1897).

Para atingir esses objetivos, a publicação apostou em investimentos de ordem material em termos tipográficos, o que resultou na criação de um empreendimento com inovação e requinte gráfico marcado pelo cuidado com a variedade e qualidade das ilustrações, também pela escolha de assuntos da atualidade banindo do programa, por exemplo, as questões políticas e as lutas partidárias<sup>7</sup>.

A preocupação em não fazer da revista um instrumento de divulgação político-partidária apareceu na nota da edição expedida no número oito da revista, publicada em 20 de outubro de 1897:

Recebendo constantemente do Brasil artigos tratando da política partidária, bem como retratos e ilustrações concernentes aos mesmos assuntos, declaro mais uma vez que a “Revista Moderna” sendo exclusivamente literária e artística, não pode nem quer admitir nas suas colunas a menor ingerência política. M. Botelho (*Revista Moderna*, nº8, p.1)

Para Cintia Pinheiro (*Op.cit*, p. 42), a *Revista Moderna* era pautada numa proposta semelhante à dos magazines europeus, isto é, a de servir como uma revista de variedades, cujas ilustrações e os mais variados assuntos se tornassem o foco de informações, sem se deter nos problemas político-sociais, mesmo que fosse de forma sutil. De acordo com a autora, a principal característica da *Revista Moderna* era o seu

---

<sup>7</sup> Entretanto, não foi o que se constatou nas suas páginas, uma vez que as questões políticas e sociais apareceram em muitos momentos nas colunas da revista, sob um aspecto elegante, mas sem superficialidades, como foi o caso da coluna *Atualidades* e, logicamente, da Sumário Social e Político.

requite e elegância, produzida num papel de qualidade incomparável e com dimensões as quais se diferenciavam da maioria das publicações brasileiras da época.

A *Revista Moderna* almejava ser como uma verdadeira obra de arte com lugar entre as principais fontes de entretenimento do Brasil e de Portugal. Por este motivo, os criadores da revista investiram na publicação de temas relacionados às Belas Artes, na publicação de quadros e pinturas de grandes artistas de época, nas homenagens a intelectuais e escritores renomados na arte da escrita, bem como, na publicação de textos de ficção e de crítica literária dos grandes nomes da literatura, especialmente luso-brasileira, além de publicar diversas propagandas de livros e objetos à venda. A explicação para tamanho cuidado e organização da revista apareceu em uma nota dos editores:

[...]o lado material que tão justamente impressiona o espírito público e que tanto agrada aos amadores de publicações artísticas e bem-feitas, incumbe aos últimos e aperfeiçoados processos da tipografia e da gravura. A variedade da nossa ilustração, acompanhando sempre a atualidade dos acontecimentos, a escolha cuidadosa e execução impecável da mesma, será o objeto da nossa constante atenção. Esperamos assim, poder fazer uma revista verdadeiramente moderna, um completo **magazine** pela variedade dos assumptos e uma **ilustração** de primeira ordem pelo cuidado e profusão dos desenhos.

A Revista Moderna - à parte a sua feição literária - é um **CORREIO ILUSTRADO** criado exclusivamente para o Brasil e não pretende de modo algum tomar lugar entre as publicações da atualidade destinadas à Europa. [Grifos da fonte] (*Revista Moderna*, nº1, p.2).

Conforme se pode observar, havia um desejo de manter um laço cultural com o Brasil, mas que certamente tinha uma perspectiva, em certa medida, colonizadora, portadora de uma missão civilizadora, já que uma grande parte da elite da colônia portuguesa vivia no Brasil. Nesse sentido, para colocar em prática o projeto português de se firmar como potência cultural, além de estabelecer uma comunicação com os portugueses instalados em terras brasileiras e com os próprios brasileiros, Portugal investiu na publicação de revistas ilustradas, dado o caráter condensado, ligeiro e de fácil consumo desse tipo de impresso, assim pode propagar, por exemplo, os valores culturais portugueses no Brasil.

## CAPÍTULO II

### A REVISTA MODERNA (1897-1899)

*Mas o melhor serviço desta Revista será quando nos guie através da obra incessante da Civilização — ou antes vigie à beira da imensa torrente da Civilização, e rapidamente detenha e colha as obras melhores, antes que todas tumultuariamente passem e mergulhem no escuro mar que as devora.*

(*Revista Moderna*, nº 01, 1897)

Neste capítulo será feita uma apresentação, de maneira geral, da *Revista Moderna*, focalizando questões pertinentes à sua característica material, às seções que a constituem, aos principais colaboradores e aos gêneros textuais publicados. Os tópicos referem-se, basicamente, à descrição da referida revista e a publicidade no período em que circulou.

#### 2.1 – Correio Ilustrado: Considerações sobre a *Revista Moderna*

Fundada com capitais próprios e impressa na tipografia de *Paul Dupont*, com redação e administração em Paris, na Rua de *Laborde*, número 48, a *Revista Moderna*, criada por um editor brasileiro, iniciou suas atividades em um sábado de 15 de maio de 1897, circulando durante dois anos consecutivos, até abril de 1899, totalizando trinta números.

Pinheiro (*Idem*) explica que por conta do editor e administrador da revista residir em Paris, assim como outros importantes colaboradores os quais representavam a elite intelectual brasileira e portuguesa na França, o local teria sido o escolhido para a publicação da revista. Contudo, para Elza Miné (1982 *apud* JARDIM, 2000), a publicação da revista em Paris se devia ao fato de a cidade contar com avanços técnicos para a publicação de gravuras com maior qualidade do que em outros locais.

Embora o destino da *Revista Moderna* fosse o Brasil, conforme mostra o editorial de estreia, a revista conectava culturalmente Portugal, França e Brasil, funcionando como um correio que prestava o serviço de mostrar “todo um Mundo a outro Mundo”, seu programa era oferecer notícias e imagens que pretendiam constituir

“resumos supremos, postos em curtas linhas e em finos traços, de vastos e complicados movimentos do Pensamento e da Ação” (*Revista Moderna*, nº1, p.4).

Nas seções da *Moderna* os leitores encontravam uma variedade de informações de gosto e interesse de um público específico, especialmente dos burgueses das fazendas do café e da borracha no Brasil, ricos barões que passavam grande parte do tempo ociosos, sobremaneira as baronesas, para quem a revista não “poupou nenhum sacrifício para ser agradável” (*Revista Moderna*, 1897).

A revista publicava, por exemplo, os suplementos de moda parisiense que tanto agradava as leitoras. No primeiro número da revista apareceu a seção “Elegância e Moda”, um espaço destinado à apresentação ilustrada dos modelos de vestimentas os quais faziam sucesso entre as francesas aparecendo nas vitrines das principais casas parisienses.

A nossa página Elegância e Moda, dedicada com imenso prazer às nossas amáveis e gentis leitoras, de cuja proteção a Revista Moderna tanto espera, será um correio constante das últimas novidades, que a moda parisiense, em seus mil detalhes, impõe a admiração e ao bom gosto de todo o Universo. A diversidade das estações, que existe entre o Brasil e a Europa, nos faz criar um serviço especial, confiado a uma das primeiras casas de Paris, que fornecerá a todas as crônicas de nossa secção de moda, as últimas inovações das toaletes de visita, de passeio e de *soirée* acompanhadas de ilustrações e modelos, propriedade exclusiva de nosso jornal e cuja atualidade e impecável bom gosto, estarão acima de toda e qualquer crítica.

A *Revista Moderna* prometia às leitoras uma belíssima exposição dos trajes mais apreciados nas casas de costura de Paris e os editores da revista asseguravam que os “Suplementos de moda” acompanhavam as estações do Brasil. Os suplementos eram ricamente ilustrados, resultado dos últimos e aperfeiçoados processos da tipografia e da gravura para atender as exigências do mercado periodístico da época.

Entretanto, a moda Oitocentista europeia dificilmente esteve em conformidade com o clima brasileiro, pois os trajes que apareciam estampados na revista seguiam um “molde padrão”: vestidos com “mangas bufantes e lisas, que chegavam aos punhos ou até a metade dos braços; as saias com crinolina, com anquinhas e caudas; os babados e camadas; as golas que lembram rufos e também as mais achatadas” (ASSUNÇÃO, 2018, p.232).

### Ilustração 1: Suplemento *Elegância e Moda*



Fonte: *Revista Moderna*, 1897.

Mesmo não acompanhando as estações brasileiras, a cultura de moda europeia conquistou o público feminino da *Revista Moderna*. O acenado público, na tentativa de seguir à risca a moda francesa, mandava costurar e se vestia com os modelos dos trajes que apreciam nas páginas da mencionada revista, além de pedir à direção do periódico para publicar um número maior de suplementos de moda com a exposição das novidades vindas da Europa<sup>8</sup>.

A moda estrangeira ganhou um espaço de destaque na *Revista Moderna*. Com esse sucesso dos vestuários europeus entre as leitoras brasileiras, fica a indagação de como conseguiam, nos finais do século XIX, suportar vestir a moda importada, por

<sup>8</sup> Na edição de número 12, “uma leitora enviou agradecimentos à direção da revista pelos tão belos modelos do ‘Suplemento de moda’, pede a nossa admiradora para que tão logo as novidades apareçam possamos divulgá-las para que a confecção do modelo seja feita em tempo breve.” (*Revista Moderna*, 1898).

exemplo, no mês de dezembro, quando, segundo Magalhães de Azeredo<sup>9</sup>, “começa no Brasil a estação mais ingrata para tudo, o verão terrível, [...] quando todos se estão dissolvendo sob uma temperatura de 40 graus à sombra!”(Azeredo, 1897)?

O certo é que a moda significava para o público feminino, pertencente à elite, a ostentação do luxo e da riqueza aristocrática, uma prática que por muito tempo era feita apenas pelo público masculino<sup>10</sup>. As mulheres que seguiam a moda europeia pagavam, no mínimo, 120 francos para obter um modelo importado das casas parisienses e, assim, conquistar a tão desejada aparência francesa: “silhueta ampulheta, saias longas, laços e bordados, a obrigatoriedade da sombrinha para manter a aparência pálida, sapatos fechados, chapéus extravagantes e, ainda, com uma linha de etiqueta do vestir. ” (ASSUNÇÃO, *Op. Cit.*).

Outro serviço prestado às leitoras da *Revista Moderna* foi o de oferecer publicações didáticas sobre canto para auxiliar o mencionado público na educação artística, conforme se pode observar no excerto:

As nossas leitoras apreciarão devidamente estas originais e fáceis lições do ilustre professor P. Marcel que se iniciam, já no nosso número de Natal, por uma página musical inédita do grande compositor MASSENET acompanhada de um autógrafo do Mestre. (*Revista Moderna*, nº 2, 1897).

Embora houvesse seções pensadas e voltadas para o público feminino, além de a direção da *Revista Moderna* afirmar não medir esforços para agradar as leitoras, a figura feminina não foi presença constante na revista no tocante à participação colaborativa. Apenas uma personagem da intelectualidade feminina conseguiu fazer parte do seleto grupo que publicou na *Revista Moderna*, a escritora lisboeta Maria Amália Vaz de Carvalho.

A falta de participação colaborativa de mulheres na *Revista Moderna* revela que na direção e edição desse empreendimento jornalístico-literário, estavam homens que, apesar de caminharem na busca por modernidade, permaneciam no cultivo de valores tradicionais, os quais colocavam as mulheres em situação desigual e as relegavam ao simples papel de leitoras e consumidoras, principalmente da cultura e da moda europeia.

---

<sup>9</sup>Em correspondência enviada a Machado de Assis. Disponível em: Manuscrito Original, Arquivo ABL. 114, Avenue des Champs Elysées. Disponível em [www.iea.usp.br/eventos/documentos](http://www.iea.usp.br/eventos/documentos). Acesso em 20/05/2019.

<sup>10</sup>ASSUNÇÃO, Beatriz Albarez de; ITALIANO, Isabel Cristina. Moda e vestuário nos periódicos femininos brasileiros do século XIX. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 71, p. 232-251, dez. 2018.

A *Revista Moderna* também imprimiu em suas páginas, na forma de imagens e textos, reproduções de quadros e pinturas, notícia dos acontecimentos recentes, costumes, história, esporte, exposições de arte, ciência, dentre outros. Além disso, a revista abrigava em suas colunas textos de ficção e de crítica literária, propagandas de livros e objetos diversos, bem como matérias sobre variadas regiões<sup>11</sup>.

As edições da *Moderna* apresentam muitas seções fixas, por exemplo, a seção *Atualidade*, que aparece em todos os números da revista. Outras também foram bastante frequentes, tais como a “Página Cômica” e a seção “Publicidade”. Nesta, anunciava-se os mais diversos produtos e serviços, desde o sabonete *Monkey Brand*, o qual prometia limpar toda espécie de metal, aparecendo como um dos produtos mais anunciados pela revista, até as viagens dos Paquetes Postais oferecendo serviço regular entre a França, Portugal e o Brasil.

Na seção “*Sport*” depara-se com as mais variadas notícias e curiosidades sobre os esportes e os esportistas dos Oitocentos, como por exemplo a da premiação de uma medalha de ouro à uma garotinha do Brooklin, que com apenas seis anos de idade atravessara a nado o rio que separava a cidade de Brooklin da de Nova Iorque:

#### UM PRIMEIRO PRÊMIO DE NATAÇÃO

A interessante gravura que figura ao lado d'estas linhas é a de uma pequena criança de seis anos, muitas vezes premiada pela sua coragem e destreza na arte de nadar. E uma pequerrucha peralta, correndo livremente pelas praias, no verão, sem maior pretensão ao reclame e às exhibições. Ethel Bird é o nome d'essa extraordinária menina, Filha de um alfaiate de Brooklin e que por diversas vezes tem atravessado a nado o largo rio que separa essa cidade da de New-York. A sua última travessia realizou-se no mês de agosto por ocasião de lhe ser conferida a medalha de ouro pelo Club de Natação de New York. A pequena Ethel toda contente com essa grande festa; vestida do seu roupão de calças largas e cumpridas atirou-se à água, seguida por um grande cortejo de nadadores que a acompanhavam a dez metros de distância. A família e muitos amigos embarcados em pequenas lanchas tomaram parte na festa organizada em honra de Mlle Bird. Todos fixavam com atenção o pequeno ponto negro sempre avançando em direção a outra margem, que não era mais que a cabecinha da nadadora voltando de tempos a tempos para sorrir aos seus amigos que a aclamavam. A travessia durou quarenta e cinco minutos e durante esse tempo a pequena Ethel, que conhece todos os segredos da natação, descansou quatro vezes, ficando alguns momentos imóvel a boiar na superfície das águas. S. Marcello. (*Revista Moderna*, 1897, p. 36)

Essa seção não aparece em todas as edições, mas, quando presente, publica textos sobre as mais diversas modalidades e campeonatos esportivos, como o

---

<sup>11</sup>A direção da revista solicitou aos brasileiros para que enviassem fotos de regiões do Brasil para que pudessem compor um almanaque com as localidades brasileiras.

concurso de hipismo, organizado pela Sociedade Hípica Francesa, que aconteceria em Paris. A notícia de abertura do concurso foi anunciada no primeiro número da revista.

A morte de ilustres personalidades também se tornava matéria da *Moderna*. Encontra-se no seu “Noticiário Ilustrado”, entre outras, a homenagem póstuma feita ao escritor francês Alphonse Daudet. Além de informar sobre o acontecimento fúnebre, a matéria proclamava a coincidência da abertura dos eventos artísticos cujas obras pertenciam ao defunto:

Os funerais do aplaudido autor dramático e romancista celebre coincidiram com dois de seus mais belos triunfos cênicos. No mesmo dia, *Sapho* reaparecia na cena do Vaudeville, interpretada pela atriz Rejane; e Emma Calvo, na Opéra-Comique, dava a mesma figura o prestígio de sua voz maravilhosa. Os louros se mesclavam assim duas vezes às coroas fúnebres, e o morto glorioso era chorado ao mesmo tempo que vibrantes aclamações saudavam o seu nome ilustre. (*Revista Moderna*, nº 14, p. 07)

A análise do primeiro volume da revista, que corresponde a doze números em circulação no ano de 1897, permite concluir que dezenove seções apareceram com frequência na revista, uma a menos do que no segundo volume. Abaixo a composição básica considerando o primeiro volume da revista e as seções mais frequentes:

**Tabela 1:** As Seções mais frequentes, considerando o primeiro volume da revista

<b>Seções</b>	<b>Nº de vezes em que apareceu</b>
Atualidades	12
Esporte	10
Publicidade	10
Crônica	09
Noticiário ilustrado	09
Página cômica	09
Moda	06
Biografia	07
Retratos	07
Quinzena politica	06
Conto	06
Artes	05
Livros novos	05

Fonte: elaboração própria com base na *Revista Moderna*

Conforme a **tabela 1**, pode-se verificar que a *Revista Moderna* abordava uma variedade de assuntos, mas dedicava-se especialmente aos temas da atualidade. Na revista, uma coluna específica, a coluna “Atualidades”, foi criada para tratar do que estavam em voga no final do século XIX. A coluna apareceu em todas as edições da *Revista Moderna* e ofereceu aos leitores as matérias sobre o contexto da elite europeia difundidas pela imprensa jornalística Oitocentista.

A referida coluna trouxe, por exemplo, a informação sobre o incêndio no “Bazar da Caridade”, ocorrido no dia 04 de maio de 1897, um assunto que já estava sendo tratado por outros periódicos que circulavam concomitante com a revista. Todavia, o que diferenciou a matéria da *Revista Moderna* das de outros periódicos foi, na verdade, uma ilustração em *croquis*:

**Ilustração 2:** Um Braseiro Humano



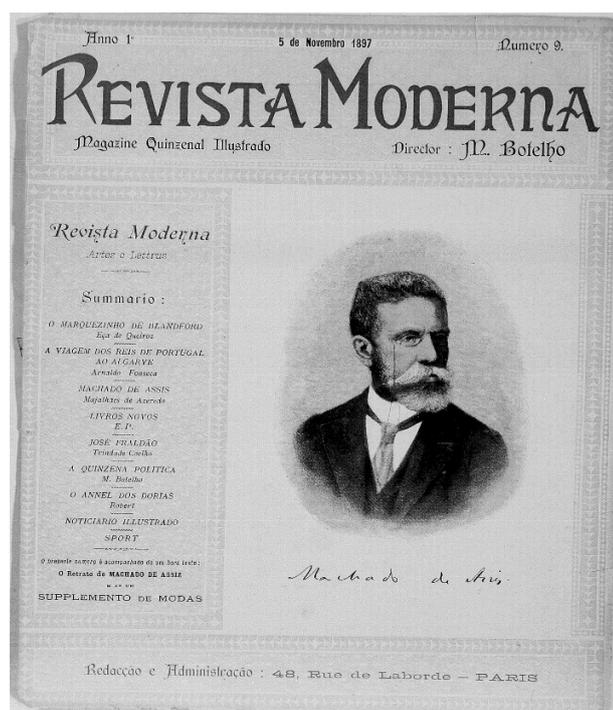
Fonte: *Revista Moderna*, 1897.

A imagem, intitulada “Um braseiro em Chamas”, mostra os corpos das vítimas do incêndio carbonizados e esqueléticos, alguns dos restos mortais parecem estar suplicando por socorro aos bombeiros que ali lutavam para apagar as chamas. A impactante imagem foi ainda acompanhada por uma descrição minuciosa do acontecimento, redigida por Martinho Botelho, o que parecia contradizer com a proposta da revista de ser um “delicado” e “elegante magazine”.

Contudo, a matéria de caráter sensacionalista se explica ao fato de as vítimas pertencerem as camadas superiores da França. Tratavam-se de mulheres da elite parisiense com alta posição social, como por exemplo a Duquesa de Alençon, cuja morte no desastre do Bazar parecia, segundo a direção da revista, contrastar com a vida que lhe assegurava o nascimento ilustre, a riqueza e a posição social. (*Revista Moderna*, 15 maio 1897, p. 8).

Em cada edição, a revista trazia também uma seção explicando o que seria publicado no próximo número, além de as edições, a partir do número nove da revista, passarem a vir com as capas estampadas com a fotografia de alguma personalidade ilustre, seja de Portugal ou do Brasil. O primeiro personagem a inaugurar as matérias de capa da revista foi o escritor brasileiro Machado de Assis:

**Ilustração 3:** Machado de Assis como matéria de capa da revista



Fonte: *Revista Moderna*.

Outras personalidades também se tornaram matéria de capa da *Revista Moderna*: Eça de Queirós (nº 10), o Barão do Rio Branco (nº 11), a rainha D. Amélia (nº 13), o papa Leão XIII (nº 14), Roberto Ivens (nº 15), Joaquim Nabuco (nº 16), Henrik Ibsen (nº 17), Coelho Neto (nº 18), SS. MM. A Rainha regente e Apponso XIII, rei da Espanha (nº 19), Valentim Magalhães (nº 21), Eduardo Prado (nº 22), Magalhães de Azeredo (nº 23), Maria Amália Vaz de Carvalho (nº 24), Campos Sales

(nº 25), Marechal Duque de Caxias (nº 27), Almeida Garret (nº 28), Afonso Celso (nº 29) e Pedro Américo (nº 30). Conforme se pode observar, as personagens nas matérias de capa são personalidades influentes dos Oitocentos, e não apenas isso, a maior parte pertencente à aristocracia, com altos poderes nas sociedades Oitocentista.

As personalidades retratadas nas capas da revista geralmente apareciam no corpo da publicação, em colunas específicas, dependendo do teor da discussão que se levantava sobre a personagem. Por exemplo, quando vinham na coluna “Biografia”, os intelectuais da capa recebiam uma descrição de suas trajetórias pessoais e profissionais, bem como a exposição de alguns de seus trabalhos e fotografias de momentos de suas vidas e carreira. No “Noticiário ilustrado”, além da fotografia do artista, havia a descrição de algum acontecimento recente. A coluna “Retratos”, por sua vez, tratava-se apenas de um espaço destinado à divulgação de uma espécie de pôster das personalidades, feitos por importantes ilustradores da segunda metade do século XIX que colaboravam com a revista<sup>12</sup>.

## 2.2- Uma dispendiosa Edição de Luxo

Como uma dispendiosa edição de luxo, a *Revista Moderna* trazia logo na capa o desejo de tomar lugar entre os símbolos da modernidade, apresentando aspectos da “beleza” e da “perfeição”, como também o foram os elementos da arte clássica da cultura greco-romana representados nessa publicação periódica, por exemplo, a escultura “Vitória de Samotrácia”, as Colunas Jônicas, dentre outros artefatos.

**Ilustração 4:** Primeira capa da *Revista Moderna* – Ano 1º, nº 1, ano 1897

---

<sup>12</sup>Convém informar que essas colunas não eram destinadas exclusivamente aos personagens “matérias de capa”, pois também apareceram outros sujeitos nesses espaços que não foram mencionados na capa da revista.



Fonte: Acervo da Biblioteca do Grêmio Literário Português da cidade de Belém – PA

As concepções de modernidade provenientes da Europa atingiam muitos povos, muito mais pelo imaginário como era o caso do Brasil. Isso justifica a figura feminina ilustrada nessa capa, aparecendo como a representação de uma deusa moderna, cuja sensualidade e intelectualidade se dão pela contemplação do cenário europeu como lugar de inspiração para quem desejava assumir um novo estilo de vida, a moderna. Entretanto, os elementos na capa da *Revista Moderna* remetem ao passado, à antiguidade, apresentando, dessa maneira, mais uma divergência da

revista: Enquanto busca apresentar um “mundo moderno”, desenvolvido e industrial ao Brasil, a revista imprime na própria capa a manutenção da tradição europeia, como o cultivo da cultura.

A Europa aparece representada como um centro de cultura, um “palco onde se representam cada dia as mais pitorescas, as mais instrutivas, as mais patéticas, as mais alegres, as mais profundas, as mais bem-escritas Tragicomédias Humanas”(Revista Moderna, nº 01, 1897), separada de outros cenários apenas por um rio que a aproxima dos outros locais por meio dos mediadores de cultura, isto é, os livreiros, os editores, escritores-jornalistas e toda uma elite intelectual que vivia no Velho Continente e que fazia dos impressos “um dos vetores dessa modernidade, em particular o impresso periódico, dada sua eficácia e centralidade na integração cultural que exerceu nessa época” (GUIMARÃES, 2016, p.21)

Desse modo, a *Revista Moderna*, inspirada nos magazines ingleses e franceses, se apresentava como um instrumento que tomava como referência a Europa, por meio dos elementos de cultura e acaba por criar um imaginário europeu na população brasileira, “do vestuário à urbanidade, dos costumes ao gosto literário”. (GUIMARÃES, 2016, p.42).

Conforme Pinheiro (*Op. Cit.*),

a intenção de mostrar o que acontecia no velho continente surge não só porque esse empreendimento jornalístico-literário foi criado na Europa; mas, principalmente, porque seus principais colaboradores viveram grande parte de suas vidas no Velho Continente, na capital francesa. A grande maioria destes intelectuais exercia a carreira pública, como, por exemplo, o escritor português Eça de Queirós, que exerceu a função de Cônsul em Paris, além dos escritores brasileiros Domicio da Gama, Magalhães de Azeredo. A carreira pública desses homens os unia pelo dever da função e pela língua em comum. (PINHEIRO, 2011, p.45)

A *Revista Moderna* pretendia servir como um dos símbolos da modernidade Francesa no Brasil, por este motivo, a sua beleza artística impressionava não só pela quantidade e qualidade das imagens, mas também pela qualidade e valor textual ao tratar de assuntos que apontavam à aceleração e brevidade dos acontecimentos.

Pensem que a França escreve cada ano dez mil livros! E a Inglaterra quatorze mil! E a Alemanha dezesseis mil! E quantos Quadros se pintam! E quantas Estatuas se modelam! E quantas conclusões da Ciência! E quantas invenções da Fantasia! Toda esta produção rola com brilho vacilante: e como poderiam, aqueles que não vivem parados a observar a estranha corrente, saber do bom livro, ou da fina obra d'arte ou da descoberta do saber, ou da gentil elegância, se a *Revista*, com rápida segurança, não escolhesse e

apanhasse, dentre a vaga fugitiva, a obra que merece ficar, em quanto as outras se embrulham e se somem na nevoa que tudo apaga? (*Revista Moderna*, nº 01, p. 2, 1897).

Para preparar e organizar uma publicação desse gênero, os editores sabiam da soma de sacrifícios que deveriam fazer, além das dificuldades e decepções que poderiam encontrar no caminho da produção, nem por isso deixaram de fazer todos os esforços para garantir ao público leitor da revista, cujas mãos colocavam o sucesso da mesma, um instrumento de tamanho requinte gráfico. Tantos cuidados conduziam a direção da *Revista Moderna* a grandes gastos, e por mais preparada financeiramente que fosse, a ponto de oferecer “para cada um dos seus assinantes, como presente, um relógio de ouro Pateck Philip”<sup>13</sup> ou um “belíssimo e artístico bronze do grande escultor Falguière, LA DANSEUSE, medindo cinquenta centímetros de alto e cujo valor real e indiscutível é de 500 francos, preço de fábrica em Paris”, como prêmio para o ganhador de um concurso literário promovido pela direção, as despesas da revista tornaram-se expressivas, o que parece ter sido o motivo de, a partir do nº 4, os editores passarem a apelar aos assinantes para que realizassem o pagamento no ato da assinatura, assim como informar aos seus clientes sobre os possíveis desvios dos correios.

Devido às grandes despesas que a Revista Moderna é forçada a saldar mensalmente, pedimos a todos os nossos assinantes o obséquio de pagarem as suas assinaturas no ato da subscrição.

Rogamos também os nossos assinantes que, por um desvio do correio, não recebam a Revista a reclamem aos nossos agentes, nos respectivos Estados. (*Revista Moderna*, nº 04, 1987)

Os primeiros indícios de que a *Revista Moderna* se tornava um empreendimento muito caro aparece nas edições de número seis e sete da revista, quando seus editores publicam as seguintes notas:

Um transtorno de última hora, obrigou-nos a imprimir a capa do nosso último número numa só cor, mudando assim o aspecto exterior da nossa publicação. Demos as devidas providencias para que tal fato não se repita. (*Revista Moderna*, nº06, 1987)

A revista moderna pede benevolência dos seus leitores para os inúmeros erros tipográficos que serão notados no presente número devido ao não comparecimento à última hora por motivos de força maior do revisor de português encarregado desse mesmo serviço. (*Revista Moderna*, nº07, 1987)

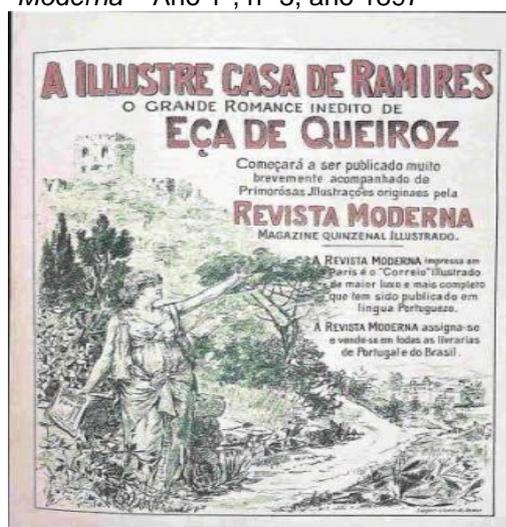
---

<sup>13</sup> Faro, Arnaldo. *Eça e o Brasil*, prefácio de Miécio Táci, São Paulo, Editora Nacional, Editora da Universidade de São Paulo, 1977, p. 223.

Talvez por conta da necessidade de contenção dos gastos e das pressões do mercado editorial, em um período de efervescência dos valores capitalistas, a *Revista Moderna* não tenha conseguido se manter por mais tempo no mercado e, assim, encerrado sua circulação em abril de 1899, quando completou dois anos de circulação e 30 edições. Contudo, a duração consecutiva de dois anos pode ser considerada um bom período para uma revista que era vendida por um valor alto no mercado editorial.

Enquanto circulou, a *Revista Moderna* possibilitou a movimentação e difusão de diversos textos e imagens, inclusive os textos literários, como as publicações inéditas dos autores, antes mesmo dessas publicações terem sido impressas em livros, foi o caso do conto “José Matias”, publicado no segundo número da revista, e do romance “A Ilustre Casa de Ramires”, ambos do escritor português Eça de Queirós.

**Ilustração 5:** Anúncio da publicação de “A Ilustre casa de Ramires” na *Revista Moderna* – Ano 1º, nº 3, ano 1897



Fonte: *Revista Moderna*

Embora a continuação do romance tenha sido anunciada para o próximo volume, no número dois da revista, publicado em 25 de junho de 1897, e confirmada sua publicação na edição de número três, a divulgação para “muito brevemente”, publicada um mês depois do número anterior, o inédito romance supracitado de Eça de Queirós começa a aparecer nas páginas da *Revista Moderna* somente a partir do décimo número, o mesmo em que o escritor português foi amplamente homenageado. O anúncio da novidade literária e a homenagem a Eça foram destaques na edição:

Eça de Queirós

O nosso número de 20 de novembro, que começará a publicar **A Ilustre Casa de Ramires**, será exclusivamente consagrado ao grande escritor português. Nesse número – a par de uma colaboração escolhida e firmada pelos primeiros nomes da literatura portuguesa contemporânea – daremos interessantes documentos ilustrados sobre a vida literária e íntima de Eça de Queirós: autógrafos, retratos, fotografias, etc... (*Revista Moderna*, nº 10, p. 2).

Mesmo tendo publicado uma parte do romance, o referido número da revista não deixou de anunciar a notícia de publicação e continuação da “Ilustre Casa de Ramires”. O anúncio, além de elevar a grandeza da nova obra do escritor português, agradecia a honra de ter sido escolhida pelo autor para publicá-la pela primeira vez:

A *Revista Moderna* começa no seu presente número a publicação da — Ilustre Casa de Ramires — do grande romancista português Eça de Queiroz. Se já não fora a colaboração valiosa e efetiva do brilhante escritor, dando à nossa publicação, desde os seus primeiros passos, esse cunho superior e elevado que tanto tem impressionado o espírito culto de Portugal o Brasil, seria para nós um justo título do reconhecimento essa preferência feita às colunas da revista para o aparecimento da sua última produção literária, tão renhidamente disputada pelos lançadores de obras-primas.

O excerto permite inferir que a reprodução do anúncio publicado era uma maneira de promover tanto a *Revista Moderna* quanto Eça de Queirós e a mais nova obra do escritor português, afinal o nome laureado pela direção da revista era de um dos fundadores e mais importante colaborador da revista.

A *Revista Moderna* também contou com a colaboração de outros escritores e intelectuais dos mais ilustres dos Oitocentos, como o escritor brasileiro Eduardo Prado e “um grupo de redatores escolhidos d’entre os mais notáveis da nossa literatura” (*Revista Moderna*, editorial, 1897). Houve a colaboração e empenho de escritores e de outros intelectuais bastante experientes, tanto na imprensa portuguesa quanto na brasileira, como Coelho Neto, Eduardo Prado, Trindade Coelho, Conde de Ficalho, Magalhães de Azeredo, Conde d’Arnos, Batalha Reis, João da Câmara, Domicio da Gama, Jayme de Ségaier, Christovam Ayres, Conde de Sabugosa, Oliveira Lima, Henrique Lopes de Mendonça, Xavier de Carvalho, Fontoura Xavier, Mariano Pina, José Pessanha, Arnaldo Fonseca, Domingos Guimarães, Pereira de Sampaio, Luiz de Magalhães, Alfredo da Cunha, Abel Botelho, José Sarmiento, Henrique de Vasconcellos, Antero de Figueiredo, Coelho de Carvalho, Câmara Lima, Raymundo Corrêa, A. da Cunha, etc.

Dentre os colaboradores portugueses e brasileiros que mais publicaram na revista, destacam-se os descritos na tabela a seguir:

**Tabela 2:** Principais colaboradores

<b>Autor</b>	<b>Número de Colaborações</b>
Eça de Queirós	31
Martinho Botelho	20
S. Marcello	16
Luís Serra	15
Magalhães de Azeredo	14
Xavier de Carvalho	13
Domício da Gama	10
Eduardo Prado	08
Domingos Guimarães	07
Miguel de Lencastre	06

Fonte: Elaboração própria.

Além dos mais assíduos, apareceram na revista mais 46 colaboradores luso-brasileiros, sendo vinte e um brasileiros e vinte e cinco portugueses. Muitos escritores brasileiros obtiveram destaque na *Moderna*. Esse foi o caso de Magalhães de Azeredo, que publicou, além de artigos, poemas e textos de ficção, como o conto “A Yara”, na edição de número quatro da revista, lançada em 20/08/1897. Essas colaborações fortaleciam a ideia de que as relações entre Portugal e Brasil eram importantes para o desenvolvimento e divulgação das produções literárias dos dois países.

No primeiro ano de circulação, a *Revista Moderna* apareceu quinzenalmente<sup>14</sup>, mas sua periodicidade passou a ser mensal a partir do vigésimo quinto número, quando foram modificados o formato e a materialidade da revista, conforme se pode verificar na informação prestada aos leitores na seção de abertura do número vigente da revista:

#### AOS NOSSOS LEITORES

<sup>14</sup> Embora os três primeiros números tenham sido mensais (15 de maio, 25 de junho e 15 de julho), “devido à impaciência de Martinho Botelho e à possibilidade financeira que dispunha para publicar dois números ao mês”. (p.23)

A *Revista Moderna* aumentou de formato e de texto, alargou consideravelmente as suas ilustrações, duplicou por assim dizer o seu número de páginas e transformou-se em publicação mensal. (*Revista Moderna*, nº 25, 1898)

A *Moderna* se apresentava em papel *couché*<sup>15</sup> com 30 cm de altura e 23 cm de largura. Cada exemplar era composto por aproximadamente 36 páginas e os textos, por páginas, vinham dispostos em duas colunas e acompanhados por ilustrações que às vezes tomavam mais da metade das páginas, ou vinham sozinhas nas laudas, identificadas por autoria e/ou legendas.

A revista também adotou mudanças na identificação do cabeçalho, pois, embora tenha se tornado conhecida pelo título principal de *Revista Moderna*, a publicação apresentou pelo menos três nomes durante sua circulação. Do número um ao nono, apareceu sob a denominação de *Revista Moderna. Magazine Quinzenal Ilustrado*. No vigésimo passa a se chamar *Revista Moderna. Magazine Brasileiro*. Por fim, o terceiro e último título, denominado *Revista Moderna. Ilustração Brasileira. Magazine Literário e Artístico*, surge a partir do vigésimo quinto número da revista.

A *Revista Moderna*, publicada em Paris para circulação no Brasil, achava-se à venda por assinatura no Brasil, França, Portugal e em outros países da união postal, seguindo as condições de assinatura, as quais deveriam ser pagas adiantadamente de acordo com os preços abaixo tabelados:

**Tabela 3:** Preços por assinatura

Assinaturas	1 ano	6 meses	Avulso
BRASIL	50\$000réis	30\$000réis	2\$500 réis
FRANÇA	40 fr.	24 fr.	2 fr.
PORTUGAL	10\$000 réis	5\$500 réis	500 réis

Fonte própria, com base na *Revista Moderna*

Durante o primeiro ano a revista custava dois mil e quinhentos réis o avulso, mas a partir do vigésimo quinto número o valor dobrou, passando a valer 5\$000(cinco mil réis) cada número, reajustando-se também os valores das assinaturas. A redação justificava o aumento do preço por conta de a revista ter mudado o formato e

<sup>15</sup> Indicado para trabalhos de alta qualidade gráfica, como rótulos de embalagens, revistas, folhetos e encartes. É produzido, normalmente, a partir do papel de imprimir, mediante aplicação de tinta, podendo receber acabamento brilhante ou texturizado.

aumentado o tamanho do texto, além de ter “alargado” consideravelmente as ilustrações nas páginas.

Comparado com outros periódicos à venda na época, percebe-se o quanto o valor da *Revista Moderna* era exorbitante. Para ficar informado, por exemplo no estado do Pará, com uma importância muito menor do que cinco mil réis era possível adquirir os jornais da região que estavam em circulação naquele final de século como *A Província do Pará* (1876-1899), a *Folha do Norte* (1896), *O Pará* (1897), dentre outros. O primeiro custava 80 réis um exemplar enquanto que o avulso do segundo podia ser adquirido por 120 réis e o terceiro por 100 réis.

Por outro lado, se o leitor paraense ou com residência no Pará optasse pelas revistas ilustradas, nacionais ou importadas, poderia também as adquirir nas principais casas e livrarias da capital, bem como em outras regiões de dentro ou fora do estado, por um valor inferior ao da *Revista Moderna*. A revista brasileira intitulada *Revista Ilustrada* (1876-1898), por exemplo, cobrava quinhentos réis por cada número, já o custo da Lisbonense *Branco e Negro* (1896-1899) somava o valor de quarenta réis o avulso e por mil réis era possível adquirir um número da luso-brasileira *Brasil-Portugal* (1899).

A *Revista Moderna* não cabia nas estantes populares, mas sim nas de pessoas que podiam pagar por esse artigo de luxo, ou seja os burgueses da época, como por exemplo os banqueiros, os generais, os altos funcionários da burocracia e os barões do café, que se dividiam entre o Brasil e as capitais europeias. (MARTINS, 2000, p.52). É importante ressaltar que a revista foi feita na França, portanto, mesmo editada em língua portuguesa, tratava-se de um produto importado. Por este motivo, os valores da revista, avulsos ou por assinatura, estavam entre os mais altos do mercado de periódicos da época, o que demonstra que a referida revista tinha como público-alvo as pessoas de posse do Brasil e de Portugal.

No Brasil a *Revista Moderna* podia ser adquirida nas seguintes casas e agências brasileiras:

**Tabela 4:** Casas e agências onde se vendia a *Revista Moderna*

Estados	Casas
RIO DE JANEIRO	A. Lavignasse Filho e Cia, rua dos ourives, nº 07

PELOTAS, PORTO ALEGRE E RIO GRANDE	Carlos Pinto e Cia
SÃO PAULO	C.H. Hildebrand e Cia. Casa Gabraux
SANTOS	F. Mattos e Cia, rua 15 de novembro
CAMPINAS	Livraria Alfredo Genoux
TAUBATÉ	V. Coelho de Carvalho
JUIZ DE FORA E MINAS GERAIS	Capitão Avelino Lisboa
PERNAMBUCO	Livraria contemporânea e Livraria do Norte, rua 15 de novembro.
CEARÁ	J. J. de oliveira e Cia
PARÁ	J. B. dos Santos e Cia
BAHIA	Cantilena e Cia

Fonte própria, com base na *Revista Moderna*

Conforme a tabela, no Estado do Pará era possível encontrar a *Revista Moderna* à venda na Loja de João Batista dos Santos e Cia, localizada na rua dos Mercadores nº 40, na cidade de Belém. No caso de Portugal, a revista esteve à venda nas principais livrarias de Lisboa, do Porto e de Coimbra, embora tivesse apenas o livreiro Antônio Maria Pereira como agente responsável pela publicação em Portugal:

A direção da Revista Moderna tem o prazer de comunicar aos seus estimados leitores que a importante casa editora de ANTÔNIO MARIA PEREIRA aceitou, para o futuro, a representação da nossa Revista em Portugal. Todas as comunicações relativas ao movimento administrativo da Revista Moderna nesse país, devem, pois, ser dirigidas ao NOSSO ÚNICO AGENTE O SR. ANTÔNIO MARIA PEREIRA. (*Revista Moderna*, nº 11, 1897)

A excelente reputação dessa casa-editora e do próprio livreiro foi mais uma garantia da regularidade e boa execução dos serviços da revista para os assinantes e leitores. Convém informar que, possivelmente, Antônio Maria tenha sido o responsável por trazer a revista para o acervo do Grêmio Literário Português de Belém, afinal, o referido livreiro participou da constituição de grande parte da biblioteca dessa Instituição.

Na própria capital francesa a *Revista Moderna* se encontrava à venda nas mais importantes casas e livrarias, isso porque havia também falantes da língua portuguesa instalados no território francês. Tanto os espaços para a comercialização como a publicidade da revista por outros periódicos, que circulavam concomitante, colocaram-na em um lugar de destaque nas últimas décadas do Oitocentos.

A *Revista Moderna* obteve boa publicidade de periódicos nacionais e estrangeiros. Na informação extraída do jornal *O Estado de São Paulo*, por exemplo, cuja edição publicou-se quinze dias após o aparecimento da *Moderna*, era possível perceber o caráter publicitário de uma revista importada escrita em português:

Em Paris vai ser publicada uma revista luso-brasileira denominada *Revista Moderna*. Será escrita em português e entre seus colaboradores estão os senhores Eça de Queirós, Domício da Gama, Arruda Botelho e Luís Serra. (*O Estado de São Paulo*, 30 de maio de 1897)

A *Revista Brasileira*, por sua vez, sob direção do crítico literário José Veríssimo, anunciou o recebimento dos números iniciais da *Revista Moderna* no Tomo de número XIII, de 1898:

Em Paris começou a ser publicada em maio do ano passado um interessante *magazine* ilustrado em português, sob a direção do nosso compatriota Sr. M. Botelho. Tem o título, que plenamente justifica de *Revista Moderna* e conta entre os seus mais assíduos colaboradores, além do eminente romancista português o sr. Eça de Queirós, alguns nomes estimados e queridos dos leitores da *Revista Brasileira*, como Domício da Gama e Magalhães de Azeredo. Recebemos os primeiros números. (*Revista Brasileira*, janeiro de 1898, p.112).

Nota-se que a *Revista Brasileira*, além de informar sobre o aparecimento e circulação das edições da *Moderna*, aponta quem estava à frente desse “Correio Ilustrado”, o brasileiro M. Botelho, assim como o seu principal colaborador, o escritor português Eça de Queirós e outros nomes que certamente garantiam a publicidade da revista, como por exemplo Magalhães de Azeredo, que, inclusive, colaborava com a anunciante.

A *Revista Moderna* foi também assunto nas trocas de correspondências entre Magalhães de Azeredo e Machado de Assis, conforme se pode observar:

De: Magalhães de Azeredo  
Para: Machado de Assis

Agora se fundou aqui para o Brasil e Portugal um periódico – a *Revista Moderna* – que pela sua elegância de *feitura*, pela impressão, pelas

ilustrações rivaliza com as melhores de Paris e é verdadeira novidade na nossa língua.

Paris, 6 de junho de 1897.

De: Machado de Assis  
Para: Magalhães de Azeredo

Também recebi, mandados pelo editor, dois números da *Revista Moderna*, que me pareceram, literariamente e materialmente, muito bem feitos.

Rio de Janeiro, 21 de julho de 1897

Fonte: Manuscrito Original, Arquivo ABL. 114, *Avenue des Champs Elysées*. Disponível em [www.iea.usp.br/eventos/documentos](http://www.iea.usp.br/eventos/documentos). Acesso em 20/05/2019.

Além dos periódicos anteriormente citados, a *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro (1897-1898), a revista francesa *La Revue des Revue* (outubro de 1897) e o *Jornal de Recife* (abril de 1899)<sup>16</sup> também publicaram notícias acerca da *Revista Moderna*. No jornal carioca *Gazeta de Notícias*, a *Revista Moderna* ganhou destaque na publicação de 26 de maio de 1897, aparecendo na coluna “novas publicações”, em meio as novidades literárias e aos anúncios de impressos que se vendiam nas livrarias de todo o país:

“Revista Moderna”

Entre as últimas notícias de Paris uma que deve interessar particularmente aos nossos leitores é a da fundação de uma revista ilustrada destinada ao Brasil e cujo primeiro número deve ter aparecido naquela cidade no dia 15 do corrente. Essa publicação, que ocupa o meio termo entre o magazine mensal e a ilustração hebdomadária, tem por fim dar em 24 páginas in- 8º grande, e uma resenha ilustrada da quinzena, e artigos redigidos de maneira que o leitor se divirta instruindo-se. A empresa está sob direção do senhor M. Botelho. Entre os seus redatores assíduos figura nosso eminente colaborador Eça de Queirós, que vai distrair em proveito dos leitores da revista uma parte da sua atividade quase exclusiva concentrada em trabalhos de longo fôlego. A colaboração literária promete um bom texto. A ilustração num centro artístico de primeira ordem não pode senão dar muito prazer pelos olhos aos leitores da *Revista Moderna*, que desejamos numerosos como as areias do mar e fiéis constantes como as estrelas do céu. (*Gazeta de Notícias*, 26 de maio de 1897)

A *Gazeta* ainda reproduziu, no dia 02 de agosto de 1897, o conto “José Matias”, de Eça de Queirós, publicado pela primeira vez na *Revista Moderna* em 25 de junho de 1897. Esse jornal carioca fez significativa publicidade da publicação ilustrada de Martinho Botelho, anunciando em seus números o sumário de todos os fascículos da

---

<sup>16</sup> Essas fontes podem ser localizadas em versões digitalizadas nos espaços de leitura, como as disponíveis na Hemeroteca Nacional.

revista que recebia da direção, dando início às publicações a partir do dia 15 de agosto de 1897 e finalizando-as em 10 de março de 1899.

Na revista *Revue des Revue*, de origem francesa, a *Moderna* também foi apresentada de maneira elogiosa. O anúncio faz especial referência ao número em homenagem ao Eça:

*Revista Moderna. - Cette belle publication illustrée en langue portugaise qui paraît tous les quinze jours à Paris, sous la direction de M. Botelho, publie un numéro consacré au grand romancier portugais Eça de Queiroz, le chef de l'école naturaliste, un des maîtres du roman contemporain en Europe. (...)*  
(*Revue des Revue*, 01 de outubro de 1897, p.486)

Verifica-se com isso que Eça de Queirós foi engrandecido na *Revista Moderna* e também na revista francesa *Revue des Revue*, cujo texto finaliza afirmando a grandiosidade do escritor português, intitulando-o “chefe da escola naturalista” e mestre do romance. Convém informar que sob a gerência da revista francesa estava o jornalista francês Georges Lefevre, nome que garantiu publicação na *Revista Moderna* após a publicidade no empreendimento francês, talvez essa colaboração do jornalista francês tenha sido a maneira dos responsáveis pela *Revista Moderna* de agradecer a publicidade da revista.

Enquanto os periódicos anteriores apresentam os requintes da nova publicação de Martinho Botelho, voltando-se aos escritores e intelectuais que publicaram na revista, o *Jornal de Recife* mostra outra face da *Moderna*:

Mudou-se o problema, que entra em seu estado normal, pois que o algodão barato importa ao bem-estar da raça humana. Procuramos rapidamente entrar no conhecimento da situação, tão profundamente modificada pela guerra; esse trabalho não nos será difícil avista dos importantes artigos publicados por N. F. Cooking, na *Revista Moderna*. (*Jornal de Recife*, 07 de abril de 1899)

Conforme se observa, o *Jornal de Recife* destacou o teor informativo da *Revista Moderna*, mostrando-a como referência na publicação de assuntos que também eram do interesse do público, como por exemplo, as questões sobre a exportação de algodão em Pernambuco, um importante centro econômico regional brasileiro ao longo do século XIX.

O envio dos números da *Revista Moderna* para outras publicações que circulavam concomitante, além da publicação das notas que saíam sobre a revista em outros periódicos, eram os meios publicitários adotados pela gerência da revista para,

entre outras coisas, atrair os leitores e motivá-los a compra. Reconhecendo a prática publicitária, acredita-se que o número de periódicos, revistas e/ou jornais, que publicaram informações acerca do aparecimento e das publicações da *Revista Moderna* no final do XIX, seja maior do que o contabilizado, porém, muitos títulos não foram localizados até onde foi possível averiguar.

Com o apresentado até aqui, pôde-se verificar que a *Revista Moderna* se constitui como um rico material para o conhecimento dos diversos sujeitos históricos envolvidos na produção, divulgação e circulação da cultura por meio dos impressos. Assim, enquanto instrumento difusor de cultura, o qual permite a visualização do cenário intelectual do final do século XIX, as informações encontradas têm focado, principalmente, numa rede de relações que se formou em torno da *Revista Moderna*, conforme será verificado no capítulo seguinte.

### CAPÍTULO III: UMA REDE DE RELAÇÕES EM TORNO DA *REVISTA MODERNA*

*Para apreciar em Literatura o livro mais profundo, atulhado de ideias novas, que o amor de laboriosos anos fortemente encadeou — apenas nos basta folhear aqui e além uma página, através do fumo escurecedor do charuto.*

(*Revista Moderna*, nº 03, 1897)

O presente capítulo se ocupará da apresentação e discussão sobre como se constituiu a rede de relações que se formou em torno da *Revista Moderna* (1897-1899). Apresenta-se, especificamente, quem era a intelectualidade luso-brasileira do século XIX envolvidos com a publicação da referida revista, como se deu a (re)união entre esses intelectuais e quais foram as principais colaborações à arte-literária, no periódico, por esses agentes Oitocentistas.

#### 3.1- Tecendo a rede: Intelectuais (Re)unidos na publicação da *Revista Moderna*

A *Revista Moderna* uniu e reuniu um conjunto de intelectuais que deu maior visibilidade ao empreendimento, o que pode ter garantido a publicidade e a comercialização da revista no período em que circulou<sup>17</sup>. Tratavam-se de importantes personalidades do século XIX que atuavam, em particular, na defesa e realização dos interesses nacionais fora de suas fronteiras territoriais. A maior parte desses intelectuais residia na Europa e trabalhava na esfera pública como Agente de Relações Internacionais, visando o desenvolvimento das relações econômicas, culturais e científicas europeias e dos seus países de origem.

Dentre os intelectuais havia um grupo de brasileiros e de portugueses que vivia na França no final do século XIX e muitos deles trabalhavam, especialmente, na

---

<sup>17</sup>Não foi possível identificar a tiragem da revista, porém ela apresentava um espaço para a divulgação das notas e dos comentários que saiam sobre ela, enviados por outros periódicos também pelos próprios leitores da revista, o que aponta que pode sim ter havido um número significativo de vendas, considerando ainda que Eça de Queirós fazia parte do empreendimento, o que provavelmente garantiu sucesso à publicação.

imprensa, possuindo uma relação amistosa com a intelectualidade europeia, o que possivelmente facilitou o desenvolvimento das relações culturais desses países na Europa. Uma das personalidades brasileiras influentes no estrangeiro foi o criador da *Revista Moderna*, o aristocrata Martinho Carlos de Arruda Botelho, filho do rico fazendeiro e grande empresário do café em São Paulo, o Sr. António Carlos de Arruda Botelho, o influente Conde do Pinhal.

Martinho Botelho<sup>18</sup>, como era conhecido o quarto filho do Conde do Pinhal, foi um jornalista político, nascido no ano de 1867, na fazenda da família Arruda Botelho, a Fazenda do Pinhal, situada na cidade de São Paulo.

**Ilustração 6:** Martinho Botelho



Fonte: Revista *Brasil-Portugal*, nº 08, publicada em 16 de maio de 1899.

No Brasil, Martinho ingressou na Faculdade de Direito, mas não chegou a completar o curso, abandonando-o após a reprovação no 5º ano de estudo, também

---

<sup>18</sup>Martinho Botelho é um personagem pouco citado na historiografia. Assim, as informações coletadas a respeito do empreendedor da *Revista Moderna* talvez não deem conta de caracterizar a possível grandiosidade do aristocrata.

por conta de “um incidente com a Congregação da Faculdade”<sup>19</sup>. A pesquisadora Alexandra Jardim(2000) ao analisar em sua dissertação de mestrado, uma carta datada do dia 08 de abril de 1886, endereçada à Condessa Anna Carolina Mello de Arruda Botelho por seu esposo o Conde do Pinhal, infere que Martinho não teria sido um bom aluno, isso por considerar na correspondência a preocupação do pai com relação ao desempenho escolar do filho.<sup>20</sup>

Convém considerar que Martinho Botelho possuía possessões familiares suficientes para gozar de uma vida abastada e sem muitas preocupações com o futuro, pois mesmo pertencendo a uma família numerosa de treze irmãos, o seu pai, o primeiro e único Barão, Visconde e Conde do Pinhal era um político e empresário de prestígio em São Paulo, com “passe livre nas Companhias da Estrada de Ferro do Rio Claro”<sup>21</sup>, herdeiro das terras na Sesmaria do Pinhal e grande produtor de café, cujos rendimentos o possibilitaram investir na família e “se aventurar” nos diversos outros ramos de negócios.

**Ilustração 7:** A Família Arruda Botelho



Fonte: Acervo fotográfico da Casa do Pinhal. Disponível em <http://www.casadopinhal.com.br>. Acesso em 15 de maio de 2019.

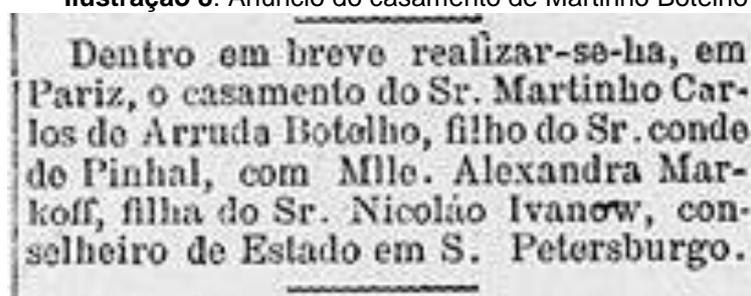
<sup>19</sup>Ver em JARDIM (2000, p. 27).

<sup>20</sup>Idem

<sup>21</sup> Principais acontecimentos sobre a família Arruda Botelho e a Fazenda do Pinhal. Disponível em <http://www.casadopinhal.com.br>. Acesso em 22/05/2009.

Assegurado pelas posses da família e, provavelmente, movido por uma ambição de empreender algo que fosse realmente dele, enfatizando o gosto e interesse que possuía pelo jornalismo, já verificado com sua participação como diretor de dois jornais paulistas do século XIX, o *Correio da Tarde* e o *Atualidades*<sup>22</sup>, Martinho Botelho, ainda moço, foi morar na França. Vivia em Paris quando se casou com uma senhora da primeira sociedade russa, a filha do Conselheiro do Estado de S. Petersburgo, Sra. Alexandra Markoff, conforme a informação anunciada por um periódico carioca publicado no dia 17 de março de 1897:

**Ilustração 8:** Anúncio do casamento de Martinho Botelho



Fonte: *A Notícia*. Rio de Janeiro, p.2, 1897. Disponível em: <http://memoria.bn.br>. Acesso em 15 de maio de 2019.

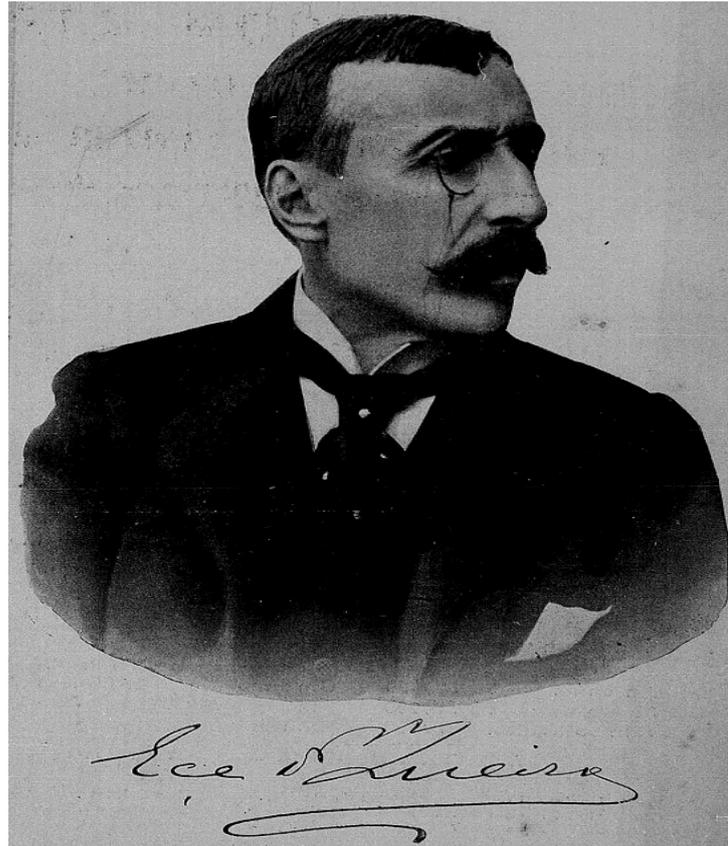
A capital francesa também se tornou palco para distintos encontros e contatos de Martinho Botelho com a elite intelectual da época, como por exemplo a ocorrida entre o publicista brasileiro e o escritor português José Maria Eça de Queirós, de quem ficou grande amigo e com quem celebrou parceria para a “realização do sonho”: uma empresa jornalística e artístico-literária, um projeto pessoal e financeiro que recebeu o título de *Revista Moderna*.

Eça de Queirós havia sido no ano de 1888 nomeado cônsul de Portugal em Paris e se mostrava muito presente na vida intelectual brasileira, em particular no meio da imprensa, no qual foi “mentor e responsável pela criação do “*Suplemento Literário*” do jornal a *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, colaborando com o periódico de 1880 a 1897. Além de suas participações em outros periódicos de Portugal e do Brasil, tornou-se o “padrinho” e principal colaborador do empreendimento editado e dirigido por Martinho Botelho<sup>23</sup>.

**Ilustração 9:** Eça de Queirós

<sup>22</sup> Alexandra Jardim (*Op. Cit*)

<sup>23</sup> Ver em: MINÉ, Elza. **Alguns homens de meu tempo** e outras memórias de Jaime Batalha Reis, Coimbra: [s.n.], 2017.



Fonte: *Revista Moderna*, ano I, nº 10, 1897.

Segundo Elza Miné (2000, p. 85), o simples fato de uma publicação ter o nome do escritor português Eça de Queirós como colaborador “equivale a um adiamento seguro de crédito”. Nesse sentido, Martinho Botelho via na “valiosa colaboração” do escritor português uma forma de garantir um público leitor fiel e permanente, tanto no Brasil quanto em Portugal, uma vez que Botelho reconhecia que a autoridade de Eça de Queirós “é indiscutível em todo mundo culto do Brasil e Portugal”. (*Revista Moderna*, ano I, nº 1, 1897- Editorial)

O escritor português se engajou ao máximo na produção literária do novo empreendimento de Martinho Botelho. Na *Revista Moderna* somam-se trinta e uma publicações cuja autoria pertence ao “grande amigo” de Botelho, a maior participação colaborativa da revista. Dentre os textos literários assinados pelo escritor português estão três contos, oito crônicas e um romance, o inédito *A Ilustre Casa de Ramires*<sup>24</sup>, o único do gênero a ser publicado pela revista durante toda a existência do periódico, isto é, dois anos consecutivos. A maior parte dos textos literários de Eça de Queirós,

---

<sup>24</sup> A versão do romance era publicada na forma de folhetim, mas a obra não chegou a ficar completa, devido ao fim da *Revista Moderna*, no ano de 1899. O romance completo só foi publicado um ano depois do desaparecimento da revista, no formato de livro.

publicados na *Revista Moderna*, foi posteriormente reunida no *Notas Contemporâneas*(1909)<sup>25</sup>.

O diretor e proprietário da *Revista Moderna* também aproveitou a gerência no periódico para publicar seus próprios escritos. Totalizam-se vinte o número de artigos na revista com a assinatura do empreendedor Martinho Botelho: “O Duque d’Aumale”(nº1); “Viagem do Rei de Sião”(nº2); Bruxelas e a sua exposição(nº3); “Canovas Del Castilho”(nº4); “Eça de Queiroz”(nº10); “A Floresta Negra”(nº11); “O Presente Número” – Editorial (nº13); “Um Príncipe Explorador”(nº16); “Hespanha e Estados Unidos”(nº17); “Emilio Zola”(nº18); “Em nome da Humanidade”(nº19); “Valentim Magalhães”(nº21); “O Assassinato da Imperatriz d’Áustria” e “A circular Mouraviev”(nº23); “A Paz Americana”(nº24); “Aos Nossos Leitores” – Editorial(nº 25); “O Jubileo de Francisco José”(nº27); “Visconde de Taunay”, “De Grévy a Boubet” e “O Ras Mangacha”(nº28).

Além desses, Martinho Botelho publicou na coluna “Quinzena Política”<sup>26</sup>, quando desenvolveu com maior fôlego e desenvoltura a diplomacia, prestando por meio de sua “crônica política”, o serviço de mostrar aos leitores da revista os impasses da política colonizadora da Inglaterra, Irlanda, Índia, dentre outros países. Logo no primeiro artigo, o diretor-autor retoma as últimas notícias da guerra turco-grega divulgadas naquele mesmo número da revista pela seção “Atualidades”, assinada por Luís Serra<sup>27</sup>. Enquanto Serra apontava as causas da guerra e prestava as últimas informações sobre os acontecimentos, as cruéis consequências e as alianças estabelecidas entre os povos, Botelho apresentava as glórias dos soldados (vivos ou mortos) que enfrentavam as nações inimigas em batalha, além de prestar homenagens aos líderes dos grupos políticos e celebrar glórias aos países que conseguiam firmar acordo para o fim das guerras.

---

<sup>25</sup> Obra póstuma do autor.

<sup>26</sup> Seção da revista cujo primeiro título chamou “Sumário Social Político”.

<sup>27</sup>Luís Serra, provavelmente, foi um dos amigos mais próximos de Botelho, dada as inúmeras participações dele na revista: “A Guerra Turco-Grega” (nº1); “A Guerra Turco-Grega” (nº2); “As festas de Jubileo da Rainha Victoria” (nº3); “Em Balão ao Polo-Norte” (nº4); “O Sr. Felix Faure em São Petersburgo e a Aliança Franco-Russa” (nº5); “Sarah Bernaud na “Phedra” (nº6); “Eça de Queiroz” (nº10); “A Guerra Hespanho-Americana” (nº19); “Gladstone” (nº20); “A Guerra Hespano-americana” (nº21); “Bismarck” e “A Guerra Hespano-americana” (nº22); “Wilhelmina de Orange – Rainha da Hollanda” (nº23); “Maria Amalia Vaz de Carvalho” (nº24); “Uma Homenagem ao Barão do Rio Branco” e “Meu Mané” (nº25); “A concepção esthetica da imagem do menino Jesus” (nº26); “Felix Faure” (nº27). As colaborações de Serra variavam entre as notícias políticas e o esporte, com maior contribuição na coluna “Sport”. Infelizmente não foram localizadas nenhuma informação acerca do colaborador, porém identificou-se a participação dele em outros periódicos, como por exemplo na *Revista Brasil-Portugal* (1897).

A respeito das publicações de Botelho, Arnaldo Faro (1977, *apud* JARDIM, *Op. Cit.*) infere que:

Na direção da revista Martinho Botelho sempre se manteve impecavelmente discreto. Nunca se valeu dos seus direitos de proprietário para impingir conto ou soneto. Salvo uma ou outra nota de apresentação, curta e sóbria, como a que redigiu para o número de homenagem a Eça de Queirós, limitava-se à habitual crônica política. Escrevia de modo simples, sem veleidades literárias. Em publicação que patrocinou tantas homenagens, nunca promoveu homenagem a si mesmo. (JARDIM, 2000, p.21)

O diretor da revista era jornalista por profissão, principal motivo dos escritos dele terem sido os textos de imprensa, matérias sobre as famílias aristocráticas, apresentações de biografias e homenagens às grandes personalidades, como a que ele fez ao seu colaborador efetivo, o já mencionado Eça de Queirós:

O sentimento que nos domina, organizando esta manifestação sincera e tão merecida ao nosso emérito colaborador, é o da verdadeira e natural gratidão da criatura para com o criador, pois, Eça de Queirós é, direta ou indiretamente, o criador literário da *Revista Moderna*. (*Revista moderna*, nº 10, 1897)

Conforme se pode observar, o diretor da revista manifesta imensa gratidão para com aquele que tem dado à *Revista Moderna* uma forma literária tão importante que Martinho Botelho chama de “Superior”, a qual, segundo o autor, “tão dificilmente se harmoniza com as publicações ilustradas” (*Revista moderna*, 1897).

Eça de Queirós, por sua vez, possivelmente vê na parceria mais do que uma celebração de amizade, também a possibilidade de renovar “um projeto patriótico” pessoal, iniciado com a recém interrompida *Revista de Portugal* (1889-1892), publicada em Lisboa e dirigida pelo literato a partir de Paris, onde se encontrava radicado o escritor.

Com o exposto, observa-se que houve entre ambos uma relação de interesse. Enquanto o publicista sabia que a colaboração de um intelectual representante da cultura letrada do Velho Mundo poderia garantir a realização do seu projeto pessoal e moderno, ou seja, o de influenciar as práticas culturais do Brasil, Eça de Queirós desejava se manter próspero no mercado editorial brasileiro, uma vez que em Portugal “a literatura pátria continua[va] esmorecida, como a mesma pátria” (*O Berro*, 19/04/1896, p.6).

Na *Revista Moderna*, Eça, admirado na imprensa em língua portuguesa, executa um projeto de manutenção das relações intelectuais entre o Brasil e Portugal.

O escritor português torna-se o principal fio condutor dessa relação luso-brasileira e seus contos e artigos na revista celebram a modernidade e apontam os acontecimentos que marcaram aquele final de século: “A Revista” e “Perfeição” (nº1); “José Mathias” (nº2); “Carta a Bento” (nº3); “Na Praia” (nº4); “No Mesmo Hotel” (nº5); “Antigas Visitas” (nº6); “França e Sião” (nº7); “Encyclica Poetica” (nº8); “O Marquêsinho de Blandfor” (nº9); “A Rainha” (nº13); “Eduardo Prado”; “O Suave Milagre” (nº26) e a “A Ilustre Casa de Ramires” (nºs 10-29).

Em homenagem ao escritor português, na *Revista Moderna* de número 10, Eduardo Prado observou que Eça era um “cultivador de memórias”, pois conservava as lembranças e se demorava nas saudades que sentia de Portugal:

São longas as suas estações em frente dos alfarrabistas e nunca volta ele para Neuilly, sem alguma estampa portuguesa, ou alguns volumes de velhas coisas peninsulares, - crônicas, sermões, vidas de Santos, obras de mística, portuguesas ou espanholas (...). Um dia, fez vir de Portugal o Dicionário Bibliográfico de Inocêncio. Que diria Camilo Castelo Branco se soubesse? Perguntaria decerto, notícias daquele escritor, em quem sempre reconheceu talento, mas em quem sempre viu, ou fingir ver, um estrangeirado, antiportuguês. (*Revista Moderna*, nº10, 1987)

A *Revista Moderna* uniu Eça de Queirós e Martinho Botelho, os quais firmaram uma relação de amizade. Dessa parceria amistosa entre os fundadores da revista (re)uniram-se outros ilustres colaboradores para dar cabo à publicação, motivados, principalmente, por fazer parte de um empreendimento no qual o laureado escritor português colaborava, conforme informa o próprio diretor no seu editorial:

Em torno desse grande nome a Revista Moderna conseguiu, ainda, reunir um grupo de redatores escolhidos, dentre os mais notáveis da nossa literatura, os quais, especializando-se nas diversas seções do nosso jornal, conservarão a originalidade e diversidade do texto, sem prejudicar a harmonia do conjunto. (*Revista Moderna*, nº 01, 1897)

Dentre os artistas, literatos e jornalistas que teceram a rede de relações formada em torno da *Revista Moderna*, verifica-se uma relação cultural estabelecida com os litógrafos, pintores e retratistas famosos do século XIX, como a que foi firmada com o pintor franco-argentino Albert Émile Artigue, autor do quadro *flores da primavera* (**Ilustração 10**), exposto no *Salon des Artistes français* no mesmo ano do aparecimento da *Revista Moderna*. O quadro de Artigue apareceu reproduzido no primeiro número da revista, como um suplemento artístico oferecido aos leitores.

**Ilustração 10:** Flores da primavera (*Fleurs de Printemps*)



Fonte: *Revista Moderna*, nº 01, edição de 15 de maio de 1897.

Na imagem se observa a alusão ao tema favorito trabalhado pelo pintor argentino, ou seja, as mulheres da *Belle Époque*. O tema era o que havia de mais moderno a ser tratado no período, tendo em vista que, especialmente na *Belle Époque*, a figura feminina começa a assumir autonomia e a compartilhar, cada vez mais, os espaços públicos<sup>28</sup>.

Como tratado neste texto, a mulher também foi alvo de interesse da direção da *Revista Moderna*, a qual via nas leitoras, sobretudo nas baronesas do café, as principais consumidoras do que se publicava na Europa. Por este motivo, a revista, representativa do periodismo da *Belle Époque*, apresentou requinte e ilustrações feitas por pintores, litógrafos e demais “artistas da imagem”, acostumados a colaborar com a imprensa periódica de diversos lugares, para fins de oferecer aos seus consumidores uma “ilustração de primeira ordem pelo cuidado e profusão dos desenhos” (*Revista Moderna*, 1897).

<sup>28</sup> HOUBRE, Gabrielle. A belle époque das romancistas. *Revista Estudos Femininos* [online]. 2002, vol.10, n.2, pp.325-338. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php>. Acesso em 20/05/2019.

Além de Albert Émile Artigue, outros artistas de fama internacional também se uniram a rede de relações e ofereceram ilustrações, originais na maioria das vezes, à *Revista Moderna*. Conforme a direção, para a ilustração artística da revista houve a colaboração “dos mais notáveis desenhadores da França, Inglaterra e Alemanha” (*Revista Moderna*, nº 05, 1897).

O litógrafo e pintor Bertin<sup>29</sup>, por exemplo, foi um francês que lançou suas ilustrações na revista por mais de vinte vezes, o maior número de colaborações ilustrativas que a publicação recebeu. O pintor francês não apenas contribuiu com as páginas da *Revista Moderna* como assinou uma das capas publicadas, a referente ao quarto número da revista, cuja pintura se tratou na verdade de uma reprodução do trabalho de outro pintor francês, o Adolphe Erneste Gumery, responsável pela ilustração em *art nouveaux* da primeira capa da *Revista Moderna*, reproduzidas nos números 1-3 e 5- 8.

**Ilustração 11:** Capa de nº2.



Fonte: Revista Moderna

**Ilustração 12:** Capa de nº4



Fonte: Revista Moderna

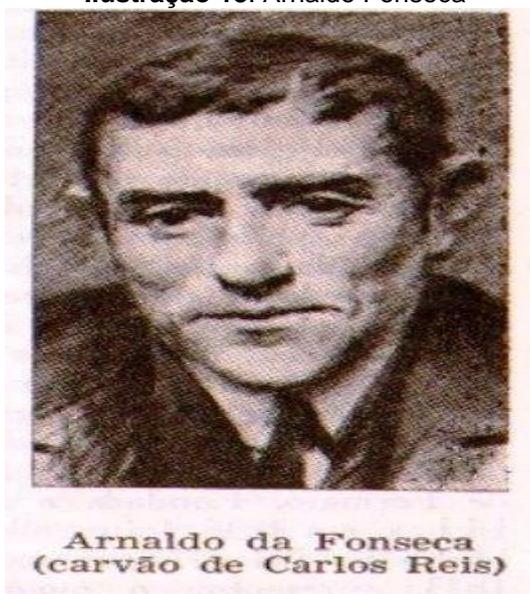
Detalhes muito pequenos diferenciavam a capa atual das anteriores, por exemplo, a ausência do livro embaixo do pé da musa e da paleta de pintura do lado esquerdo da imagem, além dos traços do desenho que parecem menos delicados do

<sup>29</sup> Fora da revista, até onde foi possível investigar, não foram encontradas quaisquer informações a respeito do pintor, o que sugere um esquecimento por parte da historiografia, como aconteceu (e ainda acontece) com muitos artistas e literatos de diversos países.

que os do original. Contudo, a reprodução de Bertin respeitou a autoria da primeira ilustração. Destarte, de forma muito discreta, o pintor assinou sua arte no canto esquerdo da página, atribuindo ao autor do original uma assinatura mais visível.

Artistas luso-brasileiros também participaram da ilustração da revista. Na colaboração fotográfica, por exemplo, o nome de prestígio foi o do artista português Arnaldo Fonseca, fotógrafo profissional com atividade em Lisboa ao longo das décadas de 1890 e 1900.

**Ilustração 13:** Arnaldo Fonseca



Fonte: Hemeroteca Digital de Lisboa

Do renomado artista são a maior parte das fotografias instantâneas reproduzidas pela *Revista Moderna*. Segundo a direção, elas eram enviadas pelo próprio fotógrafo diretamente de Portugal, conforme a nota:

No meio dessas gravuras figuram muitas reproduções de desenhos feitos especialmente para a nossa publicação por artistas de nome e de fotografias especiais, entre as quais é justo notar os esplêndidos instantâneos que o nosso colaborador Arnaldo Fonseca nos enviou de Portugal. (*Revista Moderna*, nº 12, 1898)

A colaboração artística e a literária foram as mais importantes da revista, “um trabalho áspero realizado com disciplina e com gosto”<sup>30</sup> por colegas da imprensa, os quais ajudaram logo nos primeiros passos firmados pela direção da revista para “bem servir a arte e as letras do Brasil e Portugal” (*Revista Moderna*, nº12, 1897).

<sup>30</sup> *Revista Moderna*, nº01, 1897.

Na tentativa de garantir uma recepção favorável do público ao qual se destinava, considerando ainda os altos recursos financeiros do editor comercial e proprietário da publicação, além da fama e das relações de amizade que Botelho e Eça de Queirós possuíam com a intelectualidade, especialmente, dos seus respectivos países, a rede de relações em torno da revista aumentou e lista de distintos colaboradores começou a crescer, anunciada a partir do segundo número da *Revista Moderna*, na coluna intitulada “A nossa Colaboração”.

Os primeiros nomes divulgados foram: o do poeta e romancista português Henrique Lopes de Mendonça; do advogado, jornalista e escritor brasileiro Eduardo Prado; do poeta italiano Marc Legrand; da escritora lisboeta Maria Amália Vaz de Carvalho; do diplomata e escritor brasileiro Magalhães de Azeredo; do jornalista e poeta maranhense Xavier de Carvalho; e o do jornalista português Christovam Ayres.

Entretanto, anterior a essa apresentação, outros nomes já haviam publicado na revista, ainda no primeiro número, nomes que se mantiveram entre os principais colaboradores como os de alguns dos agentes diplomáticos brasileiros, que foram as maiores representatividades da diplomacia do Brasil no exterior no século XIX, a saber: Eduardo Prado, Domício da Gama e Magalhães de Azeredo, todos transitando (alguns residindo) por terras estrangeiras como representantes das negociações e ideias do país.

Eduardo Paulo da Silva Prado, por exemplo, foi um polemista brasileiro nascido na cidade de São Paulo no ano de 1860. Oriundo de família aristocrática, Eduardo Prado estudou Direito e escreveu críticas no jornal *Correio Paulistano* e na *Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro*. Mudou-se para Londres após a formatura, lá “trabalhou como adido na embaixada brasileira”<sup>31</sup>, viajou pela Europa e por muitos outros lugares, tornando-se cada vez mais conhecido e admirado no meio público.

**Ilustração 14:** Capa da *Revista Moderna* com a fotografia de Eduardo Prado

---

<sup>31</sup> Ver em Academia Brasileira de Letras. Disponível em: <<http://www.academia.org.br>>. Acesso em: 2/6/2019.



Fonte: *Revista Moderna*.

Em Paris, Eduardo Prado conheceu Eça de Queiros de quem se tornou amigo íntimo e por quem foi convidado a escrever nas páginas da *Revista de Portugal* colaborando na coluna *Acontecimentos do Brasil* sob o pseudônimo de Frederico de S.<sup>32</sup> Eduardo Prado teria sido o responsável por apresentar Eça a Botelho, pois este também era um amigo pessoal de Prado<sup>33</sup>.

A relação de amizade entre Eça de Queiros e Eduardo Prado, já conhecida por conta da possível homenagem feita pelo primeiro ao segundo no romance *A cidade e as serras*<sup>34</sup>, foi muitas vezes registrada nas páginas da *Revista Moderna*, como quando Eça ressaltou a admiração que sentia pelo “fantástico Prado”:

Eduardo Prado é uma alma superiormente sociável. E decerto esta superioridade ressalta com brilho inegável de sol, pois que os amigos, os indiferentes, os que o praticam desde longos anos, os que o conheceram durante uma curta tarde, os que ele favoreceu, os que ele despeitou, os que só dele colheram carinho, os que só dele receberam sarcasmos, todos se juntam para afirmar que – pela inata alegria, pela vivacidade inventiva, pela veia cómica, pela abundância e delicioso humorismo da Anedota, pela

<sup>32</sup> Idem

<sup>33</sup> Idem

<sup>34</sup> Mesmo morando no Brasil, manteve correspondência com Eça de Queirós, que lhe teria feito uma homenagem no romance *A cidade e as serras*, inspirando-se nele para criar o personagem Jacinto, que abandonava Lisboa para viver na serra de Tormes, no interior de Portugal. (Informação extraída da Academia Brasileira de Letras).

simplicidade (...) não há mais desejável companheiro! (*Revista Moderna*, nº 22, 1898)

A admiração recíproca entre os dois intelectuais foi bastante apreciada nas páginas da *Revista Moderna*, mas a maior colaboração de Eduardo Prado na revista foram as matérias sobre as variadas regiões dos diversos lugares por onde ele passou, formando uma espécie de guia turístico para os leitores da publicação.

Eduardo Prado também contribuiu com escritos sobre “as histórias” do Brasil, além de ter colaborado muito com as homenagens feitas às personalidades, principalmente quando se tratava de homenagear os brasileiros, como por exemplo na homenagem oferecida pela revista ao Barão do Rio Branco<sup>35</sup>, outra personalidade influente na rede de relações que se formava em torno da *Revista Moderna*, para quem Eduardo Prado dedicou três páginas de texto de caráter elogioso (no número onze da revista) e de quem a direção da revista ofereceu “um magnífico retrato *hors texte*” como “brinde” para os leitores, além de outras fotografias que ilustravam a vida pública do Barão.

**Ilustração 15:** Retrato *hors texte* do Barão do Rio Branco



Fonte: *Revista Moderna*, nº11, 1897.

José Maria da Silva Paranhos Filho, o Barão do Rio Branco, era um diplomata de forte prestígio nacional e internacional no século XIX, ministro das relações exteriores, advogado, geógrafo, professor, jornalista e historiador brasileiro. Acostumado aos compromissos e às relações da vida pública, o Barão viajava bastante, principalmente pela Europa. Em Paris ele participava do grupo *Os Vencidos*

<sup>35</sup> *Revista Moderna*, nº11, 1897.

*da Vida*<sup>36</sup>, do qual faziam parte também Eduardo Prado e Eça de Queirós, dentre outras personalidades distintas da época.

Numa das viagens à Europa, o Barão do Rio Branco levou consigo seu secretário, um dos mais próximos e o mais imediato amigo, o Sr. Domício da Gama, que por sua vez travou conhecimento com Eduardo Prado e com Eça de Queirós, passando a participar, inclusive, da intimidade de Eça, conforme se pode observar no registo fotográfico no qual o Sr. Domício da Gama aparece pousando ao lado do escritor português, dividindo o cenário também com a esposa e a filha do escritor e, ainda, com o Conde da Caparica.

**Ilustração 16:** Amizade entre Domício e Eça



Fonte: Jornal da Unicamp. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/sites/default/files/jornal/.pdf>. Acesso em 28/05/2019.

Domício da Gama, brasileiro nascido na cidade fluminense de Maricá, no Rio de Janeiro, ano de 1862, seguiu com sucesso e desenvoltura a carreira diplomática, bem como a jornalística. Bastante experiente na imprensa, Domício colaborou com a *Revista Moderna*, principalmente, com os artigos sobre arte. Tudo o que envolvesse as artes em geral, pintura, música, teatro, era do interesse do autor. Contribuiu ainda com a coluna “Livros Novos”, dividindo-a com Eduardo Prado.

O artigo “O *salon dos Campos Eliseos*”, produzido por Domício da Gama na *Revista Moderna*, foi um dos seus textos mais polêmicos acerca da arte. Neste, o

<sup>36</sup> Um grupo de intelectuais que sentia o peso da decadência de Portugal na década de 90 do século XIX.

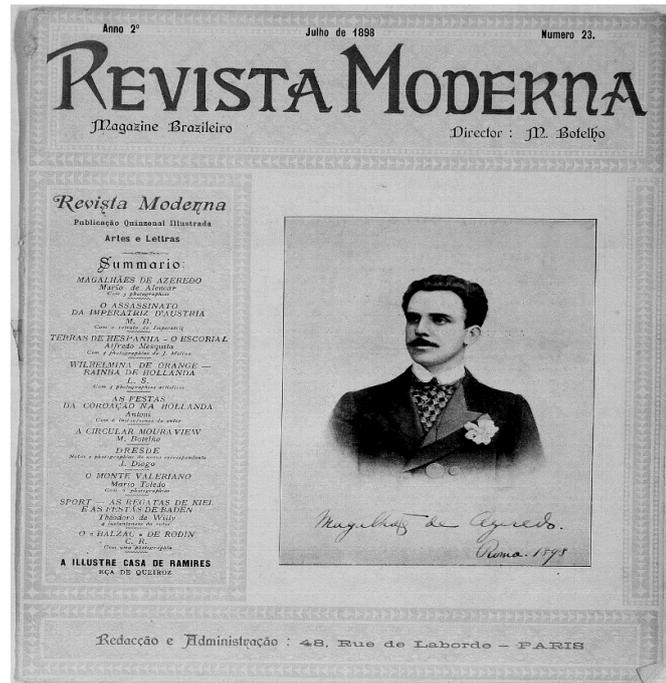
autor critica o fato de os franceses não terem se organizado o suficiente para expor no Salão e menos ainda se preparado para apresentar a “verdadeira” arte francesa ao mundo.

Desde a primeira sala o visitante entrando é mal impressionado por uma imensa paisagem escura, baía, antipática, sem ar nem luz, que representa os campos de lavoura do Lauraguais e que J.P. Laurens pintou. Na parede que faz angulo com essa, à direita, vê-se o simbolismo deste ano — o *Vers L'abime*, em que Henri Martin faz literatura banal e vaga, e uma pintura ainda mais vaga, senão banal. [...]. Assim, há muitos outros de estrangeiros, em que a arte é primorosa quando a ideia falta. De sorte que o salon de pintura da Sociedade de Artistas Franceses encerra as suas exposições nos Campos Elyseos com o triunfo dos artistas estrangeiros. (*Revista Moderna*, nº1, 1897)

Domício da Gama observa que os quadros franceses expostos no Salão nos Campos Eliseos foram “muito mal pintados” e “feitos de qualquer maneira”, “apenas com intuito comercial”, o que para o autor certamente deixou a arte francesa apagada no meio dos “talentosos e chamativos quadros artísticos” que ali exibiam os artistas estrangeiros.

Outro brasileiro de prestígio que se (re)uniu com essa rede de amizade e colaborou frequentemente com a *Revista Moderna* foi o diplomata Carlos Magalhães de Azeredo (1872-1963), um contista, ensaísta e colaborador de diversos periódicos brasileiros. Magalhães de Azeredo publicou quatorze vezes na *Revista Moderna* e apareceu como matéria de capa da edição de número 22 como o intelectual homenageado da vez.

**Ilustração 17:** Capa da *Revista Moderna* com a fotografia de Magalhães de Azeredo



Fonte: *Revista Moderna*

A associação colaborativa do diplomata só fora anunciada no segundo número da revista, datado de 25 de junho de 1897, na coluna dedicada à publicidade e ao anúncio do que seria publicado no próximo número do impresso. Nesta seção, o nome do diplomata e escritor Magalhães de Azeredo apareceu entre os colaboradores escolhidos para publicar textos literários consagrados às festas de “Natal e Ano bom”. De Azeredo foram anunciados dois textos que viriam publicados no número seguinte ao terceiro da revista: “História de Natal” e “Noite d’inverno”.

Em correspondência com o amigo Machado de Assis, Magalhães de Azeredo pediu ajuda para divulgar a *Revista Moderna* no Brasil e informou que a partir daquele momento se tornava um colaborador efetivo e assíduo da revista que se publicava na capital francesa:

De: Magalhães de Azeredo  
Para: Machado de Assis

Meu querido Mestre e Amigo, Eu lhe recomendo e peço que o ajude quanto puder na propaganda do magnífico periódico, que realmente merece o auxílio de todas as pessoas de bom gosto – e muitas há felizmente entre nós. Agora estou colaborando efetivamente na Revista, e com frequência, como já terá visto.

Paris, 23 de setembro de 1897.

Fonte: Manuscrito Original, Arquivo ABL. 114, *Avenue des Champs Elysées*. Disponível em [www.iea.usp.br/eventos/documentos](http://www.iea.usp.br/eventos/documentos). Acesso em 20/05/2019.

Na *Revista Moderna*, Magalhães de Azeredo publicou os seguintes artigos: “Canonização” (nº2); “Livros Novos” (nº8); “Machado de Assis” (nº9); “Eça de Queiroz” (nº10); “A Serra do Rei” e “Noite de Inverno” (nº12); “Peregrinação a Mecca (nº18); “A Garrett” (nº28) e “Affonso Celso (nº29).

Embora o colaborador também tenha oferecido importante contribuição literária à *Revista Moderna*, seu nome tem sido lembrado, especialmente, nos contextos de estudo da crítica literária, particularmente, quando se trata de estudar Eça de Queirós *versus* Machado de Assis. Isso por conta de Azeredo ter feito uma comparação entre o escritor português e o brasileiro no nono número da *Revista Moderna* publicado no ano de 1897.

O texto de Magalhães de Azeredo inicia com uma exaltação ao brasileiro Machado de Assis. Para o autor, “celebrar a Machado de Assis é propriamente celebrar a dignidade e a elevação da obra literária”. Azeredo eleva a produção de Machado à universalidade ou mesmo à supremacia de toda a construção literária, comparando desde os textos poéticos e em prosa aos grandes nomes da Literatura mundial. Para o colaborador, Machado de Assis é a completude do estilo e da singeleza da literatura:

Outra glória não pede e não quer senão a que lhe vem da sua própria obra. Vasta é ela, e vária, distribuída em tão largo tempo, com sinceridade e perseverança, por quase todas as « províncias da literatura », como antigamente se dizia. Cultivar a poesia, o conto, o romance, o teatro, a crítica, o folhetim, a crônica, tudo isso galhardamente; sendo pelo estilo um artista acrisolado, ser ainda um pensador, um humorista, um moralista, uma espécie de filósofo sem presunções, que, descuidoso de nos dar o seu sistema completo, nos dá tão só fragmentos soltos de filosofia; eis o que enche de brilho excepcional essa fecunda existência (...) (*Revista moderna*, 1897, n. 9. p. 35)

No texto, o estilo e a ironia da produção machadiana são comparados ao de Sterne, de H. Heine e de Anatole France, sempre superado pela graciosidade e profundidade dos personagens e linguagem inerentes ao brasileiro. Nem mesmo Eça escapa à comparação, pois, assim como Machado é um “demolidor de ilusões, aquele é um lusitano mordaz e “violento”.

(...) Portugal tem hoje o seu grande humorista: Eça de Queiroz; mas este não é porventura tão amargo no brilho violento e militante dos seus períodos, como Machado de Assis na mansidão quase ingênua com que expõe os seus trechos de doutrina. (*Revista Moderna*, 1897, n. 9. p, 36)

O texto finaliza afirmando que a grandiosidade e imortalidade de sua obra, além dos tipos muito bem caracterizados e do esmero com a linguagem, devem-se também

à imensa vantagem de partilhar todos os gozos espirituais d'este século tão rico d'eles, sem ter saído nunca do seu recanto sul-americano; pois uma fina e rara intuição substitui na sua mente o proveito das viagens; de tal modo que o meio nacional, ou antes fluminense, dominante nas suas obras, adquire, através de tão especial temperamento, sem perder a sua exatidão, uma peregrina transcendência que o tornaria interessante para os estrangeiros como para nós mesmos." (*Revista Moderna*, 1897, n. 9. p. 37)

As edições citadas foram motivo do envio de correspondência do próprio escritor brasileiro Machado de Assis, como a remetida ao crítico literário José Veríssimo:

Para: JOSÉ VERÍSSIMO

Rio [de Janeiro], 1º de dezembro de 1897.

Meu caro José Veríssimo.

[...] O Paulo já lhe escreveu que as duas linhas que antecedem os versos do Magalhães de Azeredo trazem a minha assinatura. Este escreveu me anunciando um ensaio a meu respeito no último número da *Revista Moderna*. Sobre a mesma matéria publicou anteontem um livro de Sívio Romero; vou lê-lo. [...]

Adeus meu caro José Veríssimo, meus respeitos à sua Excelentíssima Senhora e saudades do velho  
M. de Assis.

O certo é que a publicação da crítica sobre a obra em prosa e poética de Machado de Assis o torna conhecido em Portugal como um escritor não apenas de poesia, mas também como um exímio cultivador de todas as formas literárias, uma vez que, segundo Raymond Sayer, Machado era muito mais conhecido como poeta do que como prosador.

A publicação de um texto cujo teor elogioso elevava ao máximo a produção literária do escritor brasileiro Machado de Assis se justifica pelo fato de o escritor brasileiro exercer grande representatividade na literatura nacional e também por ser um amigo pessoal de Magalhães de Azeredo, com o qual o colaborador da *Revista Moderna* dividia alegrias e tristezas, sobremaneira por intermédio das correspondências que trocavam.

A estreita relação de amizade entre Magalhães de Azeredo e Machado de Assis, conhecida dos intelectuais do século XIX, bem como a homenagem feita ao escritor Machado na *Revista Moderna*, fez com que a redação da revista solicitasse

do colaborador Azeredo uma contribuição do escritor brasileiro na revista, conforme carta enviada a Machado de Assis pelo amigo Magalhães de Azeredo:

De: Magalhães de Azeredo  
Para: Machado de Assis

A redação deseja vivamente publicar um conto seu, meu querido Mestre, e me encarregou de lh'o pedir. Espero que mo mandará, e como ele deve ser ilustrado, fará o favor de marcar os trechos – três ou quatro – a que se devem referir as ilustrações.

Paris, 6 de junho de 1897

Fonte: Manuscrito Original, Arquivo ABL. 114, *Avenue des Champs Elysées*. Disponível em [www.iea.usp.br/eventos/documentos](http://www.iea.usp.br/eventos/documentos). Acesso em 20/05/2019.

Embora tenha aceitado o convite do amigo, Machado de Assis não chega a participar de fato da *Revista Moderna*. Portanto, do escritor brasileiro na revista não há nada além de uma matéria de capa na edição de nº 9, com a fotografia de Machado e a homenagem escrita por Magalhães de Azeredo.

Convém lembrar que Machado de Assis fundou no Brasil a Academia Brasileira de Letras no mesmo ano em que apareceu no cenário luso-brasileiro a *Revista Moderna*, isto é, em 1897. Esse acontecimento, por si só, já é um bom motivo para que o escritor, residindo no seu país de origem, e atribulado com os afazeres do jornalismo e das letras não pudesse participar dessa empreitada impressa em Paris, afinal, essas muitas atividades também seriam o motivo da demora nas respostas às correspondências do amigo Magalhães de Azeredo.

Não se pode deixar de enfatizar que Magalhães de Azeredo, assim como a maioria dos principais colaboradores da *Revista Moderna*, era diplomata não apenas na ação de representar politicamente o seu país na embaixada estrangeira, mas também no papel de estabelecer uma conexão cultural com a Europa também por meio da expressão de ideias críticas, fossem elas políticas ou literárias, cumprindo assim uma importante função na revista, a de “mostrar todo um Mundo a outro Mundo”.

Em vista disso, as críticas aos autores e às obras literárias, dentre outras, passaram a ser também o centro de discussão e publicação daquele grupo de amigos que fazia parte de uma rede de relações que se (re)uniu em torno da *Revista Moderna* e se empenhou ao máximo na promoção de uma intensa circulação entre o Brasil e Portugal das ideias e dos textos literários Oitocentistas.

### 3.2 - Os textos críticos, seus respectivos autores e os espaços da publicação na *Revista Moderna*.

Funcionando como uma espécie de “espelho do mundo” desenvolvido e industrial, a *Revista Moderna* se tornou veículo de apoio às ideias críticas, as quais atingiram importantes nomes das letras e da arte em geral no final do século XIX, bem como permitiu a abertura de novos caminhos para a produção e divulgação da literatura luso-brasileira para além das fronteiras nacionais.

Como a *Revista Moderna* circulava nos dois países é muito provável que o que estava sendo publicado na revista possa ter sido reproduzido por outros periódicos que circularam não só no Brasil e em Portugal, mas também em terras “estrangeiras”, como a França e a Inglaterra dentre outros espaços onde a revista encontrava-se à venda<sup>37</sup>.

A existência de uma coluna na *Revista Moderna* só para reproduzir as notícias saídas sobre ela nos periódicos em circulação dos mais diversos países como forma de enfatizar a importância dessa revista para além das fronteiras do Brasil e de Portugal, era um forte indício de que as publicações reproduzidas na *Revista Moderna* estavam sendo lidas também em outros países.

A circulação da crítica à arte-literária em especial pode ter sido uma estratégia mercadológica para promover as obras e os autores de Portugal e do Brasil e garantir a vendagem da revista, pois, na segunda metade do século XIX a imprensa e o mercado editorial sofriam considerável incremento nesses dois países. Deve-se ter em mente, por exemplo, a problemática do mercado editorial português, com um público leitor insuficiente para atender as demandas editoriais (BITTENCOURT, 2018), bem como as dificuldades do país para se estabelecer como produtor cultural dentro e fora de suas fronteiras, haja vista que Portugal vivia uma posição de subalternidade na economia, na política e na vida cultural europeia no século XIX.

Dessa maneira, a promoção de autores emergia também do desejo português de ser acolhido por influências estrangeiras e “florescer” no mercado editorial brasileiro e nos demais centros culturais. Por meio da *Revista Moderna* é possível perceber a tentativa portuguesa de se realocar numa posição mais visível no mercado editorial, ao menos é o que indica a nota no número de estreia da revista, na qual a

---

<sup>37</sup> Conforme foi apresentado no segundo capítulo deste texto, a *Revista Moderna* também circulou por terras estrangeiras.

propaganda de um autor português aparece como a contribuição mais importante da revista que se intitulava luso-brasileira e cujo destino era a circulação no Brasil:

A realização deste pequeno, mas difícil programa exigia, antes de tudo, uma colaboração eminentemente superior e a influência de grandes espíritos críticos que, permanentemente, orientassem a sua perfeita e completa execução. [...] com felicidade, encontramos a solução deste problema dando à nossa REVISTA a valiosa colaboração de EÇA DE QUEIROS cuja autoridade é indiscutível em todo o mundo culto de Brasil e Portugal. (*Revista Moderna*, editorial, 1987).

A *Revista Moderna*, desde o início, deixou claro quem seria a grande atração em seus números - Eça de Queiroz. Isso se confirma ao verificar que o referido escritor foi o único a publicar com frequência na revista. Dos trinta números que circularam Eça ficou de fora apenas da última edição, publicada em 30 de abril de 1899<sup>38</sup>.

Conforme discussão no tópico anterior deste texto, o literato português esteve também envolvido na fundação da revista. Por este motivo ele teria sido escolhido para anunciá-la no Brasil e em Portugal, como mostra na crônica redigida por ele no primeiro número da revista: “A DIRECÇÃO da *Revista Moderna* deseja que eu a explique e a louve diante dos amigos que ela já pressente, e risonhamente espera para, no Brasil e em Portugal. [...]” (*Revista Moderna*, nº 01, 1897).

Todo esse tratamento especial ao escritor português não foi exceção do editorial de estreia da *Revista Moderna*, pois, no folhear das demais edições depara-se, por exemplo, com um número da revista inteiramente dedicado ao escritor português. Na referida edição há a confirmação de que Eça de Queirós era “direta ou indiretamente o criador literário da *Revista Moderna*.” (*Revista Moderna*, nº.10, 1897)

O número dedicado ao autor começa com um texto de Martinho Botelho, que logo no início de sua apresentação parece revidar a comparação entre Eça e Machado feita por Magalhães de Azeredo:

Não temos de modo algum a pretensão ingênua do fazer figurar as nossas linhas como um prólogo mal colocado aos nomes festejados dos grandes mestres da poesia e da prosa, que são os únicos competentes para se pronunciarem sobre o mestre por excelência. (*Revista Moderna*, 1897, n. 10, p. 05)

---

<sup>38</sup> A direção da revista não apresentou informações a respeito da ausência do texto do escritor português, cuja regularidade se deu até o vigésimo nono número. Todavia, emitiu uma nota no presente número, justificando que o atraso na publicação da revista era decorrente da espera dos originais do romance-folhetim “A ilustre casa de Ramires”, prometendo, ainda, dar continuidade à publicação do texto do escritor português para os próximos números da revista, o que não foi possível devido ao fim da publicação.

O excerto enfatiza que a superioridade e sabedoria de Eça de Queirós colocaram a revista entre as melhores ilustradas do gênero tanto em Portugal quanto no Brasil. Tal motivo justifica uma edição especialmente organizada para homenagear o criador literário e colaborador permanente da *Revista Moderna*.

No fascículo citado, muitos escritores e críticos (re)uniram-se para exaltar a grandeza de Eça de Queirós. Foram eles: Eduardo Prado; Maria Amália Vaz de Carvalho; Xavier de Carvalho; Oliveira Lima; Conde de Arnoso; Jr. Batalha Reis; Trindade Coelho; Monteiro Ramalho; Conde de Ficalho; Magalhães de Azeredo; João da Câmara; Jaime de Séguier; Alberto Bramão; Henrique Lopes de Mendonça; Conde de Sabugosa; Mariano Pina; José Pessanha; Luiz de Magalhães; Alfredo da Cunha; Antero de Figueiredo; Henrique de Vasconcellos; Domício da Gama; José Sarmiento; Abel Botelho; Câmara Lima; Raimundo Corrêa; Domingos Guimarães; J. Pereira de Sampaio; Coelho de Carvalho e Luiz Serra.

A matéria crítica feita a Eça de Queirós eram de cunho biográfico e laureador. Até mesmo aspectos da grafologia foram suscitados para se afirmar que ordem e imaginação estão presentes na escrita do autor português, uma vez que “a ordem é a condição imperiosa da beleza, porque ela se chama também harmonia e é a própria beleza” (*Revista Moderna*, 1897, n. 10, p. 9). De acordo com essa “crítica grafológica”, a realidade do romance de Eça está no bem pintar, na ordem que inspiraria a imaginação e criaria os personagens de maneira tão realística, postos em relevo pelo traço bem feito das linhas lançadas no papel.

Mesmo a crítica escrita por Azeredo a Eça de Queirós foi muito mais de caráter elogioso e pessoal do que de caracterização do estilo literário, como a atribuída ao Machado de Assis. Nesse sentido, o crítico brasileiro mencionou, muito polidamente e eximindo-se de qualquer queixa, “por que Eça é, no Brasil, ‘tão lido e prezado’ como em sua própria pátria”. (*Revista Moderna*, 1897, n. 10, p. 19).

Somente depois da metade do texto é que Azeredo começa a enumerar algumas características das obras de Eça de Queirós, ao afirmar a beleza com que este constrói os tipos em seus romances, chegando a compará-los com os personagens de Molière: “Outros, o Primo Basílio, e o conselheiro Acácio, não são apenas tipos, têm a natureza mais vasta de caracteres, como Tartufo, como Don Juan, e são imortais como eles.” (*Revista Moderna*, 1897, n. 10, p. 19).

Não se pode negar que no ano em que a *Revista Moderna* circulou Eça de Queirós já desfrutava de imensa popularidade no Brasil. Os romances queirosianos,

em especial, alcançavam colocações importantes na preferência de leitura dos brasileiros. Acerca disso, Cintia Pinheiro (*Op. Cit.*) aponta uma pesquisa feita no ano de 1893 pela revista brasileira *A Semana*, cujo resultado comprova nitidamente a preferência do público leitor do Brasil pelo escritor português Eça de Queirós.

Segundo a autora, na lista dos seis romances apontados como os mais lidos no Brasil, na segunda metade do século XIX, mais especificamente no ano de 1893, dois são de autoria do escritor e o romance *Os Maias* ocupa o primeiro lugar no *ranking* dos mais votados, com uma somatória de noventa e quatro votos, oitenta a mais do que aqueles apontados como sendo dos leitores que preferem Machado de Assis<sup>39</sup>.

Essa preferência pelo escritor português e não pelos nacionais enfatiza a importância do público leitor brasileiro para Portugal na segunda metade do século XIX, além de realçar uma velha concepção de haver apenas um caminho no “eixo Portugal-Brasil”, no qual Portugal é o fornecedor de cultura e o Brasil um mero consumidor.

Com isso parece fácil inquirir que os reais propósitos da criação de um empreendimento tão custoso quanto foi a *Revista Moderna* era na verdade o de promover os escritores portugueses e mantê-los no mercado consumidor brasileiro, além de garantir um público leitor fiel no Brasil e não apenas possibilitar as trocas culturais.

Vale lembrar que o Brasil no final do XIX ainda se configurava como um excelente negócio para a (ex) metrópole, ao ponto de Alexandre Herculano ter afirmado que a pátria brasileira era “a nossa melhor colônia... depois que deixou de ser colônia nossa”. O certo é que nenhuma personalidade do Brasil obteve tanto louvor na *Revista Moderna* quanto Eça de Queirós, o qual teve exaltada a sua capacidade de reunir importantes nomes para colaborar com a revista:

Em torno desse grande nome a Revista Moderna consegui, ainda, reunir um grupo de redatores escolhidos, dentre os mais notáveis da nossa literatura, os quais, especializando-se nas diversas seções do nosso jornal, conservarão a originalidade e diversidade do texto, sem prejudicar a harmonia do conjunto. (*Revista Moderna*, 1897)

Mesmo que outros escritores merecessem uma edição completa na *Revista Moderna*, Eça de Queirós foi o único a receber um volume inteiro da revista em sua

---

<sup>39</sup>PINHEIRO (*Op. Cit.*).

homenagem. Enquanto isso, o escritor brasileiro Machado de Assis, por exemplo, embora merecesse quase toda a edição, conforme afirmou Magalhães de Azeredo, havia recebido apenas três páginas de crítica em um volume anterior.

Todavia, a colaboração brasileira não ocupou papel secundário na revista, particularmente no tocante à literatura, uma vez que a maior parte das publicações de textos literários foram escritos por autores brasileiros. O certo é que a *Revista Moderna*, “continuando os seus esforços para obter a melhor colaboração portuguesa e brasileira”, contou com colaboradores ilustres os quais ofereceram à revista textos inéditos, alguns repletos de críticas.

A maior parte dos textos críticos que foram publicados na *Revista Moderna* se refere as observações, análises e/ou julgamentos sobre arte e literatura realizados pelos colaboradores especializados da revista. Contudo, durante todo o período de existência e circulação da *Revista Moderna* apenas três textos expuseram de forma completa as observações críticas feitas pelos colaboradores.

Os respectivos textos tomaram um espaço significativos na publicação destinada ao Brasil, ocupando, na maioria das vezes, mais de uma página da revista. Esses textos apareceram nos primeiros anos de circulação da *Revista Moderna*, entre 1897 e 1898.

**Tabela 5:** Textos de crítica à arte literária

Texto	Autor	Edição da Revista	Ano
<i>Passionário</i>	Eduardo Prado	07	1897
<i>Ilha dos Amores</i>	Eduardo Prado	09	1897
<i>O auto dos esquecidos</i>	Maria Amália Vaz de Carvalho	18	1898

Fonte: criação própria com base nos dados coletados na *Revista Moderna*.

Conforme a **tabela 5**, o brasileiro Eduardo Prado e a escritora portuguesa Maria Amália Vaz de Carvalho<sup>40</sup> honraram a *Revista Moderna* com observações críticas

<sup>40</sup> Maria Amália Vaz de Carvalho, poetisa, ficcionista e cronista portuguesa dos finais do século XIX, nasceu em 1847. Sua primeira publicação, o poema Uma primavera de Mulher, data de 1867. Os textos da autora, geralmente, debatiam sobre a posição social feminina oitocentista. Maria Amália colaborou, de 1878 até 1915, com a imprensa brasileira, mais precisamente no Jornal do Comércio do Rio de Janeiro. Na *Revista Moderna* a autora publicou os seguintes artigos: “Eça de Queiroz” (nº10); “O Natal Português” (nº11); “Figuras e Quadros do Sec. XVIII em Portugal” (nº14); “Quadros e Figuras do Sec. XVIII em Portugal” (nº17); “O Auto dos Esquecidos” (nº18).

sobre as obras literárias e sobre autores do Oitocentos, sobretudo brasileiros e portugueses. O texto *Passionário*, que deu início às publicações de críticas na revista, foi publicado na sétima edição, em 5 de outubro do ano de 1897 na coluna “Livros Novos”, na qual Eduardo Prado se tornou o colaborador principal.

A coluna “Livros Novos” tratava-se de um espaço na revista destinado à publicação de resenhas com análises e comentários sobre as obras recentemente publicadas e sobre os seus respectivos autores, em circulação no Oitocentos. As observações resenhadas pelos colaboradores da *Revista Moderna* nesse espaço, em especial, apresentavam, na maioria das vezes, um teor crítico, o qual enfatizava a posição nacionalista dos sujeitos envolvidos com essa publicação, os quais ironizavam aqueles que parecessem contrários a essa posição patriota.

A referida coluna não foi uma exclusividade da *Revista Moderna*. Geralmente, o público leitor já esperava que nos periódicos houvesse esse espaço destinados às resenhas de obras literárias. As avaliações que os colaboradores faziam das leituras literárias em circulação acabavam por influenciar os leitores na escolha dos bons livros e dos seus respectivos autores.

Contudo, na revista de Martinho Botelho não apenas a coluna “Livros Novos” se ocupou de críticas à literatura. Folheando as páginas da *Revista Moderna* com atenção é possível identificar também outras colunas e/ou seções que apresentaram avaliações críticas às obras literárias, conforme pode-se observar na tabela abaixo:

**Tabela 6:** Identificação do local onde a crítica era publicada no periódico

<b>COLUNA/SEÇÃO</b>	<b>QUANTIDADE DE CRÍTICAS</b>
LIVROS NOVOS	12
O NOSSO PRÓXIMO NÚMERO	03
NOTICIÁRIO ILUSTRADO	02
CRÔNICA	02
NOSSA COLABORAÇÃO	01
C/S.S.I.	01

Fonte: elaboração própria com base nos dados da *Revista Moderna*

A **tabela 6** mostra que a maioria das publicações críticas eram feitas na coluna “Livros novos”, mas isso não impediu que a crítica se apresentasse em outros espaços

da *Revista Moderna*, como as críticas publicadas nas seções na contracapa da revista: “O nosso próximo número” e “Nossa colaboração”. As colunas “Noticiário ilustrado” e “Crônicas” também deram ênfase à publicação da crítica literária, de forma mais velada. Outras também apareceram publicadas timidamente em outros espaços não identificados, listados na tabela 6 como “sem espaço e/ou coluna identificada” (C/S.S. I.)

O certo é que a publicação de críticas à literatura nesses espaços parece ter sido uma estratégia encontrada pelos colaboradores da revista para também divulgar a produção artística nacional, uma forma de levar ao gosto do público leitor do Brasil as obras e os autores luso-brasileiros.

Voltando à **tabela 5**, identificou-se que o primeiro texto na coluna “Livros Novos”, redigido por Eduardo Prado, foi o único dos listados nessa tabela a ocupar menos de um quarto do espaço total de uma página da *Revista Moderna*. Nesse texto o autor dedicou-se a discorrer sobre a leitura que fizera do romance *Passionário*, obra literária publicada também no ano de 1897 pelo escritor brasileiro Manoel Teotônio Freire Júnior<sup>41</sup>.

Eduardo Prado inicia o texto relatando as principais ações observados no referido romance como forma de sintetizá-lo e tornar conhecidos aos leitores da revista os elementos narrativos presentes no *Passionario* de Teotônio Freire, por exemplo as personagens, o tempo e o espaço. Na sequência, Prado tece críticas ao estilo de linguagem adotado pelo romancista no romance em questão, conforme se pode observar com o trecho abaixo:

Como invenção, é simples o romance. Como linguagem, é complicadíssimo. O Sr. Theotonio Freire ganharia muito desbastando o seu vocabulário. A sua frase é longa, torturada, difícil e obscura. Mudado o estilo e limitando-se o autor a simplicidade e a clareza da boa linguagem portuguesa que é muito suficiente quando as ideias são claras, o *Passionário* pode ser um bom romance. Vê-se que o meio foi bem observado e o autor revela acentuadas qualidades de colorido e de vida que mais se hão de salientar quando o escritor puder dispor de um mais perfeito instrumento de expressão[sic.].  
(*Revista Moderna*, 1897)

Para o autor da crítica ao romance de Teotônio, este escritor não dispõe de um instrumento de expressão primoroso, por isso, o produto final apresenta uma

---

<sup>41</sup>Teotônio Freire foi um escritor pernambucano nascido no ano de 1865, autor de poesias, contos, um drama e dois romances de cunho naturalista, que foram reeditados por Lucilo Varejão Filho na coleção *Grandes Mestres do Romance Pernambucano*.

linguagem deveras complicada, como uso de frase longa, “torturada, difícil e obscura”. Eduardo Prado faz ainda ressalvas ao estilo observando que a simplicidade e a clareza na linguagem são suficientes para tornar *Passionário* um bom romance.

*Ilha dos Amores*, por sua vez, apareceu na nona edição da *Revista Moderna*, publicado no mesmo ano em que saiu o texto anteriormente citado, ano de 1897, também produzido pelo autor Eduardo Prado. A presente publicação ocupa uma página completa da *Revista Moderna* e é acompanhada por uma ilustração fotográfica que retrata a imagem do poeta parnasiano António Joaquim de Castro Feijó<sup>42</sup>.

Diferentemente do primeiro texto de Eduardo Prado, publicado na coluna “Livros Novos”, no *Ilha dos Amores* observa-se um estilo mais leve e agradável adotado pelo autor para discorrer sobre o poeta António Feijó e sobre a produção literária deste<sup>43</sup>. Os elogios prestados ao poeta justificam-se pelo fato de António Feijó ser “mais do que um poeta classificável numa escola; é um poeta meridional e português”.

Com isso, verifica-se mais uma vez que a nacionalidade dos escritores aparece como um ponto importante para a boa apreciação das obras nos textos de autoria de Eduardo Prado na coluna “Livros Novos”. Prova disso é o elogio ao bom gosto e elegância no vestir de António Feijó, no qual o crítico observa que “a época e o bom gosto de António Feijó impuseram-lhe mais sobriedade”, traços que teriam dificultado aos ilustradores da época torná-lo “matéria fácil para a sátira e a caricatura”.

A obra do autor também não escapa aos louvores de Eduardo Prado, o qual elevou *Ilha dos Amores* à supremacia das obras literárias portuguesas de caráter nacionalista, isso por conta de o autor do livro ter impresso nessa obra poética um nacionalismo exacerbado, como marca do pertencimento e da identidade nacional portuguesa, atitude comumente apreciada por Eduardo Prado que era também um defensor de ideias nacionalistas.

Toda a poesia do seu belo livro demonstra que os céus estrangeiros não deixaram vestígios na retina do poeta e se fosse possível imaginar alguma poeira nos seus sapatos de verniz, não seria decerto poeira de outra terra que não da terra portuguesa. O livro o de saudade, de amor e de tristeza. E haverá coisas mais portuguesas? (*Revista Moderna*, 1897)

---

<sup>42</sup> António de Castro Feijó nasceu em Ponte de Lima, no ano de 1859. Foi poeta e diplomata português, além de colaborador das revistas *Arte*; *A Ilustração Portuguesa*; *O Instituto*; *Museu Ilustrado*, entre outras.

<sup>43</sup> Editado pela casa M. Gome, de Lisboa, no ano de 1897, o livro de poemas *Ilha dos Amores*, apresenta um diálogo com a obra *Os Lusíadas*, de Camões.

Conforme o excerto, Eduardo Prado observa que na obra literária analisada o poeta pinta o nacionalismo português sem apresentar qualquer vestígio de “outras terras” por onde passou, mesmo tendo sido o poeta “exiliado em terras estrangeiras”. Para Prado “o exílio tem sido um grande inspirador dos poetas”, tendo em vista que só “os fracos sucumbem, mas os mais fortes, como Antônio Feijó, sobrevivem física, moral e intelectualmente incólumes.”

Outro texto completo de crítica à arte-literária apareceu publicado na *Revista Moderna* no ano de 1898, no décimo oitavo número da revista. O texto intitulado *Auto dos Esquecidos* foi redigido por Maria Amália Vaz de Carvalho. Nele a autora discute sobre a obra dramática do poeta e prosador José de Sousa Monteiro, premiada em um “concurso literário que se abriu por ocasião do Quarto Centenário do descobrimento da Índia” (*Revista Moderna*, 1897).

O texto da autora portuguesa é dividido em duas colunas por folha da revista, ocupando três páginas inteiras, sem a presença de qualquer imagem e/ou ilustração complementar. Como forma de divulgar o autor analisado para os leitores brasileiros da *Revista Moderna*, Maria Amália Vaz de Carvalho faz questão de informar que o escritor anunciado no seu texto não se trata de uma artista popular acessível ao público do Brasil, mas afirma que a grandeza e superioridade dele se compara à de Stendhal e de Alfred de Vigny, artistas conhecidos pelo povo brasileiro:

Como Stendhal e como Alfred de Vigny, Sousa Monteiro que é, como estes dois, de uma delicadeza de sensibilidade quase mórbida, esconde sob aparente frieza, sob correta e altiva reserva, essa susceptibilidade. Que diréis feminil, de melindrosa e fina que é, essa susceptibilidade que tanto faz sofrer os que a possuem, embora os faça gozar às vezes, em horas raras de intensa vibração nervosa, mais do que o bastante para compensar todos os tormentos interiores de uma longa vida. ” (*Revista Moderna*, 1897).

Para mais divulgar o literato e as obras dele, além de elevar a cultura portuguesa no Brasil, a autora aponta ainda a fama que José de Souza Monteiro alcançou nas terras portuguesas:

O poeta dos Sonetos, dos *Entalhes e Camapheus*, do D. Pedro Segundo, o prosador dos *Amores de Julia* é considerado em Portugal inteiro como um dos raros que, pelo seu talento superior, pela sua intransigente probidade artística, pelo seu trabalho preciosamente burilado, pela sua inspiração genuína, e pela cultura do seu espírito, honram o país que o tem por filho. ” (*Revista Moderna*, 1897).

A autora lisboeta, assim como outros colaboradores da *Revista Moderna*, valeu-se do fato de a revista circular no Brasil para promover e disseminar a produção literária dos autores portugueses, como uma espécie de propaganda nacionalista, além de fortalecer os critérios de avaliação das obras literárias e justificar o porquê de tantos artistas se manterem ou não no mercado editorial luso-brasileiro, observando que a criação artística é uma “angustia deliciosa e sede atormentadora e fecunda da ideal perfeição”(Revista Moderna, 1897).

Embora reconheça que a arte passa pelo “gosto elementar da maioria” consumidora, Maria Amália Vaz de Carvalho critica o fato de uma elite decidir que “delícias” do mercado editorial serão apreciadas, pois segundo a autora para a elite interessam apenas

as modas efêmeras e fúteis que elas criam e aplaudem, com as predileções temporárias em que elas por esnobismo se afirmam; não expandindo a sentimentalidade, que elas tomam tanta vez por sentimento, nem a ênfase que elas tantas outras definem como paixão. (Revista Moderna, 1898)

A falta de transigência das obras literárias com o gosto da maioria seria, conforme a autora, o motivo pelo qual os delicados artistas, “exigentes na eleição dos assuntos, tratando-os sob uma forma requintadamente literária e acentuadamente pessoal” (Revista Moderna, 1898), não alcançavam o entendimento do vulgo e, portanto, não se tornavam amados e preferidos por eles.

Maria Amália Vaz de Carvalho observa que é isso o que acontecia com o poeta e prosador José de Sousa Monteiro e com tantos outros artistas portugueses “embora muitos não penetrem nas sutilezas tenuíssimas do seu estro perfeito; na elegância vernácula da sua prosa erudita, na portuguesíssima feição da sua forma artística”. (Revista Moderna, 1898).

Como forma de chamar a atenção do público leitor da revista para o escritor do *Auto dos esquecidos*, a autora reclama a falta de espaço na *Revista Moderna* para tratar da produção literária do poeta e prosador, já que para Vaz de Carvalho: “não cabe nos limites restritos de um artigo desta ordem, analisar uma obra tão larga como a que ele já tem produzido. ” No tocante à principal obra de Sousa Monteiro, Vaz de Carvalho comenta que para entender e amar o drama do escritor “não é preciso ter gosto muito culto, erudição muito profunda, conhecimentos de história ou de arte muito desenvolvidos; basta ter alma, sensibilidade, coração capaz de amar e de sofrer. ”

Finalizando, a autora levanta mais uma vez a bandeira nacionalista ao observar, a partir da análise do *Auto dos esquecidos* ainda existir na época entre os poetas portugueses “quem possa genuinamente e religiosamente traduzir o cândido misticismo, a fervorosa paixão de glória, o puro amor das coisas belas, que um dia fez da raça portuguesa uma raça privilegiada e grande entre as nações. ”

Com isso, pode-se inferir que a autora saiu, por diversas vezes, em defesa de um discurso de certo modo colonizador, pois ao defender os valores e interesses de Portugal por meio da exaltação da cultura portuguesa e de cada um dos seus artistas e obras acabou por forjar a ideia de um Brasil ainda em função de Portugal. Talvez a autora idealizasse no Brasil um público “especial” que pudesse entender seu principal objetivo e ajudar a reerguer, principalmente, a arte de Portugal.

Não é novidade, contudo, que a coluna “Livros Novos” não se dedicava apenas à divulgação e julgamento de obras literárias, mas de toda e qualquer produção escrita que pudesse interessar ao público leitor da *Revista Moderna*. Dessa maneira, verifica-se, por exemplo, que outros dois textos críticos, cuja autoria pertence a Eduardo Prado, foram publicados na referida coluna, aparecendo na sétima e na décima nona edições da revista.

No texto publicado na sétima edição da *Revista Moderna*, Eduardo Prado tece uma crítica ao livro *L'Oeuvre Internationale*, produção do escritor carioca Sebastião Magalhães Lima<sup>44</sup>. A obra de Magalhães Lima é ironizada por Prado por conta de nela o autor tentar apontar e resolver problemas sociais e de atraso, principalmente do povo brasileiro. A esse respeito Eduardo Prado retruca:

Tratando do Brasil o Sr. Magalhães Lima diz que ‘os anos decorridos de 1852 a 1890 constituíram um período de marasmo intelectual para o Brasil ocupado então com as guerras exteriores (...) Naqueles trinta e oito anos floresceram os nossos melhores poetas Gonçalves Dias, Magalhães, Porto Alegre, Casimiro de Abreu, Varella, Castro Alves, nesse período Alencar, Macedo e B. Guimarães, escreveram os seus romances’. (Prado, *Revista Moderna*, 1897:206).

As palavras irônicas de Eduardo Prado revelam a falta de conhecimento que tem o autor do livro *L'Oeuvre Internationale* sobre a literatura do seu próprio país; por isso, Prado, de forma ainda mordaz, infere que “ainda não é esta vez que ficou resolvido o velho problema da felicidade dos homens” (PRADO, *Revista Moderna*, 1897: 206).

---

<sup>44</sup>Defensor do sistema republicano federativo de governo

O último texto, *O Brasil Mental*, impresso no décimo nono número da revista, ocupou duas páginas inteiras da *Revista Moderna*. No referido texto, cujo título é o mesmo do livro analisado, o polemista do Brasil tece inúmeras críticas ao livro denominado *Brasil Mental* e também ao seu autor, o portuense José Pereira de Sampaio Bruno<sup>45</sup>, isso por considerar que faltava ao “Sr. Bruno” um conhecimento legítimo sobre a vida brasileira:

O Sr. Bruno cita bem quinhentos autores sobre os mais variados assumptos, mas em todo livro não há uma linha de observação ou conceito interessante sobre o Brasil. (...) O Sr. Bruno diz que a má colocação de pronomes no Brasil vem da mistura de raças. Infelizmente quando as raças têm de se misturar não consultam os gramáticos; misturam-se por amor da sua conservação e por impulsos menos etéreos e científicos. (PRADO, *Revista Moderna*, 1898)

Em sua crítica à obra de Sampaio Bruno, Eduardo Prado observa que “o lado simpático deste livro é o muito trabalho que custou ao autor”. O texto não apenas evidencia um nacionalismo extremo do autor como também ironiza o fato de o *Brasil Mental* ser um livro muito carregado de informações genéricas e sem grandes contribuições para o público leitor do Brasil, apenas mais “um livro de trabalho, para o autor e para o leitor”.

Eduardo Prado, mesmo tendo sido um polemista conhecido e respeitado no Brasil e fora dele, além de ser um dos atores sociais que mais colaborou com a *Revista Moderna*, não foi o único a dividir com Maria Amália Vaz de Carvalho o papel de julgar a produção literária de seu tempo na revista. As observações críticas às obras e à autores Oitocentistas partiram também de outros críticos que colaboraram com a revista de forma direta ou indiretamente.

Só no primeiro volume da *Revista Moderna*, correspondente as doze primeiras edições que circularam da revista, entre os anos de 1897 e 1898, apareceram além de Eduardo Prado e Maria Amália Vaz de Carvalho mais outros seis colaboradores que teceram importantes críticas em termos artísticos e culturais. Além dos colaboradores que assinaram os textos críticos completos à arte literária, outros

---

<sup>45</sup>José Pereira de Sampaio Bruno nasceu na cidade do Porto em 30 de novembro de 1857. Sampaio Bruno cresceu num meio dominado pelas ideias liberais. Assim caracterizou Joel Serrão o ambiente social em que aconteceu a sua formação intelectual: “A cidade do Porto, centro das tradicionais atividades comerciais ultramarinas do norte do País com o Brasil, e depois com a África, que assentavam numa indústria disseminada, e, muitas vezes, ainda de caráter artesanal, sempre se singularizou pela sua fácil e entusiástica sintonização com os ideais libertários, particularmente os oitocentistas.

também publicaram escritos com as mesmas características, porém, não foi possível identificar a autoria de todos textos.

Domício da Gama, por exemplo, segundo foi apresentado neste texto, não era um aventureiro nas práticas da imprensa, muito menos leigo na arte de tecer críticas. Acostumado aos “fichamentos de autores clássicos, do estudo francês, assim como de notas esparsas de discussões literárias e de sua reflexão de um método experimental da literatura”<sup>46</sup>, o ministro das relações exteriores colaborou com a *Gazeta de Notícias* escrevendo contos, crônicas e a crítica literária.

Com apenas vinte e dois anos de idade foi indicado ao Barão do Rio Branco por meio de uma carta de apresentação redigida por Capistrano Abreu<sup>47</sup>, o qual informava ao Sr. Barão que Domício da Gama firmava brilhantes contos na *Gazeta*. Capistrano reiterou a grandiosidade do amigo Domício ao afirmar que este e Raul Pompéia eram “as duas vocações literárias mais vigorosas e brilhantes” que ele conhecia.

Como colaborador do jornal de Ferreira Araújo<sup>48</sup>, Domício da Gama foi convidado a cobrir a Exposição Universal de Paris<sup>49</sup>, evento que lhe proporcionou maior interação com a arte em geral e com os artistas e intelectuais da sua época. Além das contribuições à *Gazeta*, Domício passou a também colaborar com a *Revista de Portugal* e com a *Revista Moderna*.

No que concerne às publicações de texto crítico por Domício da Gama na *Revista Moderna*, o primeiro deles foi publicado logo no número de estreia da referida revista, especificamente na coluna “Livros Novos”, na qual o autor dividia as produções escritas com Eduardo Prado. O texto de Domício da Gama, intitulado *Lou Pouémo dôu Rose (O poema de Rhodano)*, leva os leitores a refletirem acerca dos movimentos de cultura, os quais fazem com que as obras literárias se percam no marasmo das coisas prontas e ligeiras:

---

<sup>46</sup> IN: FRANÇA, Teresa Cristina Nascimento. *Self Made Nation: Domício da Gama e o Pragmatismo do bom senso*. UNB, 2007. Disponível em: <http://repositorio.unb.br>. Acesso em 07/06/2019.

<sup>47</sup> João Capistrano Honório de Abreu foi um importante historiador do final do século XIX. Escreveu o livro *Capítulos da História Colonial (1500–1800)*, publicado em 1907, uma das obras mais importante da historiografia moderna brasileira. IN: AMED, Fernando José. *As cartas de Capistrano de Abreu*. Editora: Alameda, 2006.

<sup>48</sup> Ferreira de Araújo foi jornalista brasileiro de renome internacional no último quartel do século XIX. Trabalhou como redator dos jornais críticos o “Mosquito” e o “Guarany”, tendo ocupado o cargo de redator chefe da “Gazeta de Notícias” do Rio de Janeiro, periódico em que colaboraram os mais eminentes homens de letras do período. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/222269>. ACESSO EM 07/06/2019.

<sup>49</sup> FRANÇA (Op. Cit.)

Um poema em doze cantos e em provençal parecerá um fóssil literário n'este tempo de obras de curto fôlego e de inspiração rápida e fatigada. [...] A falta de afinação com a alma poética dos povos se disfarça sob um falso aristocratismo literário, que não prestigia nem defende os efêmeros poemas insinceros. E a insinceridade provém das necessidades da produção profissional. Cada um de nós quer dar toda a harmonia das esferas e são tão poucos os que cantam a simples canção que alegre ou que consola.

Para o autor, “os escritos da modernidade” apresentavam muito vagar, concentrando-se apenas na simplificação textual e não na simplicidade da linguagem literária e menos ainda na “sinceridade das paixões” que sempre agradou aos espíritos finos. Segundo Domício da Gama, a ligeireza das produções literárias com finalidade de publicação nos periódicos diários acabava por não dar conta de harmonizar o conjunto, mas o poema de Rhodano, em especial *Mitral*, era, na opinião de Domício, o que mantinha a harmonia e a simplicidade das “coisas que alegam e consolam”.

A maior parte das críticas de Domício foram direcionadas às “Belas artes”, por exemplo, a que ele teceu acerca da exposição *no Saloon dos Campos Elyseos*<sup>50</sup>. Enquanto Domício da Gama criticava a literatura da época, Martinho Botelho tecia críticas de caráter elogioso em homenagem e agradecimento aos colaboradores da *Revista Moderna*.

O incomparável romancista, que tanto tem enriquecido as letras portuguesas, apresenta, depois de dez anos em que ele parecia ter abandonado o Romance e a grande Arte da observação, um novo trabalho que, naturalmente, será um considerável acontecimento literário em Portugal e no Brasil, nestes últimos tempos. [...]— A Ilustre Casa de Ramires —marcará talvez na vida do grande escritor o começo de um segundo período em que o estudo da realidade ideal será cio novo o motor da sua obra.

O diretor da revista, sempre que possível, prestava homenagens especiais a Eça de Queiros, como forma de agradecer ao amigo pela “tão brilhante” parceria na publicação da revista e por ajuda-lo a colocá-la “entre as mais importantes que se vendia no Brasil”<sup>51</sup>.

De maneira geral, na *Revista Moderna* foram publicadas um número de trinta e seis críticas aos autores e vinte duas às obras. Essas críticas apresentaram teor

---

<sup>50</sup> *Revista Moderna*, 1897.

<sup>51</sup> *Revista Moderna*, Idem.

irônico, elogioso, biográfico, estético, dentre outros. Considerando a nacionalidade dos autores, cujas críticas se referiam, verificou-se que a maior parte deles era de origem brasileira, seguido pelos portugueses e pelos franceses. Autores ingleses e espanhóis também apareceram como alvo das críticas, mas em menor número.

Todavia, nem só da publicação de ideias críticas viveram os colaboradores da *Revista Moderna*. Houve também grande empenho para que a parte literária fosse “brilhante e variada” e para a promoção de obras e autores. Assim, o grupo de intelectuais envolvidos com a publicação também teve seus textos literários divulgados nas páginas da *Revista Moderna*.

### 3.3 - As colaborações literárias

Em todos os números da *Revista Moderna* é possível observar a contribuição de textos literários<sup>52</sup>, escritos pelos principais colaboradores da revista e por outros literatos que contribuíram com a publicação. Certamente, alguns desses autores e suas produções literárias tiveram maior visibilidade na *Revista*, como exemplo o próprio Eça de Queiros, frequentemente apontado neste estudo como sendo o principal colaborador e criador literário da revista.

A *Revista Moderna* publicou um total de 53 textos literários, sendo 22 contos, 18 poemas, 12 crônicas e 1 romance. A referida colaboração das produções literárias dos principais colaboradores se inicia no número de estreia da revista, com a crônica “A Revista”, escrita por Eça de Queirós. Nessa crônica Eça explica e louva a revista diante dos leitores comparando-a com as flores de maio, “sem ruído; na ponta ligeira das suas páginas bem ornadas, tão silenciosamente como as próprias rosas de maio...” (*Revista Moderna*, 1897). No mesmo número, o escritor português publicou o conto “A Perfeição”, o qual ocupou oito páginas da revista, com o texto dividido em duas colunas por páginas, sendo três das páginas acompanhadas por ilustrações feitas por Luís Mignon.

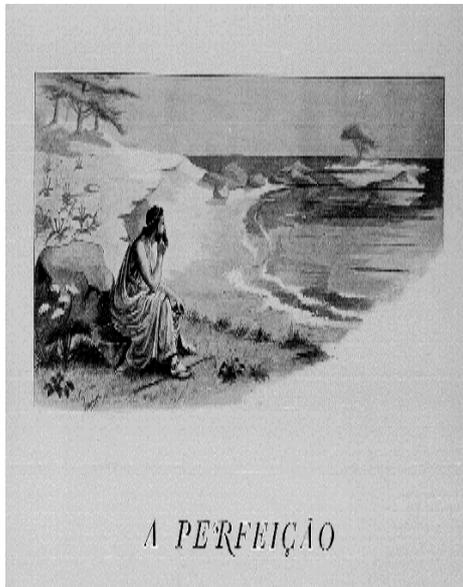
Diferentemente do que foi apresentado no primeiro número da revista, no tocante à disposição do texto e das imagens na página, no segundo número a imagem

---

<sup>52</sup> Os títulos podem ser encontrados nos anexos deste texto.

surge antes do texto literário e o início do escrito parece apenas descrever a ilustração como se o texto complementasse a gravura e não o contrário.

**Ilustração 18:** “A perfeição”:



Sentado n'uma rocha, na ilha do Ogigia, com a barba entorroadada entre as mãos[...] Ulisses, o mais subtil dos homens, considerava[...] o mar muito azul que mansa e harmoniosamente rolava sobre a areia muito branca. Uma túnica bordada de flores escarlates cobria, em pregas moles, o seu corpo poderoso, que engordara. Nas correias das sandálias, que lhe calçavam os pés amaciados e perfumados de essências, reluziam esmeraldas do Egito. E o seu bastão era um maravilhoso galho de coral, rematado em pinha de pérolas, como os que usam os Deuses marinhos.

Fonte: *Revista Moderna*, nº 2, 1897.

O conto “A Perfeição” narra as aventuras e desventuras de Ulisses, preso por Calipso na ilha de Ogígia. Chama atenção, além da intertextualidade com o quinto canto do poema “Odisseia”, de Homero, a descrição do ambiente, como se tratando de um “lugar perfeito”, onde o “mar é muito azul”, a “areia muito branca” e jamais se encontrava uma “folha seca, nem flor menos fresca pendendo na haste”, além da caracterização do herói, “um sujeito comum” e “imperfeito” que “sente saudades da morte”<sup>53</sup>.

O segundo número da revista também trouxe um texto do colaborador português, o conto “José Mathias”, igualmente ilustrado por Mignon. “José Mathias” era um conto inédito de Eça de Queirós na revista. O referido conto tomou o espaço de mais de dez páginas da revista, sendo apresentado no mesmo *layout* do escrito que havia sido publicado no número anterior, ou seja, dividindo a página em duas colunas por folha. O conto descreve uma conversa entre dois amigos que relatam a morte da personagem principal da narrativa, José Matias. A dupla de amigos evoca também as lembranças das ações da personagem em vida, como, por exemplo, o

<sup>53</sup> Não é intenção deste texto desenvolver análises das produções literárias citadas, mas em alguns momentos aparecerão pequenos comentários acerca das produções, apenas para ilustrar.

amor que José Matias nutria por Elisa Miranda, sentimento que provocava enorme sofrimento ao personagem.

Eça publicou doze textos literários na revista, além de ter sido o único autor a publicar nessas páginas um romance–folhetim. Embora seja bastante curioso o fato de a *Revista Moderna* ter publicado apenas um romance durante seus dois anos de existência, a explicação para a ação aparece desenvolvida no editorial de estreia da revista, quando o próprio Eça de Queirós explica que a revista pretende ser ligeira e atender aqueles que “no inumerável In-fólio do Mundo apenas tem o vagar de percorrer açodadamente o índice”.

A revista pretendia ser uma simplificação concentrada de tudo, escolhendo e apanhando “dentre a vaga fugitiva, a obra que merece ficar” detendo e colhendo “as obras melhores, antes que todas tumultuariamente passem e mergulhem no escuro mar que as devora”. (*Revista Moderna*, 1897). Por este motivo, os textos mais curtos, como as crônicas, os contos e os poemas foram as preferências da *Revista Moderna*.

Dando sequência às colaborações de Eça de Queirós, os dois primeiros contos do autor na revista receberam elogios dos admiradores do escritor português. Inclusive Machado de Assis se mostrou maravilhado com as contribuições literárias do autor português e afirmou que “os dois contos de Eça de Queiroz, A Perfeição e José Matias são lindos”<sup>54</sup>.

A revista de número três apresentou ainda uma crônica epistolar do Eça de Queirós, a “Carta à Bento”. Nessa crônica, “Bento” é advertido sobre os perigos da fundação de uma empresa jornalística naquele final de século, com a justificativa de que “todo o jornal destila intolerância, como um alambique destila álcool, e cada manhã a multidão se envenena aos goles com esse veneno capcioso.” (*Revista Moderna*, 1897). Finalizando a carta, o autor da “correspondência” ironiza: “eu tenho pressa de a findar, para ir, ainda antes do almoço, ler os meus jornais, com delícias.” (*Revista Moderna*, 1897)

No número quatro da *Revista Moderna* o leitor se depara com outra crônica do autor português, o texto “Na praia”. Por um longo período, as crônicas e os contos do Eça de Queirós foram os únicos textos literários a alimentar “os espíritos finos” que se debruçavam sobre as páginas da *Revista Moderna*. Somente a partir do quarto

---

<sup>54</sup> Fonte: Manuscrito Original, Arquivo ABL. 114, Avenue des Champs Elysées. Disponível em [www.iea.usp.br/eventos/documentos](http://www.iea.usp.br/eventos/documentos). Acesso em 20/05/2019.

número os textos literários de brasileiros começaram a aparecer nas páginas do periódico.

O primeiro texto literário publicado por um brasileiro na revista foi o conto “A Yara”, de autoria do escritor Magalhães de Azeredo. O conto foi distribuído em seis páginas da revista e seguiu acompanhado pelas ilustrações de Luiz Mignon. O conto de Azeredo narra a “Lenda da Iara”, personagem bastante conhecida do folclore brasileiro. Nesse conto é possível observar, por exemplo, as belezas naturais do Brasil, os povos e a cultura brasileira, além de uma “crítica à colonização”: “[...]Para o outro lado, para lá, para dentro, ficava a floresta misteriosa e sagrada, que talvez nenhum homem da sua raça desvirginara ainda[...]”.

Dois dos contos<sup>55</sup> do autor brasileiro, posterior à publicação na *Revista Moderna*, foram reunidos pelo próprio autor num livro de contos intitulado “Baladas e Fantasias”. O livro foi publicado no ano de 1900 na *Lammert & C. Editores*, localizada na rua do Ouvidor, nº 66, no Rio de Janeiro<sup>56</sup>. Magalhães de Azeredo publicou um total de nove textos literários na *Revista Moderna*, dentre eles os poemas “A Avó” (nº6); “Noite de inverno” (nº12); “Vela Branca” (nº 19) e “Soror” (nº 22).

Apresenta-se abaixo a transcrição do primeiro poema do escritor brasileiro publicado na *Revista Moderna*, ano de 1897, o poema se trata de uma produção inédita do escritor Magalhães de Azeredo.

### A AVÓ

Anoitece. Na sala, imensa em meia treva,  
Copioso entrando vem pela janela aberta  
O aroma embriagador da chácara deserta,  
De onde a brisa até o céu a alma das flores leva.

Num canto escuso os dois primos que o Amor esperta,  
Cantam baixinho o idílio imortal de Adão e Eva;  
Pensam que o mundo é seu, no gozo que os enleva,  
Quando ele a beija, ou ela ao seio a mão lhe aperta.

Entanto, a velha avó que os contempla de longe  
— Como contempla um baile austero e frio monge —  
Estremece, sorri — saudade e inveja sente.

E o gasto coração, em súbita pancada  
: — Avozinha — lhe diz — lembra-te o tempo ardente,  
Em que, mora também, amaste e foste amada?

Magalhães de Azeredo.

<sup>55</sup> A Yara e Hino a *Louie Fuller*.

<sup>56</sup> A obra foi republicada no ano de 2018, pela Universidade Estadual do Norte do Paraná- UENP.

Outro brasileiro e colaborador assíduo da *Revista Moderna*, Domício da Gama, com seu estilo voltado aos contos, também teve seus textos literários publicados no primeiro ano da *Revista Moderna*. Foram apenas três o número de contos do citado autor na revista, a saber: “A força do nome” (nº 5), “Um cosmopolita” (nº 18) e “Miss Epaminondas” (nº 26). Esses contos refletem a visão de Domício da Gama acerca da vida moderna na Paris do século XIX.

Na sequência de publicações das produções literárias de brasileiros, apareceu, ainda no primeiro ano de circulação da *Revista Moderna*, “José Fraldão”, conto assinado por Trindade Coelho. No ano seguinte, em comemoração ao “Natal e Ano bom”, a revista publicou, além dos textos dos colaboradores mais assíduos, o poema “Um brinde”, do poeta brasileiro Fontoura Xavier, cuja publicação se deu na revista de número 12, a primeira do ano de 1898. A publicação do poema parece de fato brindar a colaboração efetiva de brasileiros e portugueses na revista, pois a partir desse número tornam-se mais frequentes as publicações dos textos literários de brasileiros, alternando com as publicações dos portugueses.

A contribuição dos textos literários de autoria de brasileiros e portugueses expõem o estreitamento das relações literárias e culturais entre o Brasil e Portugal na Europa. Entretanto, os aspectos concernentes às relações entre ambos os países na *Revista Moderna* só tiveram início na décima segunda edição da revista, quando apareceram os contos: “O natal português”, por Magalhães de Azeredo, “O natal em Paris”, por Xavier de Carvalho, “O natal de Voltaire”, por Eduardo Prado e o a continuação de “A Ilustre Casa de Ramires”, do Eça de Queirós, romance recém lançado na revista.

Com o passar do tempo, outros nomes da literatura luso-brasileira foram oferecendo textos às diversas edições da *Revista Moderna*. Contudo, essa pesquisa não conseguiu localizar informações acerca de muitos dos autores, o que aponta para a afirmação de que boa parte dos intelectuais que publicaram na *Revista Moderna* não tenham conseguido se manter na historiografia literária, foram esquecidos e/ou ficaram de fora do cânone, o que impediu este estudo de oferecer uma bibliografia completa e/ou uma contribuição mais detalhada acerca dessas personagens.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a proliferação das ilustrações no final do século XIX, as revistas ilustradas tomaram lugar entre os principais veículos de difusão da informação e da imagem, conquistando o mercado e seus públicos. Em meio as ilustradas da época, a *Revista Moderna* se apresentou como “um novo tipo de publicação”, circulando pela Europa e pelo Brasil nas últimas décadas do Oitocentos, sob a efervescência das transformações provocadas pela expansão capitalista, industrial e urbana que marcaram os vários espaços e períodos do Oitocentos.

Neste estudo, observou-se que a *Revista Moderna*, a qual se denominava um “Correio Ilustrado”, tornou-se um elo entre o Brasil e Portugal e deu a conhecer a cultura desses dois países em páginas impressas em Paris. Como um produto importado, já que a produção era realizada na França, a revista estava à venda por um preço considerado alto no mercado editorial brasileiro e no português, o que demonstra que a referida revista tinha como público-alvo um grupo seletivo, as pessoas de posse dos dois países.

Contudo, o valor cobrado fazia *jus* ao produto oferecido, pois além de apresentar um requinte editorial de primeira ordem e oferecer excelentes brindes aos assinantes, a *Revista Moderna* exibia, conforme a publicidade de outros periódicos, elegância superior à da maioria dos magazines franceses, bem como uma apresentação textual em língua portuguesa, o que confirmava a informação de ter sido criada para fins de estreitar relações entre brasileiros e portugueses que viviam de um lado e do outro do atlântico.

Com uma edição mensal, a *Revista Moderna* iniciou suas atividades em 15 de maio de 1897, a redação e administração localizavam-se em Paris. Em termos materiais, verificou-se que em cada número o impresso trazia uma seção explicando o que seria publicado no próximo número, além de quase sempre vir ilustrada com a(s) fotografia(s) de alguma(s) personalidade(s) de Portugal, do Brasil e do estrangeiro. Além disso, a revista também abrigava em suas colunas textos de ficção e de crítica literária, propagandas de livros e objetos diversos, bem como matérias sobre a moda parisiense e sobre as variadas regiões europeias.

Os números da revista revelaram-na um rico material para o conhecimento dos diversos sujeitos históricos envolvidos numa rede de relações responsável pela produção, divulgação e circulação da cultura, principalmente por meio dos impressos

Oitocentistas. Observou-se ainda que as personagens que teciam essa rede de relações residiam na Europa e atuavam na esfera pública, como diplomatas.

Dois dos importantes agentes dessa rede, o aristocrata brasileiro Martinho Botelho e o escritor português Eça de Queirós, se tornaram os fundadores da *Revista Moderna* na França. Ambos se conheceram em Paris e travaram relação de amizade e parceria para a publicação da revista. Verificou-se também que houve uma relação de interesse entre os dois intelectuais. Martinho Botelho, por exemplo, acreditava que ter Eça de Queirós como parceiro da publicação era certeza de garantir a qualidade das matérias, vida longa ao periódico no mercado editorial Oitocentista e retorno financeiro imediato ao empreendimento, afinal, o escritor português era uma autoridade admirada e respeitada tanto em Portugal quanto no Brasil no século XIX. Eça, por sua vez, sabia que o admirável publicista Martinho Botelho não pouparia esforços para empreender o magazine artístico e literário o qual promovia o autor português como principal representante do Velho Mundo e grande personalidade das letras Oitocentistas.

Em torno dos nomes supracitados fora constatada a parceria de outros intelectuais, os quais se reuniam nos salões parisienses ou em outros ambientes de discussão do final do século XIX para a promoção das relações económicas, culturais e científicas na Europa. Nesses locais ocorriam os principais encontros e contatos entre a intelectualidade Oitocentista, o que permitiu inferir que a revista uniu e reuniu, sobremaneira personalidades que se encontravam nos privilegiados espaços sociais e culturais da Europa.

Para fins de apresentar para os leitores do Brasil e de Portugal o que acontecia no continente europeu, a revista (re)uniu importantes nomes da diplomacia do Brasil e de Portugal. Como representantes de uma rede de relações públicas, apareceram na revista, por exemplo, Magalhães de Azeredo, Eduardo Prado e Domício da Gama, nomes que deram à publicação ilustrada não apenas uma contribuição daquilo acontecia na Europa, mas também uma produção crítica, artística e literária primorosa, frutos das atuações dessas personagens como jornalistas e/ou escritores da imprensa Oitocentista.

Os textos críticos e os textos literários foram as principais contribuições oferecidas por esse grupo de amigos luso-brasileiros que se (re)uniram para fazer alavancar as relações literárias entre os dois países na revista. Com esses textos, a publicação cumpria o papel de “mostrar todo um Mundo a outro Mundo”, fazendo

circular em terras brasileiras os autores portugueses ao mesmo tempo em que tornava os brasileiros conhecidos no Velho Mundo. Essas observações evidenciam que os reais propósitos da criação de um empreendimento tão custoso quanto foi a referida revista era, na verdade, promover os escritores de Portugal e do Brasil e os manter no mercado editorial brasileiro além de garantir um público leitor fiel nos dois países, possibilitando as trocas culturais.

Conclui-se, portanto, que em torno da publicação da *Revista Moderna* se formou uma rede de relações composta principalmente por intelectuais luso-brasileiros do final do século XIX, os quais se (re)uniram para efetivar, nessa grande e luxuosa empresa jornalística e artístico-literária, além da amizade entre os colaboradores, as discussões do interesse de um “público de espírito fino”, por exemplo, sobre arte e literatura, assuntos comumente abordados pelos agentes sociais na imprensa jornalística e literária do século XIX.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Fontes

*A República*, 11/06/1899.

*Brasil-Portugal*, 1899.

*Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro*, 1897.

*Jornal de Recife*, 1899.

*O Apostolo*, 20/03/1895, ed. 00032, p. 2, col. 5

*O Berro*, 1896.

*Revista Moderna*, 1897-1899.

*Revue des Revue*, 1897.

### Textos

ABREU, Márcia. Circulação de livros no Brasil nos séculos XVIII e XIX. In: **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação 21**, 1998.

ABREU, Márcia. A Circulação Transatlântica dos Impressos. A Globalização da Cultura no Século XIX. LIVRO. IN: **Revista Do Núcleo De Estudos Do Livro E Da Edição**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011. Disponível em: <http://www.circulacaodosimpressos.iel.unicamp.br/arquivos/ensaio.pdf>. Acesso em: 15/10/2017.

ASSIS, Francisco. **As variedades do jornalismo brasileiro**. 2009. 255 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo, 2009.

ASSUNÇÃO, Beatriz Alvarez de; ITALIANO, Isabel Cristina. Moda e vestuário nos periódicos femininos brasileiros do século XIX. IN: **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 71, p. 232-251, dez. 2018.

BAHIA, Juarez. **Jornalismo, Informação, Comunicação**. São Paulo: Martins, 1971.

BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica: História da imprensa brasileira**. 5.ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa: Brasil – 1800 – 1900**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

BELTRÃO, Luiz. **Iniciação à filosofia do jornalismo**. Rio de Janeiro: Agir, 1960.

BETRON, Philippe e POULX, Serge. **Sociologia da comunicação**. Trad. Ana Paula Castellani. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Sotaques d'aquém d'além-mar**: Travessias para uma nova teoria de gêneros jornalísticos. São Paulo: Summus, 2008.

CARDOSO: Rafael (org.). **Impresso no Brasil, 1808-1930**: destaques da história gráfica no acervo da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro: Verso Brasil, 2009.

DINES, Alberto. **O papel do jornal**: uma releitura. 7.ed. São Paulo: Summus, 2001.

FARIAS, Ismael. ET ALL. A importância das primeiras tipografias no Brasil para a construção da memória e do patrimônio social. IN: Anais do Encontro Regional dos estudantes de Biblioteconomia, Documentação, Ciência e Gestão da informação, 2012.

FARO, Arnaldo. Eça e o Brasil, prefácio de Miécio Táci, São Paulo, Editora Nacional, Editora da Universidade de São Paulo, 1977, p. 223.

FERREIRA, Marie-Jo. **Os portugueses do Brasil, atores das relações luso-brasileiras, fim do século XIX - início do século XX**. Rio de Janeiro: Arquivo da Cidade do Rio de Janeiro, 2007. Disponível em <[http://www0.rio.rj.gov.br/arquivo/pdf/quartas\\_no\\_arquivo/2007/palestra\\_MarieJo\\_Ferreira.pdf](http://www0.rio.rj.gov.br/arquivo/pdf/quartas_no_arquivo/2007/palestra_MarieJo_Ferreira.pdf)>. Acesso em 5 jan. 2019.

FILHO, Ciro Marcondes. **Imprensa e Capitalismo**. São Paulo: Kairós, 1984.

FONSECA, Letícia Pedruzzi; "A PUBLICAÇÃO PERIÓDICA ILUSTRADA BRASILEIRA NO SÉCULO XIX", p. 424-436. In: Anais do 12º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design [=Blucher Design Proceedings, v. 9, n. 2]. São Paulo: Blucher, 2016.

GUIMARÃES, Valéria. Revistas francesas no Brasil Caminhos da modernidade: catálogos e mediadores (Rio de Janeiro e São Paulo, séculos XIX e XX). In: Territórios e Fronteiras (Online), v.9, p. 16-42, 2016. Acesso em 27/05/2019.

HOUBRE, Gabrielle. A belle époque das romancistas. Revista Estudos Feminino [online]. 2002, vol.10, n.2, pp.325-338. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php>. Acesso em 20/05/2019.

JARDIM, Alexandra Alba Picone. A Revista Moderna (1897-1899): Uma publicação brasileira em Paris. São Paulo : [s.l.], 2000. 299p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

LUCA, Tania Regina de (Org.); MARTINS, Ana Luiza(Org.). **História da Imprensa no Brasil**. V. 1. São Paulo, editora contexto, 2008.

LUTOSA, Isabel. **O nascimento da imprensa brasileira**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

MARQUES DE MELO, José. **História Social da Imprensa**: fatores socioculturais que retardaram a implantação da imprensa no Brasil. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003b.

MARQUES DE MELO, José (Org.). **Imprensa Brasileira – Personagens que fizeram a história**. Vol.3. São Paulo: Editora Imprensa Oficial Sp, 2008.

MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em revista**: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890 – 1922). São Paulo: Edusp, 2001.

MINÉ, Elza. **A Geração de 1870 e o Brasil**: Alguns ângulos e percursos. Via Atlântica, Brasil, n. 9, p. 213-224, jun. 2006. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50051>. Acesso em: 15 Nov. 2016.

MINÉ, Elza. Alguns Homens de Meu Tempo: e Outras Memórias de Jaime Batalha Reis. Coimbra: [s.n.], 2017.

MOLINA, Matías M. História dos jornais no Brasil. Da Era colonial à Regência (1500-1840). V.1. Companhia das letras, 2015.

MORAES, Rubens Borba de. **Bibliófilo aprendiz**. Rio de Janeiro: Briquet de Lemos, 2005.

MOREL, Marco. Os primeiros passos da palavra impressa. In: DE LUCA, Tania Regina, MARTINS, Ana Luiza (Orgs.). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

MOREL, Marco; BARROS, Mariana Monteiro de. **Palavra, imagem e poder**: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MOREL, Marco. **A imprensa periódica no século XIX**. 2005. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/redememoria/periodiccoxix.html>>. Acesso em: 27/09/2018.

MOURA, Ranielle Leal. Histórias das revistas brasileiras. IN: VIII Encontro Nacional de História da Mídia. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontrosnacionais-1/8o-encontro-2011.pdf/view>>. Acesso em 20 de setembro de 2018.

MULLER, Fernanda. No limiar entre literatura, memória e História: A “galeria da imprensa” Luso-brasileira na revista Brasil-Portugal (1899-1914). Letras & Letras, Uberlândia, v. 26, n.1, p. 255-270, jan. /jun.,2010. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/25588/14163>>. Acesso em 05 de julho de 2018.

NEVES, João Alves das. **As relações Literárias de Portugal com o Brasil**. Biblioteca Breve. Vol. 130. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa/Ministério da Educação e Cultura, 1992.

PERIOTTO, Marcília Rosa. A imprensa brasileira nos Oitocentos e a história da educação: Hipólito da costa e o *Correio Braziliense*. IN: Revista Série-Estudos, 2012. Disponível em: <http://www.serie-estudos.ucdb.br>. Acesso em: 27/09/2018.

PINHEIRO, Cintia Bravo de Souza. **Entre dois tempos, entre dois mundos: uma revista luso-brasileira chamada Moderna (1897-1899)**. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2012.

RIZZINI, Carlos. **O livro, o jornal e a tipografia no Brasil, 1550-1822**. Rio de Janeiro: Livraria Kosmos Editora, 1945.

RIZZINI, Carlos. **Hipólito da Costa e o Correio Braziliense**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. São Paulo: Contexto, 2003.

SEGISMUNDO, Fernando. **Imprensa Brasileira: vultos e problemas**. São Paulo: Alba, 1962.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. 4.ed. (atualizada). Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOUSA, Jorge Pedro. Uma história breve do jornalismo no Ocidente. 2008. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-uma-historia-breve-do-jornalismo-noocidente.pdf>>. Acesso em: 16/11/2018.

TEIXEIRA, Luiz Guilherme Sodré. **O traço como texto: história da charge no Rio de Janeiro de 1860 a 1930**. Rio de Janeiro: FCRB, Cadernos Avulsos, nº 38, 2001.

TENGARRINHA, José. **História da imprensa periódica portuguesa**. Lisboa: Caminho, 1989.

VIZEU JR, Alfredo Eurico. **Decidindo o que é notícia**. Os bastidores do telejornalismo. 5ª ed., 2014.

## ANEXOS

Tabela com excertos dos textos críticos publicado na revista

Data	Nº	Pág.	Seção	Título do texto	Excerto da Crítica	Autor
15 de maio de 1897	01	10	S/S	O Duque d'Aumale	Soldado bravo e vitorioso, era, também, o ilustre príncipe, <b>um escritor de grande talento e vasta erudição</b> , e d'entre as obras literárias que deixa, sobressaem: A história dos Príncipes da Casa de Conde; As instituições militares, da França; Os zuavos e caçadores a pé; O cativo do rei João; O Cerco d'I Alesia, etc.	M. B.
15 de maio de 1897	01	34	LIVROS NOVOS	Lou Pouémo dôu Rose (O poema de Rhodano)	Um poema em doze cantos e em provençal parecerá um fóssil literário <b>n'este tempo de obras de curto fôlego e de inspiração rápida e fatigada. [...]</b> <b>A falta de afinação com a alma poética dos povos se disfarça sob um falso aristocratismo literário, que não prestigia nem defende os efêmeros poemas insinceros. E a insinceridade provém das necessidades da produção profissional.</b> Cada um de nós quer dar toda a harmonia das esferas e são tão poucos os que cantam a simples canção que alegra ou que consola. Mistral é um desses.	D. G.
15 de maio de 1897	01	35	LIVROS NOVOS	<b>Les Jeux Rustiques et Divins</b> , poemas de Henri de Rognier	Uma única censura — <b>se um poeta como Henri de Régner fosse censurável — poderíamos fazer contra o tom soturno que acabará por tomar definitivamente a sua Poética assim empregada exclusivamente em arqueologia psicológica e simbolismo pessimista.</b>	D. G.
25 de junho de 1897	02	03	A NOSSA COLLABORAÇÃO	S/T	No próximo número da Revista Moderna, número especial do Natal e do Ano Bom, <b>publicaremos uma produção do poeta e romancista: HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA É mais um nome laureado que vem</b>	

					<b>juntar-se à lista dos nossos distintos colaboradores.</b>	
25 de junho de 1897	02	03	O NOSSO NUMERO	MARC <b>LEGRAND</b>	A Revista Moderna fazendo uma exceção a inserção exclusiva de texto em português, honrosa dá no presente número uma belíssima poesia inédita de Marc Legrand gentilmente oferecida pelo autor à nossa publicação. Chamamos a atenção dos nossos leitores para <b>esse inspirado trabalho que é mais uma afirmação do brilhante talento d'esse simpático poeta que tanto se tem ocupado das literaturas portuguesa e brasileira.</b>	
25 de junho de 1897	02	03	O NOSSO PRÓXIMO NUMERO	S/T	Entre outros artigos publicaremos um conto do <b>notável homem de letras</b> Eça de Queiroz	
25 de junho de 1897	02	03	O NOSSO PRÓXIMO NUMERO	O NUMERO DE EÇA DE QUEIROZ	<b>Afora o interesse com que o público português procura e deseja possuir tudo o que diz respeito ao Mestre, concorreu decerto poderosamente para tal sucesso o acolho brilhante que a imprensa daquele país fez a este número da Revista Moderna.</b>	
25 de Julho de 1897	03	03	CHRONIC A	Carta a Bento	Para apreciar em Literatura o livro mais profundo, atulhado de ideias novas, que o amor de laboriosos anos fortemente encadeou — apenas nos basta folhear aqui e além uma página, através do fumo escurecedor do charuto. Principalmente para condenar a nossa ligeireza é fulminante. Com que soberana facilidade declaramos — « Este ó uma besta! Aquele é um bandido! » Para proclamar — « E um gênio! » ou « É um santo! » oferecemos uma resistência mais escarpada. Mas ainda assim, quando uma boa digestão ou a macia luz dum céu ele maio nos inclinam a benevolência, também concedemos bizarramente, e só com lançar um olhar distraído sobre o eleito, a Coroa ou a Aureola— e abi empurramos para a popularidade um maganão enfeitado de louros ou nimbado de raios!	Eça de Queiroz

20 de agosto de 1897	04	07		Canovas del Castillo	Canovas del Castillo não foi somente um dos homens de Estado mais consideráveis d'este fim de século, mas também um grande escritor e um notabilíssimo letrado. A sua « História da Casa da Áustria » e a História da decadência da Espanha» são obras de grande saber e reputado valor.	M. Botelho
05 de setembro de 1897	05	03	CHRONICA	No mesmo hotel	Á Alfred de Musset, em versos medíocres mas imortais, nos ensinou quo quinze dias, quinze curtos o ligeiros dias,	Eça de Queiroz
20 de setembro de 1897	06	21	LIVROS NOVOS	S/T	Os seus versos traem a idade ainda curta, <b>pelas imperfeições da forma, pelo indeciso e hesitante do estilo, pelo incompleto, de muitas ideias e imagens; que, embora brilhantes, não tiveram tempo de amadurecer; traem-na também pela fácil e confiante ingenuidade com que nos contam alegrias e tristezas simples;</b> alegrias como as deve trazer a aurora, tristezas como as deve causar o crepúsculo às aves do campo.	M. A.
20 de setembro de 1897	06	21	LIVROS NOVOS	S/T	E encontrar um livro sincero consola o leitor, quando <b>certos escritores, desde os seus primeiros ensaios, se esforçam por criar uma personalidade fictícia, e encobrir cautelosamente o seu modo de ser com o véu de processos complicados, de complicadas teorias. Sincero— nem sempre significa— original —</b> em todo o valor da palavra; <b>criar novas fontes de emoções, novos moldes de arte, unia nova maneira de exprimir sentimentos eternos, é resultado só de tempo, o que cada escritor de talento só pôde com mais ou menos larga escala, quando atinge a maioridade intelectual.</b>	M. A.

20 de setembro de 1897	06	21	LIVROS NOVOS	S/T	0 Sr. Carvalho Aranha ainda se acha na fase em que, com exceções sumamente raras, o homem não ousa avançar em qualquer terreno sem arrimar-se às tradições, aos precedentes consagrados, o tom o receio instintivo de dar o que há próprio, inédito no seu temperamento. Por isso o autor das Primícias não se expande tão livremente, não só acha tão à vontade quando quer estudar problemas de filosofia transcendente, investigar a razão íntima das cousas-, descobrir as causas do mundo físico e do mundo moral, como quando se limita (e é o que faz geralmente) a traduzir com singeleza as impressões da sua alma juvenil.	M. A.
20 de setembro de 1897	06	21	LIVROS NOVOS	S/T	Quanto á valia estética do livro, me parece que há nele páginas muito superiores a outras; algumas de mérito relativo, algumas mesmo que se diriam de escritor feito, entre muitas onde o talento inexperto luta com as incorreções do metro e da linguagem. Entre as boas composições do volume se podem citar: Ângelus, Canção, Na praia, Sinfonia, Ao anoitecer, esta última admirável sobretudo, pois, a julgar pela data, o autor era um menino quando a escreveu. Em suma, a falta de perfeição no conjunto, descobrem-se aqui e ali essas candentes cintilações do sentimento que revelam o genuíno poeta.	
20 de setembro de 1897	06	21	LIVROS NOVOS	S/T	Os Poemas da juventude atolam habilidade e delicadeza de toques num gênero assaz difícil, todo feito de nuances e subtilezas. Ai está, por fim, o Modelo, que deu curso a renhida polemica por ocasião do concurso aberto há três anos pela Gazeta de Notícias, do Rio de Janeiro.	

20 de setembro de 1897	06	21	LIVROS NOVOS	S/T	Para terminar observarei que o livro revela tendências pronunciadas de cosmopolitismo intelectual — que aliás estão de acordo com uma das correntes dominantes na literatura moderna; não me refiro de certo a linguagem que é perfeitamente vernácula, salvo um ou outro peregriníssimo escusado; mas pelo assumpto, pelos cenários, pelas ideias, esses contos podiam tão bem ser escritos por um brasileiro como por um novelista de outra qualquer nacionalidade. E a prova é que, por exemplo, o Testamento do tio Pedro, onde o autor se esforçou por traduzir certos traços locais de paisagem americana, tem todo o ar de um conto português. De resto isso se explica facilmente, por que o Sr. Garcia Redondo fez em Portugal a sua educação literária.	
05 de outubro de 1897	07	13	LIVROS NOVOS	Passionário	Como invenção, é simples o romance. Como linguagem, é complicadíssimo. O Sr. Teotônio Freire ganharia muito desbastando o seu vocabulário. A sua frase é longa, torturada, difícil e obscura. Mudado o estilo e limitando-se o autor a simplicidade e a clareza da boa linguagem portuguesa que é muito suficiente quando as ideias são claras, o Passionario pode ser um bom romance. Vê-se que o meio foi bem observado e o autor revela acentuadas qualidades de colorido e de vida que mais se hão de salientar quando o escritor puder dispor de um mais perfeito instrumento de expressão.	Eduardo Prado
05 de outubro de 1897	07	26	S/S	Antônio Cândido	Antônio Cândido exerce em Portugal uma verdadeira realeza: a da palavra.	Eduardo Prado
20 de outubro de 1897	08	04	S/S	A nossa colaboração	Já no próximo número a Revista Moderna publicará um conto de TRINDADE COELHO um artista de raça e escritor poderoso, cujas novelas tão finamente observadas e tão caracteristicamente portuguesas, ocupam um dos primeiros lugares na literatura contemporânea.	

20 de outubro de 1897	08	04		O nosso próximo numero	A Revista Moderna publicará no seu próximo e NONO número um bellissimo conto inédito do apreciado escritor português <b>Trindade Coelho</b> . Dará também um artístico retrato do grande escritor brasileiro <b>Machado de Assis</b> , acompanhado da sua biografia, por Magalhães de Azeredo.	
20 de outubro de 1897	08	23	Livros novos	A literatura brasileira	A Literatura Brasileira, por Valentin Magalhães. O autor d'este volume tom sido seguramente um dos espíritos mais laboriosos, mais produtivos, mais vários da sua geração no Brasil.	
20 de outubro de 1897	08	23	Livros novos	A literatura brasileira	Nem sempre, entretanto, consegue suplantar a influência dispersiva que o avassala; ainda ultimamente o provou com o romance <b>Flor de Sangue</b> ; se este não teve êxito feliz, não foi de certo por falta de um talento que o autor já tem tão largamente demonstrado, não foi mesmo talvez por que a outras qualidades não se unam nele aptidões para esse gênero artístico, pois em não poucos trechos há ali colorido, movimento, paixão, vida em suma; foi antes, e sobretudo, por que ele cuidou poder empregar no romance, criação de tão complexa e severa responsabilidade — os processos habituais do jornalismo.	M.A.
20 de outubro de 1897	08	23	Livros novos	A literatura brasileira	Poder-se-ia notar também que o Sr. Valentin Magalhães, seguindo aliás uma opinião corrente, exagera talvez um pouco a influência do Romantismo francês no nosso período de indigeníssimo ; <b>não vejo por que a Iracema havia de ser uma inspiração da Atala à qual é superior na cor local, rivalizando com ela nas formosuras do estilo e nos encantos da poesia; quanto a Gonsalves Dias parece-me absolutamente original</b> , o próprio Domingos de Magalhães, se em muitas das suas composições líricas foi imitador de Lamartine, na Confederação dos Tamoios tudo deveu ao seu próprio talento; afigurasse-me também injustiça chamar « monstrengo » á celebre ode Napoleão em Waterloo... Mas em fim, essas e outras são opiniões individuais respeitáveis por que sinceras que não me cumpre examinar aqui.	M. A.

20 de outubro de 1897	08	26		A Grécia contemporânea	Este episódio, no entanto, bem autêntico da insurreição da Creta, não parece um trecho de romance-folhetim? Glorioso país onde até os bandidos são heróis e d'epopeia!	Xavier de Carvalho
20 de outubro de 1897	08	32	NOTICIÁRIO ILUSTRADO	Uma rainha doutora	Essa ilustre soberana, conhecida universalmente pelos seus trabalhos literários é um dos espíritos femininos mais eruditos e completos da Europa. Artista, poetisa e literata, a rainha da România aparece constantemente em público, sob o elegante pseudônimo de Carmen Sylvia, nome pelo qual Sua Majestade é geralmente conhecida.	
05 de novembro de 1897	09	14		Machado de Assis	Celebrar a Machado de Assis é celebrar propriamente a dignidade e a elevação da obra literária. [...]. Outra glória não pede e não quer senão a que lhe vem da sua própria obra. Vasta é ela, e vária, distribuída em tão largo tempo, com sinceridade e perseverança, por quase todas as « províncias da literatura », como antigamente se dizia.	
05 de novembro de 1897	09	14		Machado de Assis	Mas vê-se que Machado de Assis bebeu inspiração nas mesmas fontes que Garrett, de quem tem a graça meditativa e mórbida, sem ter de certo as áscuas do seu candente lirismo. Ele nasceu bem na sua época, e é deveras um moderno, a despeito de muita coisa que o fere acaso nos modernos costumes, a despeito dos clássicos encantos com que a sociedade antiga lhe acena dos seus longínquos nimbos.	
05 de novembro de 1897	09	14		Machado de Assis	Também foi gradualmente que na prosa se desenvolveu a sua índole de maravilhoso humorista, que no Braz Cubas atingiu o sumo grão de originalidade e independência. Os prenúncios de tal pendor apenas se lhe adivinham nos primeiros contos e romances pela preocupação psicológica e moralista; mas ainda os caracteres humanos lhe fornecem antes recursos dramáticos para o enredo e o desenlace da ação que estímulos para o exercício da sua magistral ironia.	

05 de novembro de 1897	09	15		Machado de Assis	Assim, os personagens de Machado de Assis são geralmente caracteres indecisos, hesitantes, atormentados pela moléstia da dúvida; incoerentes? Contraditórios? de acordo; mas verdadeiros por isso mesmo.	
05 de novembro de 1897	09	16		Machado de Assis	Também ninguém melhor que Machado de Assis acompanha e traduz as modificações lentas que sofre uma ideia até tornar-se volição e ato. Vede o caso dos cinco contos de réis no Braz Cubas, e o da Atalaia com o Rubião do Quincas Borba, e ainda o estudo magnífico do Enfermeiro nas Várias Histórias. Compreendo que, por vezes, os comentários do escritor se vos afigurem perversos, sendo somente justos. Um único homem ousou desnudar-se ante a posteridade, mostrar-se tal qual era; foi Rousseau nas Confissões; e fez logo a impressão de um monstro... Machado de Assis por sua parte, descobrindo em flagrante certos cantinhos obscuros de humanidade, ilumina-os de súbito com uma frase fulgurante.	
05 de novembro de 1897	09	16		Machado de Assis	Machado de Assis não tem o caráter duro que o estoicismo pede, e para ele a Dor é uma indubitável e inevitável realidade; o prazer é que não passa, acaso, de dor abortada...	
05 de novembro de 1897	09	16		Machado de Assis	E a ironia de Machado de Assis é particularmente acerba. Compara-o com os humoristas ingleses, sobretudo com Sterne, a quem o ligam algumas semelhanças de forma; aqueles são mais zombeteiros e menos profundos, interessando-se especialmente pelos contrastes graciosos e grotescos; Machado de Assis busca antes, ou encontra sem os buscar, contrastes moralmente trágicos;	
05 de novembro de 1897	09	16		Machado de Assis	Portugal tem hoje o seu grande humorista : Eça de Queiroz; mas este não é porventura tão amargo no brilho violento e militante dos seus períodos, como Machado de Assis na mansidão quase ingênua com que expõe os seus trechos de doutrina	

05 de novembro de 1897	09	16		Machado de Assis	Machado de Assis é, pois, de algum modo, um demolidor de ilusões e talvez de teorias, demolidor sem ódios nem exageros. Mas, em compensação, quantos e que altos monumentos de estilo têm construído! Por que o estilo é uma das condições superiores que asseguram a imortalidade á sua obra. Antes de tudo, ele possui na linguagem um instrumento admirável de expressão, conciliando a pureza castiça do idioma clássico com a maleabilidade, a precisão, a força sintética que >exige a literatura moderna. Sóbrio, exato, singelo por gosto e não por pobreza de vocabulário, ele não descarta as qualidades musicais do período; tem o habito da frase bem-feita, de tal jeito que as suas crônicas, e não raro as suas cartas, se podem ler como páginas de livro.	
05 de novembro de 1897		16		Machado de Assis	a ação para Machado de Assis não vale por si própria, como para os romancistas dramáticos ; vale unicamente como motivo de interpretação. Por isso ele não se apressa, como não se apressa o sábio que estuda um fenômeno curioso, e se preocupa só com as condições do experimento.	
05 de novembro de 1897		16		Machado de Assis	Cuido não errar afirmando que Machado de Assis, nu sua consciência, tem a fé intensa com que se apela das iniquidades transitórias para a Suprema Sabedoria, que concerta e harmoniza as aparentes contradições do universo.	
05 de novembro de 1897	09	16		Machado de Assis	De resto ser bom é ainda um dos meios mais seguros de ser feliz, e Machado de Assis é nobremente, essencialmente, bom.	Magalhães de Azeredo
	10	05		Eça de Queiroz	O incomparável romancista, que tanto tem enriquecido as letras portuguesas, apresenta, depois de dez anos em que ele parecia ter abandonado o Romance e a grande Arte d'observação, um novo trabalho que, naturalmente, será um considerável acontecimento literário em Portugal e no Brasil, n'estes últimos tempos.	M. Botelho

	10				— Ilustre Casa do Ramires —marcará talvez na vida do grande escritor o começo de um segundo período em que o estudo da realidade ideal será o novo o motor da sua obra.	
	10	06			A Revista Moderna neste número de homenagem a Eça de Queiroz, não poderia olvidar <b>o nome e a figura tão poderosamente simpáticos do grande escritor Ramalho Ortigão.</b>	
	10	07		EÇA DE QUEIROZ O passado — O presente	Cada frase, em letra aberta e igual, sem grosseiras de tinta nem complicações de rabiscos, desce sobre o papel. Entre as linhas há grandes claros; entre as palavras, os pontos e as vírgulas, largos espaços. Os grafólogos que examinam a letra de Eça de Queiroz dizem todos que ela revela, antes de tudo, — ordem e imaginação.	
	10	07		EÇA DE QUEIROZ	o escritor mostra esse dom da ordem que, ao serviço da imaginação, dá perfeição a obra d'arte e que, n'um romance d'Eça de Queiroz, cria o a realidade.	
		09		O passado — O presente	Os escritores de gênio advinham e os seus quadros são as melhores pinturas, como as instantâneas são as melhores fotografias.	
				EÇA DE QUEIROZ	Organizado como está, em toda a parte, o conjunto de afinidades, interesses e aversões que constituem o que se chama o mundo literário, nem sempre chega alguém a ter um nome por ter uma obra. Há casos em que primeiro se ganha o nome e depois faz-se ou não se faz a obra. Eça de Queiroz teve o nome e fez a obra.	
				O passado — O presente	A notoriedade ruidosa veio-lhe da sua colaboração nas <i>Farpas</i> . Houve um Xerxes que prometeu um prêmio enorme a quem descobrisse um prazer novo. <i>As Farpas</i> mereceriam o prêmio, porque descobriram um riso novo em Portugal. Pode-se dizer que, depois da primeira fase das <i>Farpas</i> , a palavra verve tornou-se portuguesa. Ramalho Ortigão fez, depois das <i>Farpas</i> , um grande instrumento de educação nacional.	

				EÇA DE QUEIROZ	Ramalho Ortigão, hoje o glorioso ressuscitador do amor pela arte portuguesa, o legislador da sua estética, o defensor dos seus monumentos e, pode-se dizer, que o descobridor da beleza e da poesia da paisagem e dos costumes populares de Portugal, tão singularmente esquecidas,	
				O passado — O presente	Ramalho Ortigão ainda tinha o deslumbramento do Paris napoleônico de 1867. Ele e Eça de Queiroz olhavam para Portugal como para um país estranho, que muito mal conheciam, que amavam com um amor muito vago, muito indefinido, que nem ousavam até confessar. Viam o seu país ridículo, porque o ridículo é apenas a desconveniência das cousas que vemos com as ideias que temos.	
				EÇA DE QUEIROZ	Depois da morte de Garrett e do silencio do Herculano, estacara o movimento nacionalista que ficou sem influencia que no sentimento da vida, diária. Não saiu essa influência fora do círculo da erudição e dos muito letrados.	
				O passado — O presente	O romancista tornou-se crítico, moralista, ensaísta, e cronista de um vigor, de uma originalidade e sobretudo, de uma elegância sem rivais, na língua portuguesa. O seu estilo tornou-se cada vez mais seu e, para o público que ávido em Portugal e no Brasil, dispensavam assinatura ás riquezas literárias que ele tem prodigalizado em jornais e em revistas.	
		10		EÇA DE QUEIROZ	Com os livros que tem esboçados, escritos e até impressos e que furta a publicidade, não os julgando bons, podiam-se fazer duas ou três celebridades literárias.	
		11		O passado — O presente	A procura da perfeição na sua obra, levou Eça de Queiroz, corregido do estrangeirismo que enfurecia Camillo, a grande consolação de ter amor e entusiasmo pela sua terra.	

		11		EÇA DE QUEIROZ	<p>Ha na obra de Eça de Queiroz linhas e capítulos que ele hoje desejaria não ter escrito. E tão rico que pôde, sem medo de empobrecer, fazer destes cortes na sua fortuna.</p> <p>A sua inteligência é por demais clara e o seu juízo crítico por demais seguro para ter hesitações quando se julga a si mesmo.</p>	
				O passado — O presente	<p>Mais feliz que Balzac que, quando tinha de encaixar versos nos seus romances, pedia o auxílio dos amigos poetas, Eça de Queiroz, quando tem de pôr versos na sua prosa, falos em casa, tão bem como a maioria dos que se dão a essa especialidade, às vezes sublime e não raro amena. Mostra n'isso a mesma extraordinária habilidade com que faz tudo e que se revela na sua prontidão e facúndia em improvisar extraordinaríssimos desenhos. Quase todos os personagens dos seus romances, ele os desenha e ficam-lhe na memória como tipos imutáveis.</p>	
				EÇA DE QUEIROZ	<p>As leituras de Eça de Queiroz são rápidas e múltiplas. Às vezes, são feitas em voz alta e de tal modo, que não há versos que pareçam mãos, quando ele os lê com boa vontade; e prosas bem incolores tornam-se eloquentes. De vez em quando, faz dessas leituras, tendo em mão um volume de Victor Hugo. É um delírio</p>	
	11			A nossa colaboração	<p>No próximo número da Revista Moderna, número especial do Natal e do Ano Bom, publicaremos uma produção do poeta e romancista: HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA. E mais um nome laureado que vem juntar-se a lista dos nossos distintos colaboradores.</p>	
	11	13		A floresta negra	<p>Os homens os mais ilustres, nas ciências, nas letras e nas artes passaram por Heidelberg, deixando na sua maioria, ligada à tradição da vida escolar, um romance de histórias galantes ou aventuras de espadachins que tanto contribuíram para dar a esse grande centro intelectual a fama legendária pela qual ele é universalmente conhecido.</p>	

**Quadro dos Textos literários publicados em 1897**

<b>Título do texto</b>	<b>Autor</b>	<b>Gênero</b>
<i>A Revista</i>	Eça de Queirós	Crônica
<i>A perfeição</i>	Eça de Queirós	Crônica
<i>José Mathias</i>	Eça de Queirós	Conto
<i>Carta a Bento</i>	Eça de Queirós	Crônica
<i>A Yara</i>	Magalhães de Azeredo	Conto
<i>Na praia</i>	Eça de Queirós	Crônica
<i>A força do nome</i>	Domício da Gama	Conto
<i>No mesmo hotel</i>	Eça de Queirós	Crônica
<i>Antigas visitas</i>	Eça de Queirós	Crônica
<i>A avó</i>	Magalhães de Azeredo	Poema
<i>O ar de família</i>	Magalhães de Azeredo	Conto
<i>França e Sião</i>	Eça de Queirós	Crônica
<i>Encíclica Poética</i>	Eça de Queirós	Crônica
<i>José Fraldão</i>	Trindade Coelho	Conto
<i>O marquesinho de Blandford</i>	Eça de Queirós	Crônica
<i>A ilustre casa de Ramires</i>	Eça de Queirós	Romance
<i>De três respostas</i>	Conde de Sabugosa	Poema

**Quadro dos Textos literários publicados em 1898**

<b>Título do texto</b>	<b>Autor</b>	<b>Gênero</b>
<i>Noite de inverno</i>	Magalhães de Azeredo	Poema
<i>Um brinde</i>	Fontoura Xavier	Poema
<i>O natal português</i>	Magalhães de Azeredo	Conto

<i>O natal em Paris</i>	Xavier de Carvalho	Conto
<i>O natal de Voltaire</i>	Eduardo Prado	Conto
<i>Crônica de Inverno</i>	Arnaldo Fonseca	Crônica
<i>O vapor</i>	Henrique Lopes de Mendonça	Poema
<i>Manoel Maçores</i>	Trindade Coelho	Conto
<i>O Deus dos típicos</i>	Arnaldo Fonseca	Conto
<i>O fugitivo</i>	Henrique de Vasconcelos	Conto
<i>Mandovi</i>	Coelho Neto	Conto
<i>Um cosmopolita</i>	Domicio da Gama	Conto
<i>O homem de cera</i>	Valentim Magalhães	Conto
<i>Vela branca</i>	Magalhães de Azeredo	Poema
<i>A estátua</i>	Justino de Montalvão	Conto
<i>Sóro</i>	Magalhães de Azeredo	Poema
<i>Comédia</i>	Matilde Serrão	Conto
<i>Meu mané</i>	Luiz Serrão	Conto
<i>Dois sonetos</i>	Fontoura Xavier	Poema
<i>A cansoada</i>	Abel Botelho	Conto
<i>Suprema tristitia</i>	Luís de Aragam	Poema
<i>O banco de coral</i>	Álvaro Martins	Poema
<i>Um livro</i>	Eugenio Savard	Poema
<i>Hino a Loie Fuller</i>	Magalhães de Azeredo	Conto
<i>As alminhas</i>	Abel Botelho	Conto
<i>Jesus de Nazareth</i>	Xavier de Carvalho	Crônica
<i>Minha frota</i>	Afonso Celso	Poema
<i>Miss epaminondas</i>	Domicio da Gama	Conto
<i>O suave milagre</i>	Eça de Queirós	Conto

<i>Extrema crença</i>	Theodoro Rodrigues	Poema
-----------------------	--------------------	-------

**Quadro dos Textos literários publicados em 1899**

<b>Título do texto</b>	<b>Autor</b>	<b>Gênero</b>
<i>A Garret</i>	Magalhães de Azeredo	Poema
<i>Carvões</i>	José de Figueiredo	Crônica
<i>Revelação</i>	Theodoro Rodrigues	Poema
<i>Horas de tédio</i>	Domingos Guimarães	Conto
<i>Suprema sedução</i>	Joaquim de Araújo	Poema
<i>Asas</i>	Oliveira Gomes	Conto
<i>As pedras preciosas</i>	Luís Guimarães Filho	Poema
<i>Vou ser pae</i>	Valentim de Magalhães	Poema
<i>As montanhas</i>	Xavier Fontoura	Poema